



AS PLANTAS AROMÁTICAS MEDICINAIS E CONDIMENTARES



Portugal Continental
2012

Índice

1.	Introdução	4
2.	Informação existente	5
2.1.	Fontes estatísticas	5
2.2.	Base de agricultores do Modo de Produção Biológico	5
2.3.	Pedidos de apoio do ProDer e base da DGAV	7
3.	Conceção e realização do IPAM, GPP	8
3.1.	Obtenção da lista de produtores	8
3.2.	Construção da ficha de notação	8
3.3.	Recolha da informação	9
3.4.	Qualidade da informação	11
4.	O apuramento dos resultados	13
4.1.	Visão global do setor	13
4.2.	Características gerais	14
4.3.	Áreas de PAM por espécies	17
4.4.	O género, a idade e a escolaridade	19
4.5.	As tecnologias de produção	21
4.6.	Outras informações	25
5.	Tipologia de produtores de PAM	28
5.1.	Os produtores de PAM em modo de produção convencional	28
5.2.	Os produtores de PAM em modo de produção biológico	30
5.3.	Os produtores de PAM para consumo em verde	31
5.4.	Os produtores de PAM para seco	33
5.5.	Os produtores de óleos essenciais	35
6.	O apoio ao investimento	36
6.1.	Os pedidos de apoio ao investimento	36
6.2.	Os níveis de investimento e de apoio	39
6.3.	Áreas de PAM segundo os pedidos de investimento	42
6.4.	Análise do investimento dos jovens agricultores	45
6.5.	Natureza jurídica dos candidatos	50
7.	Uma abordagem económica à produção primária	51
7.1.	Base metodológica	51
7.2.	As espécies cultivadas mais representativas	52
7.2.1.	PAM em fresco	53

7.2.2. PAM secas	54
7.2.3. PAM produzidas em estufas e viveiros	55
7.3. Determinação do Valor da Produção Padrão - VPP	57
7.3.1. VPP das PAM frescas	58
7.3.2. VPP das PAM secas.....	59
7.3.3. VPP das PAM em viveiros.....	59
7.3.4. VPP final para as PAM	60
8. Enquadramento mundial e europeu.....	62
8.1. O mercado comunitário	62
8.2. O comércio mundial e europeu.....	63
8.3. O comércio internacional de Portugal	66
8.3.1. Importação total de PAM.....	67
8.3.2. Exportação total de PAM	68
8.4. A balança comercial das PAM	69
8.4.1. Importação de PAM por grupo de produtos.....	70
8.4.2. Exportação de PAM por grupo de produtos	72
8.4.3. Importação de PAM por país.....	74
8.4.4. Exportação de PAM por país	75
8.4.5. Balança comercial com os principais parceiros comerciais	76
8.4.6. Balança comercial por grupo de produtos.....	79
9. Conclusões.....	82
Anexo I – Formulário do inquérito	
Anexo II – Lista de conceitos	

Siglas

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPAM, GPP – Inquérito do GPP às explorações agrícolas de PAM do Continente

JA – Jovens Agricultores

MPB - Modo de Produção Biológico

NC – Nomenclatura Combinada

ProDer – Programa de Desenvolvimento Rural do Continente 2007-2014

PAM – Plantas aromáticas, medicinais e condimentares

RA09 – Recenseamento Agrícola do Continente de 2009

1. Introdução

Nos últimos anos assistiu-se ao aparecimento de novas explorações dedicadas à produção de plantas aromáticas, medicinais e condimentares, PAM, em Portugal Continental. Embora com um peso relativamente diminuto comparado com outros setores agrícolas, apresenta uma dinâmica de crescimento notável, atraindo para esta atividade novos produtores.

Esta dinâmica resultou na realização de um inquérito à produção, impulsionado pelos produtores e associações de desenvolvimento local, parte ativa na sua preparação e concretização. A partir do inquérito foi possível produzir o presente estudo e, desta forma, contribuir para um melhor conhecimento do setor.

O estudo pretende, pois, fazer um retrato do setor do ponto de vista da produção primária a partir do tratamento dos resultados do inquérito, completado ainda com outras fontes de informação, de que se salienta os dados fornecidos pelo Programa de Desenvolvimento Rural do Continente 2007-2013, ProDer.

O estudo está estruturado em sete capítulos, das questões metodológicas do inquérito até aos dados do comércio internacional, passando pela análise dos resultados do inquérito e da informação sobre o investimento apoiado pelo ProDer, e apresentando ainda a primeira estimativa do valor de produção padrão para as PAM, de forma agregada e para o total do setor.

Os resultados obtidos mostram um setor que duplicou o número de produtores, aumentou substancialmente as áreas em produção, e se o peso económico poderá parecer pouco significativo comparativamente com outros, também se verifica que atraiu muitos agentes de fora do setor, jovens e com elevado grau de formação escolar, cujos efeitos podem ir para além da dimensão dos números em si.

Foram identificadas quatro tipologias de base ao nível da produção, que dividem o setor em dois segmentos relativamente distintos e autónomos: os produtores de PAM para consumo em verde, produzindo maioritariamente em modo convencional, e os produtores de PAM para secar, predominantemente biológicos. Em todos dominam as empresas de pequena dimensão, capital e trabalho intensivas.

A opção por unidades de pequena dimensão permitiu ultrapassar mais facilmente a barreira da necessidade de terra, ou facilitar a possibilidade de diversificação de empresas já instaladas. Mas a dimensão pode igualmente ser uma limitação quando se precisa de dimensão para o mercado.

Finalmente, sendo atividades trabalho-intensivas, as PAM constituem uma mais-valia para as regiões onde se inserem, potenciando a criação de emprego em meio rural.

2. Informação existente

2.1. Fontes estatísticas

A elaboração do estudo iniciou-se com o levantamento da informação estatística existente, que se verificou ser escassa.

Do ponto de vista estatístico o setor das PAM só recentemente foi individualizado nos grupos das culturas hortícolas, culturas permanentes e outras culturas industriais, pelo Regulamento (CE) Nº 1166/2008 do Parlamento e do Conselho¹.

O Recenseamento Agrícola do Continente, RA09, operação estatística exaustiva, isto é, com a vantagem de efetuar um levantamento das explorações agrícolas e respetivas características, incluiu estas atividades autonomamente, constando os seus resultados do quadro 1.

Quadro 1. Produtores e áreas de PAM, 2009

Região Agrária	Nº. Produtores	Total (ha)	Ha/Produtor
Continente	93	80,32	0,9
Norte	17	10,44	0,6
Centro	10	10,35	1,0
Lisboa e Vale do Tejo	38	40,28	1,0
Alentejo	9	15,66	1,7
Algarve	19	3,59	0,2

Fonte: RA09

Em 2009 foram recenseados 93 produtores com uma área total de 80,32 hectares, distribuídos de forma heterogénea pelas 5 regiões agrárias. A área média por produtor era inferior a 1 hectare.

2.2. Base de agricultores do Modo de Produção Biológico

Outra fonte de informação é a base de notificações do Modo de Produção Biológico (MPB), obrigatória para todos os agricultores que pretendam certificar produto obtido neste modo de produção a fim de comercializar os produtos com a respetiva designação. Esta informação está sintetizada nos quadros 2 e 3, respetivamente, com dados a nível do Continente e com a desagregação regional.

¹ Regulamento (CE) Nº 1166/2008 do Parlamento e do Conselho, de 19 de Novembro de 2008, relativo aos inquéritos sobre a estrutura das explorações agrícolas e ao inquérito aos modos de produção agrícola, e que revoga o Regulamento (CEE) nº 571/88 do Conselho, Jornal Oficial L 321 de 1.12.2008.

Quadro 2. Produtores e áreas de PAM em MPB

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Produtores	27	37	51	54	50	70	173	197
Área (ha)	230	242	84	75	167	1625	1430	1324

Fonte: DGADR e GPP - Estatísticas de Produtores em MPB

Quadro 3. Áreas de PAM em MPB por Região Agrária (ha)

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Continente	230	242	84	75	167	1 625	1430	1 324
Entre Douro e Minho	7	10	14	16	43	25	23	38
Trás-os-Montes	0	0	1	4	3	3	2	2
Beira Litoral	11	10	14	11	14	16	1 022	1 020
Beira Interior	3	3	0	3	3	1	2	6
Ribatejo e Oeste	8	12	16	20	9	1 517	258	183
Alentejo	198	194	25	15	86	35	47	43
Algarve	3	13	15	6	9	29	75	32

Fonte: DGADR e GPP – Estatísticas de produtores em MPB

Esta informação é obtida a partir de fontes administrativas: as já referidas notificações do MPB e os relatórios dos Organismos de Controlo (OC), entidades privadas nas quais a Administração Pública delega todas as funções de controlo e certificação dos produtos.

Como não existe obrigatoriedade dos produtores informarem quando abandonam este modo de produção, a utilização destas fontes de informação administrativa tem vindo a ser aperfeiçoada através do cruzamento dos dados comunicados por produtores e por OC, investigando-se sempre as justificações das divergências que surgem.

Esta base é de interesse relevante dado o elevado número de produtores que optaram por este modo de produção, em particular para os de PAM em seco.

Comparando a informação proveniente do RA09 com a resultante deste tratamento, somos confrontados com valores muito discrepantes. Este facto deve-se a que o Recenseamento aborda apenas os produtores agrícolas que possuam uma exploração agrícola que respeite os limiares mínimos de dimensão física ou de atividades que se encontram estipulados. Se o produtor só exercer esta atividade - PAM, deverá fazê-lo na extensão de, pelo menos, 5 ares. Trata-se de atividades agrícolas que são desenvolvidas com utilização das práticas apropriadas: preparação do solo, plantação, sementeiras, tratamentos e restantes operações necessárias.

No caso dos dados provenientes da base das notificações, têm expressiva influência nos apuramentos as áreas declaradas de vegetação espontânea, nas quais os operadores apenas se limitam a colher as PAM visadas.

Estamos, assim, perante duas fontes de informação que não são comparáveis. Contudo, a base de dados administrativos do MPB é útil ao Sistema Estatístico Nacional, na medida em que permite ao INE identificar produtores agrícolas que correspondam ao conceito subjacente aos

recenseamentos, e inclui-los no universo de inquiridos nestas operações estatísticas. De igual modo contribui para que o apuramento do Valor da Produção Vegetal, obtido em cada ano e divulgado, nomeadamente, através das Contas Económicas da Agricultura, seja aperfeiçoado com o conhecimento da produção deste setor.

2.3. Pedidos de apoio do ProDer e base da DGAV

Da base de dados do sistema de informação do Programa de Desenvolvimento Rural do Continente 2007-2014 (ProDer) relativa aos pedidos de apoio ao investimento, apresentados desde 2008 e até ao primeiro trimestre de 2013, retira-se que foram aprovados:

- 138 projetos de instalação de jovens agricultores;
- 57 projetos de apoio ao investimento na exploração agrícola, dos quais 35 de jovens agricultores;
- 15 projetos para financiar pequenos investimentos nas explorações, dos quais 14 de jovens agricultores.

O somatório das áreas declaradas nos projetos de investimento relativos aos jovens agricultores totaliza 240,61 hectares.

Foi ainda possível trabalhar a partir da base disponibilizada pela Direção Geral de Alimentação e Veterinária sobre os viveiristas a qual, embora não individualize a atividade relativa às PAM, permitiu identificar aqueles que se dedicam ao setor para efeito da conceção da listagem de produtores a incluir no inquérito.

Em síntese, constatou-se que a informação disponível não é comparável por assentar em metodologias muito diferentes e corresponder a períodos de referência não coincidentes.

O INE regista áreas e produtores em produção efetiva, enquanto a base do MPB tanto regista produções reais como intenções de produção. No que respeita aos projetos de investimento, sabe-se que há projetos já concretizados, outros ainda não. São, contudo, fontes disponíveis que, nas situações em que foi legalmente possível, contribuíram para construir o universo de partida para lançar o inquérito, bem como ter pontos de referência para medir o grau de aderência dos resultados obtidos.

Este panorama reforça a necessidade de promover uma atuação para o melhor conhecimento do setor das PAM, e o interesse da realização do inquérito promovido pelo GPP.

3. Conceção e realização do IPAM, GPP

A conceção do Inquérito às Plantas Aromáticas, Medicinais e Condimentares em 2012 (IPAM), efetuada num período relativamente curto, apresentou alguns desafios, de que se salientam a constituição da base de produtores a inquirir e a sua programação para acesso e resposta *online*.

3.1. Obtenção da lista de produtores

A construção do universo de produtores agrícolas de PAM a inquirir baseou-se nas fontes de informação que foram sendo disponibilizadas, das que estavam acessíveis através de uma pesquisa direcionada, e no apoio da Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Moura (ADCMoura) através do projeto EPAM, *Empreender na fileira das PAM em Portugal*.

O universo de inquirição era constituído pelos produtores em atividade, incluindo neste conceito os viveiristas (produtores de material de propagação vegetativa), tendo como referência a campanha 2011/2012 (ano agrícola 1 de outubro 2011 a 30 de setembro 2012), em explorações com acompanhamento técnico das culturas, cobrindo a produção para consumo em verde, em seco e para a produção de óleos essenciais, com uma dimensão mínima. Assim, as empresas a inquirir eram explorações agrícolas que apenas possuíam esta atividade numa área mínima de 5 ares, ou explorações agrícolas com outras atividades e simultaneamente uma área mínima de 5 ares de PAM. Foram excluídos os agentes que colhem plantas espontâneas.

3.2. Construção da ficha de notação

Com a realização deste inquérito visava-se:

- Caracterizar os produtores de PAM e o tipo de mão-de-obra;
- Caracterizar a estrutura das explorações agrícolas com produção de PAM;
- Conhecer os seus sistemas de produção;
- Conhecer as práticas culturais mais utilizadas;
- Conhecer a distribuição da origem do rendimento da exploração;
- Obter um conjunto de informação relacionada com o desenvolvimento rural e com as outras atividades lucrativas não agrícolas da exploração.

Para identificar as questões a colocar no instrumento de notação e clarificar a sua formulação de modo a atingir os objetivos propostos, foram determinantes os conhecimentos e competências técnicas do GPP e os contactos com produtores, associações e técnicos envolvidos no setor. Estes contactos permitiram igualmente estabelecer os conceitos que deveriam ficar subjacentes às questões colocadas, incluídos no manual de instruções de preenchimento, necessário para garantir a uniformização das respostas.

A ficha de notação e respetivas instruções de preenchimento foram testadas através da realização de entrevistas a produtores para verificar a sua coerência e facilidade no preenchimento.

O formulário, anexo I, inclui questões de ordem geral relativas à exploração e ao seu gestor, como a localização, idade, formação, natureza jurídica; modos de produção; questões de natureza económica relativas à comercialização, origem dos rendimentos; e ainda uma parte relativa às questões técnicas relacionadas com a produção. Existe coincidência nos conceitos e critérios adotados, nas situações em que tal era possível, deste inquérito e do recenseamento agrícola, isto é, há conformidade entre esta operação e as operações estatísticas do INE ligadas a explorações agrícolas (recenseamento e inquéritos estruturais e setoriais).

As espécies de PAM contempladas neste inquérito são as consideradas representativas do universo em análise, em número de 174, e constam da lista incluída no formulário. A produção industrial de papoila com objetivos medicinais e que já se encontra em produção na zona do Alqueva, não foi considerada neste inquérito.

O formulário eletrónico foi programado para ficar disponível *online* aos respondentes para preenchimento no *site* do GPP, tendo sido atribuído para o efeito um código de acesso a cada produtor.

3.3. Recolha da informação

Para proceder à recolha de dados o GPP notificou os agricultores a inquirir, através de um ofício circular, apresentando os motivos de realização desta operação estatística e solicitando a sua melhor colaboração. O referido ofício foi acompanhado do formulário e manual de instruções para o seu preenchimento e foi enviado por via eletrónica para todos os produtores que constavam da base constituída, com a informação do respetivo código, atribuído para acesso ao *site* do GPP.

A recolha da informação iniciou-se em outubro de 2012, prevendo-se inicialmente que decorresse durante 2 meses, que se revelou ser insuficiente, pelo que foi retomada numa segunda fase, de março até final de maio de 2013.

Na primeira fase foram enviados 154 correios eletrónicos com códigos de acesso individualizados, a que se acrescentou o envio de mais 48 cartas, por via postal. Na segunda fase, de março a maio de 2013, foram enviados 280 correios eletrónicos, cobrindo os produtores que não responderam na primeira fase e um número adicional de novos endereços, entretanto disponibilizados (quadro 4).

Quadro 4. Universo auscultado

Outubro – Dezembro de 2012			Março – Maio de 2013
Correios eletrónicos	Via postal	Total	Correios eletrónicos
154	48	202	280

Fonte: IPAM, GPP

Após controlo e verificação, apuraram-se 266 produtores e viveiristas, dos quais 147 foram confirmados como produtores de PAM e os 119 restantes correspondem a um universo heterogéneo, que inclui produtores que já não produzem PAM por razões diversas, que não detinham a área mínima requerida e, ainda, um pequeno número de recusas de resposta ao inquérito. Dos 147 ativos, foi possível identificar 85 que estavam em produção e 62 que ainda não estavam em produção em 2012 (quadro 5).

Quadro 5. Validação do universo auscultado

Universo validado			Produtores de PAM		
Produtores de PAM	Produtores não PAM	Total	Ativos	Potenciais	Total
147	119	266	85	62	147

Fonte: IPAM, GPP

Considerando os 147 produtores de PAM identificados, constatamos que 72% deste universo respondeu ao inquérito, e esta percentagem sobe para 85% se considerarmos exclusivamente os produtores ativos, isto é, em produção à data do inquérito (quadro 6).

Quadro 6. Resultados do inquérito sobre o universo auscultado

Produtores de PAM ativos e potenciais			Produtores em produção em 2012		
Auscultados	Responderam ao IPAM	%	Auscultados	Responderam ao IPAM	%
147	106	72	85	72	85

Fonte: IPAM, GPP

O inquérito abrangeu todos os produtores de PAM independentemente da sua utilização final e feito por via eletrónica, pela primeira vez, para um universo de produtores agrícolas. Tal opção resultou da conjugação da existência de recursos e competências técnicas no GPP para a sua conceção e acompanhamento, e do conhecimento do setor com apoio proveniente de produtores e associações de desenvolvimento local que atuam nesta área. A formação escolar dos produtores, considerada em geral de nível elevado, foi outro fator determinante para a escolha do método de recolha dos dados.

De realçar que, para além das dificuldades inerentes à construção do universo, a não obrigatoriedade de resposta aliada à necessidade de uma atitude pró-ativa para responder, implicaram um esforço adicional e mais interventivo da equipa envolvida, bem como dos próprios produtores. Foram necessárias várias insistências e contactos junto do universo identificado para a obtenção das 106 respostas em 147 produtores identificados (41 não responderam).

3.4. Qualidade da informação

A verificação e o controlo das respostas da totalidade do universo (controlo de exaustividade) foram feitos ao longo de todo o período de duração da inquirição, procedendo-se às insistências predominantemente por telefone.

Os valores introduzidos nas fichas de notação preenchidas, após a entrada *online*, foram avaliados do ponto de vista quantitativo e qualitativo, visando-se a sua coerência e consistência. Após essa verificação, e sempre que necessário, foram feitos telefonemas ou enviadas mensagens adicionais de modo a completar e validar os dados comunicados.

Ao longo de todo o período foram feitas várias insistências para melhoria da taxa de resposta, completadas com algumas visitas ao campo para melhor perceção do registado.

O balanço final da opção por formulário eletrónico é positivo dado que a taxa de respostas com valores superiores a 72% permite qualidade estatística suficiente para tratamento dos dados e divulgação dos resultados.

Embora considerando-se que os valores não são comparáveis, as fontes e os anos de referência são diferentes, construiu-se o quadro 7 com a informação relativa ao número de produtores identificados pelas vias atualmente disponíveis, por Direção Regional de Agricultura e Pescas (DRAP), que permite enquadrar o ficheiro organizado para a realização do IPAM.

Quadro 7. Nº de produtores de PAM segundo várias fontes, por DRAP

Fontes	RA09	IPAM, GPP	Projetos JA ProDer aprovados De 2008 a 31/3/2013
Norte	17	27	61
Centro	10	20	25
LVT	38	19	17
Alentejo	9	33	29
Algarve	19	7	6
Continente	93	106	138

Fontes: as referidas no quadro

Da mesma forma se construiu o quadro 8 relativo às áreas de produção identificadas pelas mesmas fontes e, naturalmente, com as mesmas limitações quanto à leitura comparativa entre elas. Relembre-se que os dados relativos ao ProDer incluem quer produções efetivas quer intenções de produção (potenciais produtores), não passíveis de separação.

A utilidade desta informação centra-se, sobretudo, na perceção da evolução passada e na futura. É seguro inferir que as áreas em produção terão duplicado entre as campanhas de 2008/09 e 2011/2012 (no decurso de três anos agrícolas) comparando os 80,32 ha do RA09 com os 179,91 ha do IPAM.

Quadro 8. Áreas dedicadas às PAM segundo várias fontes, por DRAP (ha)

Fontes	RA 09	IPAM, GPP	Projetos JA ProDer aprovados De 2008 a 31/3/2013
Norte	10,44	22,13	94,37
Centro	10,35	25,55	36,90
LVT	40,28	58,75	35,51
Alentejo	15,66	70,34	63,64
Algarve	3,59	3,13	10,19
Continente	80,32	179,91	240,61

Fontes: as referidas no quadro

4. O apuramento dos resultados

Os resultados globais, de estrutura e específicos são apresentados no presente capítulo, e são completados com o capítulo 6 que contém a estimativa económica da produção primária, realizada a partir dos dados do IPAM e de uma sondagem específica e orientada a um conjunto de produtores.

4.1. Visão global do setor

Os resultados globais distribuídos pelas áreas geográficas das cinco Direções Regionais de Agricultura e Pescas: Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo (LVT), Alentejo e Algarve, constam do quadro 9.

Dos 106 produtores que responderam ao inquérito, 72 produtores (68% do total) estavam em produção, aos quais corresponde uma área total de 179,9 ha. Os restantes 34 (32% do total) responderam que tinham iniciado a atividade mas não tinham produção declarável. Da área em produção, 97,1 ha (54% do total), está em MPB ar livre, enquanto o modo de produção convencional ar livre apresenta 72,9 ha (41% do total) e a área de estufas 9,9 ha (6% do total). Temos, pois, uma dominância das áreas em MPB sobre o convencional.

Constata-se que os produtores, com exceção do Algarve, estão distribuídos por todo o território, mas com uma dominância na zona costeira norte e centro, e ainda Alentejo.

No Norte, Centro e Algarve dominam as áreas em MPB face às convencionais, que apresentam valores pouco significativos nestas regiões. No Alentejo as áreas relativas aos dois modos de produção são da mesma ordem de grandeza; e em LVT dominam as áreas em convencional, região que detém igualmente a maior área de estufas, mais de 60% do total.

Quadro 9. Números de produtores e áreas de PAM segundo o modo de produção, por DRAP

Região	Inquéritos Validados		Produtores		Área MPB		Área Convencional		Estufas		Área total	
	Nº	%	Nº	%	ha	%	ha	%	ha	%	ha	%
Norte	27	25	15	21	20,43	21	0,50	1	1,20	12	22,13	12
Centro	20	19	16	22	22,13	23	2,00	3	1,42	14	25,55	14
LVT	19	18	14	19	15,32	16	37,38	51	6,05	62	58,75	33
Alentejo	33	31	23	32	36,70	38	32,54	45	1,10	11	70,34	39
Algarve	7	7	4	6	2,50	3	0,52	1	0,11	1	3,13	2
Continente	106	100	72	100	97,08	100	72,94	100	9,89	100	179,91	100

Fonte: IPAM, GPP

Dos 106 inquiridos, 21 declararam-se viveiristas, dos quais 8 exerciam a atividade em exclusividade, e 13 eram igualmente produtores de PAM.

4.2. Características gerais

Relativamente ao destino final da produção (quadro 10), dos 72 produtores que declararam ter produção, 32% vendem em verde, 64% em seco, 10% extraem óleos essenciais e 26% têm viveiros. Os produtores de PAM secas são, pois, o dobro dos produtores de PAM em verde. Comparativamente, há poucos produtores a extraírem essências e, na maioria, fazem mais do que um tipo de destino final de produção.

Quadro 10. Produtores segundo o destino final da produção

Modo de Produção	Nº Produtores	Destino final da produção			
		Verde	Secado	Óleos	Viveiros
Convencional	16	9	3	1	7
MPB	60	14	45	7	14
Total	72	23	46	7	19

Fonte: IPAM, GPP

No quadro 11 sintetiza-se a informação das áreas em produção por DRAP, para cada um dos modos de produção e segundo o destino da mesma, calculando-se os valores médios das áreas por produtor para cada um destes subgrupos.

A área média do Continente, para todas as tipologias estudadas, é 2,5 ha/produtor, varia entre um mínimo de 1,48 ha no Norte e 4,20 ha em LVT, com um valor no Alentejo que duplica o do Norte. Estas diferenças atenuam-se quando se trata do MPB, onde a dimensão média de 1,65 ha está mais próxima da máxima de 2,05 ha no Alentejo ou de 1,20 ha em LVT. Constata-se uma situação oposta quando se passa para o modo de produção convencional, onde não só a área média de 4,84 ha é muito superior, como também o são as áreas de 8,64 ha para LVT e de 6,00 ha para o Alentejo. A situação, embora menos acentuada, é idêntica para a análise na ótica do destino da produção em relação à produção em verde, com médias muito superiores nestas duas regiões.

Se analisarmos dentro de cada região, verifica-se que o Norte e o Centro apresentam valores da área média relativamente baixos para todas as tipologias, enquanto em LVT e Alentejo estes valores são sempre muito superiores ao das outras regiões e às médias nacionais, com a produção convencional a contribuir maioritariamente para este indicador. A produção em MPB é, pelo contrário, maioritariamente praticada em explorações de muito pequena dimensão.

Quadro 11. Áreas* médias por produtor para o MPB, convencional, verde e seco, por DRAP

		Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
Global	Área (ha)	22,13	25,55	58,75	70,34	3,13	179,91
	Nº produtores	15	16	14	23	4	72
	Área/produtor	1,48	1,60	4,20	3,06	0,78	2,50
MPB	Área (ha)	20,60	23,31	15,57	36,89	2,51	98,89
	Nº produtores	13	14	13	18	2	60
	Área/produtor	1,50	1,67	1,20	2,05	1,26	1,65
Convencional	Área (ha)	1,53	2,24	43,18	33,45	0,62	81,02
	Nº produtores	2	2	5	5	2	16
	Área/produtor	0,75	1,10	8,64	6,00	0,30	4,84
Verde	Área (ha)	3,50	13,90	12,60	36,90	0,53	67,43
	Nº produtores	2	8	3	8	2	23
	Área/produtor	1,75	1,70	4,20	4,61	0,25	2,93
Seca	Área (ha)	20,63	8,79	42,99	30,16	2,51	105,1
	Nº produtores	12	8	9	15	2	46
	Área/produtor	1,72	1,10	4,78	2,01	1,25	2,28

Fonte: IPAM, GPP *Inclui área de estufas

No quadro 12 apresentam-se alguns indicadores. Os totais são, nalguns casos, inferiores ao somatório das parcelas porque há 4 produtores simultaneamente nos dois modos de produção.

Do exposto constata-se que o MPB é a opção dominante, para todas as formas de atividade, em número de produtores, 83% do total; e em área em produção, 57% do total. No universo dos produtores de PAM secas e dos que extraem essências, a quase totalidade está em MPB. A área média destes produtores é relativamente baixa, 1,62 ha por produtor, enquanto na produção convencional este valor triplica, sendo de 4,56 ha. A produção convencional só é dominante nas estufas, cuja área representa 82% do total, e uma área média por produtor 9 vezes superior.

Quadro 12. Produtores e áreas médias de PAM segundo o destino final e modo de produção

	MPB		Convencional		Total
	Nº	%	Nº	%	
Total de produtores	60	83	16	22	72
Em verde	14	61	9	37	23
Em seco	45	98	3	7	46
Para óleos essenciais	7	100	1	17	7
Com estufas	22	69	11	34	32
Com viveiros	14	67	7	33	21
Área ar livre (ha)	97,08	57	72,94	43	170,02*
Estufas (m²)	18 141	18	80 505	82	98 646
Área/produtor (ha)	1,62	-	4,56	-	2,50
Área²/produtor estufas (m²)	825	-	7 319	-	-

Fonte: IPAM, GPP; *Total não inclui as áreas de estufas

As respostas à questão sobre a data de início de atividade de PAM constam do quadro 13. Dos 106 produtores, de realçar que 80% só muito recentemente iniciou a sua atividade, isto é, após 2007, e que quase um terço iniciou a mesma num único ano, em 2012.

Quadro 13. Produtores segundo o ano de início da atividade de produção de PAM

	Nº de produtores	%
Até 2007	21	20
2007 a 2009	13	12
2010	11	10
2011	17	16
2012	31	29
2013	13	12
Total	106	100

Fonte: IPAM, GPP

4.3. Áreas de PAM por espécies

As áreas de PAM declaradas para comercialização em verde constam do quadro 14, e em seco no quadro 15, detalhadas por espécies/variedades. As áreas relativas às estufas e viveiros constam do quadro 56 do capítulo 6, página 56.

A soma das áreas em verde, 27,96 ha e a das áreas para secar 44,52 ha totaliza 72,48 ha, o que representa menos de metade (42%) do total das áreas declaradas em produção. Ou seja, muitas das áreas declaradas ainda não entraram em produção, situação mais constante nas explorações em MPB para secar. Esta situação é coerente com a “juventude” de muitas das explorações, 80% entraram no setor após 2007 e um terço iniciou a atividade em 2012.

Está-se, pois, perante um potencial de produção instalado muito elevado, a que se deverá adicionar uma parte, não determinada, dos 240 ha relativos aos jovens agricultores apoiados pelo ProDer.

No que respeita às espécies para comercialização em verde (quadro 14), os coentros são a espécie dominante das 21 elencadas, e de longe a mais importante em termos de área.

Quadro 14. Área das principais espécies para comercialização em verde

Espécies	Área (ha)
<i>Coriandrum sativum</i> L. (Coentro)	17,14
<i>Apium graveolens</i> (Aipo)	1,28
<i>Petroselinum sativum</i> (Salsa)	1,03
<i>Ocimum basilicum</i> L. (Manjerição, basílico)	0,82
<i>Mentha spicata</i> L. (Hortelã-comum)	0,58
<i>Allium schoenoprasum</i> (Cebolinho)	0,50
<i>Mentha spp.</i> (Hortelãs)	0,43
<i>Anthriscus cerefolium</i> L. (Cerefólio)	0,41
<i>Lavandula luisieri</i> (Rosmaninho)	0,40
<i>Foeniculum vulgare var. vulgare</i> (Funcho-amargo)	0,34
<i>Allium fistulosum</i> L. (Cebolinha)	0,25
<i>Thymus vulgaris</i> L. (Tomilho, tomilho-vulgar)	0,25
<i>Salvia officinalis</i> L. (Salva)	0,21
<i>Mentha pulegium</i> L. (Poejo)	0,12
<i>Beta vulgaris</i> (Acelga)	0,10
<i>Melissa officinalis</i> (Erva-cidreira)	0,10
<i>Artemisia dracuncululus</i> L. (Estragão)	0,07
<i>Thymus x citriodorus</i> (Tomilho-limão)	0,07
<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Alecrim)	0,06
<i>Satureja hortensis</i> L. (Segurelha)	0,05
<i>Levisticum officinale</i> L. (Levístico)	0,05
Subtotal	24,26
Outras	3,71
Total	27,96

Fonte: IPAM, GPP

Quadro 15. Área das principais espécies para comercialização em seco

Espécie	Área (ha)
<i>Aloysia triphylla</i> (Lúcia-lima)	8,49
<i>Mentha x piperita</i> L. (Hortelã-pimenta)	4,95
<i>Thymus x citriodorus</i> (Tomilho-limão)	3,95
<i>Melissa officinalis</i> (Erva-cidreira)	3,45
<i>Aloysia citriodora</i> Palau (Lúcia-lima)	3,44
<i>Thymus vulgaris</i> L. (Tomilho, tomilho-vulgar)	2,88
<i>Satureja montana</i> L. (Segurelha-de-inverno)	2,04
<i>Salvia officinalis</i> L. (Salva)	1,65
<i>Origanum majorana</i> L. (Manjerona)	1,36
<i>Artemisia dracunculus</i> L. (Estragão)	1,30
<i>Thymus mastichina</i> L. (Tomilho bela-luz)	0,93
<i>Satureja hortensis</i> L. (Segurelha)	0,86
<i>Origanum vulgare</i> L. (Orégão, manjerona-selvagem)	0,75
<i>Gomphrena globosa</i> L. (Perpétua-roxa)	0,63
<i>Cymbopogon citratus</i> (Erva-príncipe)	0,44
<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Alecrim)	0,39
<i>Mentha spicata</i> L. (Hortelã-comum)	0,34
<i>Melissa officinalis</i> L. (Melissa, Erva-cidreira)	0,30
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Orégão-francês, Tomilho-	0,30
<i>Echinacea purpurea</i> L. (Equináceas)	0,28
<i>Agastache</i> spp. (Agastache)	0,25
<i>Origanum</i> spp (Orégãos)	0,25
<i>Cynara scolymus</i> (Alcachofra)	0,20
<i>Saponaria officinalis</i> (Saponária)	0,20
<i>Allium schoenoprasum</i> (Cebolinho)	0,17
<i>Agrimonia eupatoria</i> L. (Agrimónia)	0,15
<i>Echinacea angustifolia</i> (Equináceas)	0,15
<i>Hypericum perforatum</i> L. (Hipericão)	0,15
<i>Lavandula angustifolia</i> (Alfazema)	0,14
<i>Hypericum androsaemum</i> L. (Hipericão-do-Gerês)	0,11
<i>Hyssopus officinalis</i> L. (Hissopo)	0,11
<i>Mentha</i> spp. (Hortelãs)	0,10
Subtotal	40,71
Outros	3,82
Total	44,52

Fonte: IPAM, GPP

As principais espécies para comercialização em seco somam 37, número importante para um setor jovem. Algumas estão duplamente representadas, como a lúcia lima, cujo total é de 11,93 ha, e as várias espécies de tomilho, com 8,12 ha no total, igualmente as mais representativas.

4.4. O género, a idade e a escolaridade

Os produtores de PAM são uma exceção no panorama do nosso mundo rural, apresentando uma juventude, aliada a um nível de escolaridade, muito acima da média, mas onde continua a dominar o género masculino. Do universo que respondeu, 68% dos gestores são homens e 32 % são mulheres.

Relativamente ao nível etário, das 105 respostas obtidas, e sabendo que 92 produtores estão em MPB e 17 no convencional, com 4 produtores praticando os dois modos de produção, construiu-se o quadro 16, de onde se retira que mais de metade dos produtores (53%) tem até 40 anos, sendo denominados jovens agricultores segundo os conceitos da Política Agrícola Comum (PAC). Na faixa até 50 anos a percentagem sobe para quase 80% do total.

Quadro 16. Nível etário dos produtores de PAM segundo o modo de produção

Classe etária (anos)	Total de produtores		Produtores Convencionais		Produtores MPB	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
≤40	56	53	5	29	52	57
>40 a ≤50	27	26	5	29	24	26
>50 a ≤60	16	15	6	35	10	11
>60	6	6	1	6	6	7
Total	105	100	17	100	92	100

Fonte: IPAM, GPP

O nível de escolaridade dos produtores de PAM é bastante elevado e muito acima dos valores médios da população agrícola portuguesa (quadro 17). Mais de dois terços, 81 produtores, têm formação superior, tendo 42 formação agrícola, dos quais 14 ainda completaram com formação especializada em PAM. Os produtores com formação secundária e superior representam 94 % do total.

Quadro 17. Nível de escolaridade e de especialização dos produtores de PAM

Escolaridade	Nível de escolaridade		Com Formação Agrícola		Com Formação PAM	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Básico	6	6	3	3	2	2
Secundário	19	18	10	9	4	4
Superior	81	76	42	40	14	13
Total	106	100	55	52	20	19

Fonte: IPAM, GPP

Cruzando o perfil etário dos 92 produtores em MPB com a sua escolaridade, a formação superior é dominante. Dos 52 produtores até aos 40 anos, os jovens agricultores, constata-se que 43 (83%) têm formação superior, e destes 60% têm formação agrícola.

No escalão etário com mais de 40 e até 50 anos de idade, predomina igualmente a formação superior, 42% do total, e destes 59% tem formação agrícola.

Os produtores no escalão seguinte continuam, de igual forma, a apresentar uma dominância da formação superior, 70%, sendo que, neste caso, menos de um terço tem formação agrícola, mas já 40% fizeram formação especializada de PAM.

Finalmente, também dos 6 produtores em MPB no escalão com 60 ou mais anos, um terço tem formação secundária e dois terços tem formação superior, e metade tem formação agrícola.

Sobre o nível de escolaridade dos 17 produtores que utilizam o modo de produção convencional, verifica-se que mais de metade tem formação superior e, destes, metade é não agrícola, sendo a exceção a do escalão com mais de 60 anos, onde a formação é secundária e não agrícola. Neste grupo, só um produtor afirmou ter frequentado formação PAM.

Relativamente aos viveiristas (quadro 18), também são operadores relativamente jovens: 57% tem menos de 40 anos, 19% tem mais de 40 anos e até 50 anos, e 24% tem entre 51 e 60 anos. Cruzando esta informação com a escolaridade, constata-se que o nível de escolaridade é muito elevado: 92% no escalão até aos 40 anos, 11 dos 12 jovens viveiristas, tem formação superior, dos quais 73% tem formação agrícola e, destes, ainda completada com formação PAM. Nos restantes grupos etários, de 41 até 50 anos e entre 51 e 60 anos, todos têm formação superior, sendo que no primeiro só metade tem formação agrícola, e metade ainda fez formação especializada, e no segundo grupo todos têm formação superior não agrícola.

Quadro 18. Viveiristas PAM segundo o escalão etário

	Total	≤40 (Anos)	> 40 e ≤50 (Anos)	≥50 (Anos)
Viveirista	8	3	2	3
Produtores com viveiros	13	9	2	2
Total	21	12	4	5

Fonte: IPAM, GPP

Sobre a natureza jurídica dos inquiridos (quadro 19), constata-se que domina a opção pela forma societária, embora o empresário em nome individual seja igualmente representativo.

Quadro 19. Natureza jurídica dos produtores inquiridos

	Nº	%
Singular Autónomo	20	19
Singular Empresário	26	25
Sociedade	54	51
Outras Formas	6	5
Total	106	100

Fonte: IPAM, GPP

O perfil dominante do **produtor de PAM é essencialmente jovem**, 43% tem menos de 40 anos e 79% tem menos de 50 anos, sendo esta juventude bastante mais acentuada naqueles que produzem em MPB, onde mais de metade (57%) tem, no máximo, 40 anos. É, igualmente, uma população **com elevado nível de escolaridade**, dado que 76% do total tem formação superior, mas em que a maior parte, 60%, é não agrícola. A formação especializada em PAM foi frequentada por 20 % dos inquiridos, predominantemente por aqueles que se dedicam à produção biológica e em seco. Os viveiristas reforçam estas características ao contribuírem com um nível etário idêntico aos produtores em MPB mais jovens, mas com uma escolaridade ainda mais elevada que estes, 92% tem formação superior.

4.5. As tecnologias de produção

O inquérito solicitou informação sobre vários aspetos técnicos relacionados com os sistemas de produção, cujos resultados trabalhados a partir de um total de 469 respostas/ocorrências, se apresentam a seguir.

Relativamente ao tipo de colheita e ao modo de plantação (quadro 20) predomina a utilização de mão-de-obra, já que as operações manuais representam, respetivamente, 82% e 72% do total.

Quadro 20. Tipo de colheita e de plantação

Tipo de Operação	Nº de Ocorrências		
	Manual	Mecânica	Mista
Colheita	382	26	61
Plantação	337	37	95

Fonte: IPAM, GPP

Aprofundando as áreas e respetivas espécies repartidas por estes 3 tipos de colheita (quadro 21), constata-se que, das 22 espécies identificadas, só a alfazema utiliza predominantemente a colheita mecânica (97% da área declarada) e que a mesma é importante para o coentro (58%), lúcia-lima, salva e estragão. Nas restantes espécies e áreas, a colheita é totalmente manual para 7 espécies, e é dominante para a grande maioria. Ou seja, a mão-de-obra é um fator determinante para este tipo de operação.

Quadro 21. Tipo de colheita por espécie

Espécie	Área Total (ares)	% Área por tipo de colheita		
		Manual	Mecânica	Misto
<i>Coriandrum sativum</i> L. (Coentro)	17,15	42	58	0
<i>Aloysia triphylla</i> (Lúcia-lima)	10,95	42	36	22
<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Alecrim)	7,90	100	0	0
<i>Mentha x piperita</i> L. (Hortelã-pimenta)	6,91	49	12	39
<i>Lavandula angustifolia</i> (Alfazema)	5,97	3	97	0
<i>Melissa officinalis</i> (Erva-cidreira)	4,97	35	6	59
<i>Thymus x citriodorus</i> (Tomilho-limão)	4,06	67	7	26
<i>Thymus vulgaris</i> L. (Tomilho-vulgar)	3,79	58	13	29
<i>Aloysia citriodora</i> Palau (Lúcia-lima)	3,47	100	0	0
<i>Lavandula luisieri</i> (Rosmaninho)	2,40	100	0	0
<i>Salvia officinalis</i> L. (Salva)	2,14	44	37	18
<i>Artemisia dracunculus</i> L. (Estragão)	2,09	49	34	17
<i>Thymus mastichina</i> L. (Tomilho bela-luz)	2,06	68	0	32
<i>Arbutus unedo</i> L. (Medronheiro)	2,01	100	0	0
<i>Pterospartum tridentatum</i> L. (Carqueja)	2,00	100	0	0
<i>Satureja montana</i> L. (Segurelha-de-inverno)	1,84	92	7	1
<i>Origanum majorana</i> L. (Manjerona)	1,56	81	4	14
<i>Apium graveolens</i> (Aipo)	1,29	100	0	0
<i>Mentha spicata</i> L. (Hortelã-comum)	1,23	74	23	3
<i>Petroselinum sativum</i> (Salsa)	1,10	98	0	2
<i>Satureja hortensis</i> L. (Segurelha)	1,04	76	0	24
<i>Helychrisum italicum</i> (Erva caril)	1,00	100	0	0

Fonte: IPAM,GPP

De igual forma a análise dos resultados no que respeita ao tipo de plantação por espécie (quadro 22) mostra a utilização dominante de mão de obra para a plantação: em mais de 14 espécies esta é utilizada em mais de 50%, e para 11 é em cerca de 75% da área. No caso do coentro a plantação é quase totalmente mecanizada.

Ou seja, quer para a colheita quer para a plantação, estamos perante explorações que necessitam, regra geral, de ter mão de obra disponível, onde o grau de mecanização é baixo e muito localizado numa ou noutra espécie. Trata-se, pois, de explorações de pequena dimensão e com mão de obra intensiva.

Quadro 22. Tipo de plantação por espécie

Espécie	Área Total (ares)	% área por tipo de plantação		
		Manual	Mecânica	Misto
<i>Coriandrum sativum</i> L. (Coentro)	17,15	1	99	0
<i>Aloysia triphylla</i> (Lúcia-lima)	10,95	90	0	10
<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Alecrim)	7,90	99	1	0
<i>Mentha x piperita</i> L. (Hortelã-pimenta)	6,91	85	0	15
<i>Lavandula angustifolia</i> (Alfazema)	5,97	99	1	0
<i>Melissa officinalis</i> (Erva-cidreira)	4,97	85	0	15
<i>Thymus x citriodorus</i> (Tomilho-limão)	4,06	87	1	12
<i>Thymus vulgaris</i> L. (Tomilho, tomilho-vulgar)	3,79	75	11	14
<i>Aloysia citriodora</i> Palau (Lúcia-lima)	3,47	15	1	84
<i>Lavandula luisieri</i> (Rosmaninho)	2,40	17	0	83
<i>Salvia officinalis</i> L. (Salva)	2,14	55	38	7
<i>Artemisia dracunculus</i> L. (Estragão)	2,09	75	15	10
<i>Thymus mastichina</i> L. (Tomilho bela-luz)	2,06	25	0	75
<i>Arbutus unedo</i> L. (Medronheiro)	2,01	1	0	99
<i>Pterospartum tridentatum</i> L. (Carqueja)	2,00	0	0	100
<i>Satureja montana</i> L. (Segurelha-de-inverno)	1,84	99	1	0
<i>Origanum majorana</i> L. (Manjerona)	1,56	59	27	14
<i>Apium graveolens</i> (Aipo)	1,29	99	0	1
<i>Mentha spicata</i> L. (Hortelã-comum)	1,23	73	25	2
<i>Petroselinum sativum</i> (Salsa)	1,10	23	74	3
<i>Satureja hortensis</i> L. (Segurelha)	1,04	40	36	24
<i>Helychrisum italicum</i> (Erva caril)	1,00	0	0	100

Fonte: IPAM,GPP

Relativamente à origem dos propágulos (quadro 23), mais de metade (63%) dos inquiridos afirmou ter propagação própria, cerca de um quarto (24%) informou ser adquirida, os restantes fazendo uma combinação das duas origens.

Quadro 23. Número de plantações efetuadas segundo a origem do propágulo

	Adquirida	Própria	Mista	Total
Propagação	110	293	66	469

Fonte: IPAM,GPP

Aprofundando esta característica por espécies identificadas (quadro 24), constata-se uma situação mais heterodoxa, com as várias origens relativamente bem representadas. Esta situação pode corresponder à prática identificada de passagem regular de aquisição de propágulos fora da exploração, para as primeiras sementeiras, para a produção dos mesmos dentro da própria exploração. Tal é coerente com a identificação de um número representativo de viveiristas (13 num total de 21) que são produtores de PAM ou,

provavelmente de forma mais adequada, de produtores de PAM que evoluíram para viveiristas.

Quadro 24. Origem dos propágulos por espécie

Espécie	Área Total (ares)	% área por tipo de propagação		
		Adquirida	Mista	Própria
<i>Coriandrum sativum</i> L. (Coentro)	17,15	80	0	20
<i>Aloysia triphylla</i> (Lúcia-lima)	10,95	59	15	26
<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Alecrim)	7,90	0	2	98
<i>Mentha x piperita</i> L. (Hortelã-pimenta)	6,91	62	8	30
<i>Lavandula angustifolia</i> (Alfazema)	5,97	0	2	98
<i>Melissa officinalis</i> (Erva-cidreira)	4,97	71	8	22
<i>Thymus x citriodorus</i> (Tomilho-limão)	4,06	51	5	44
<i>Thymus vulgaris</i> L. (Tomilho, tomilho-vulgar)	3,79	77	16	7
<i>Aloysia citriodora</i> Palau (Lúcia-lima)	3,47	0	14	86
<i>Lavandula luisieri</i> (Rosmaninho)	2,40	17	83	0
<i>Salvia officinalis</i> L. (Salva)	2,14	34	17	49
<i>Artemisia dracunculus</i> L. (Estragão)	2,09	89	0	11
<i>Thymus mastichina</i> L. (Tomilho bela-luz)	2,06	50	2	48
<i>Arbutus unedo</i> L. (Medronheiro)	2,01	0	100	0
<i>Pterospartum tridentatum</i> L. (Carqueja)	2,00	0	100	0
<i>Satureja montana</i> L. (Segurelha-de-inverno)	1,84	40	10	49
<i>Origanum majorana</i> L. (Manjerona)	1,56	72	8	21
<i>Apium graveolens</i> (Aipo)	1,29	96	0	4
<i>Mentha spicata</i> L. (Hortelã-comum)	1,23	49	2	49
<i>Petroselinum sativum</i> (Salsa)	1,10	80	0	20
<i>Satureja hortensis</i> L. (Segurelha)	1,04	48	12	40
<i>Helychrisum italicum</i> (Erva caril)	1,00	100	0	0

Fonte: IPAM,GPP

Sobre as operações de manutenção do solo, o inquérito equacionava várias hipóteses, cujos resultados constam do quadro 25. É evidente a dominância da cobertura inerte (45%) sobre as restantes formas de manutenção do solo, que se repartem entre a prática de mobilizações (19%) ou situações mistas (11% das ocorrências).

Quadro 25. Manutenção do solo

Operação	Nº de Ocorrências						
	Cob. inerte	Cob. Veg. Morta	Cob. Veg. Viva	Misto	Mobilização	Monda Química	Monda Química Conj.
Manutenção do Solo	211	31	51	73	88	15	0

Fonte: IPAM,GPP

Quadro 26. Manutenção do solo por espécie

Espécie	Área Total (ares)	% área por tipo de manutenção do solo					
		Cob. inerte	Cob. Veg. Morta	Cob. Veg. Viva	Misto	Mobilização	Monda Química
<i>Coriandrum sativum</i> L. (Coentro)	17,15	0	0	1	1	80	18
<i>Aloysia triphylla</i> (Lúcia-lima)	10,95	85	1	0	6	8	0
<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Alecrim)	7,90	46	0	0	0	53	0
<i>Mentha x piperita</i> L. (Hortelã-pimenta)	6,91	70	2	0	20	8	0
<i>Lavandula angustifolia</i> (Alfazema)	5,97	98	0	1	0	0	0
<i>Melissa officinalis</i> (Erva-cidreira)	4,97	85	0	0	12	2	0
<i>Thymus x citriodorus</i> (Tomilho-limão)	4,06	69	0	5	18	7	0
<i>Thymus vulgaris</i> L. (Tomilho-vulgar)	3,79	75	3	3	4	14	1
<i>Aloysia citriodora</i> Palau (Lúcia-lima)	3,47	1	84	14	1	0	0
<i>Lavandula luisieri</i> (Rosmaninho)	2,40	0	0	0	100	0	0
<i>Salvia officinalis</i> L. (Salva)	2,14	72	0	6	15	8	0
<i>Artemisia dracunculoides</i> L. (Estragão)	2,09	80	1	0	0	17	1
<i>Thymus mastichina</i> L. (Tomilho bela-luz)	2,06	12	0	0	37	51	0
<i>Arbutus unedo</i> L. (Medronheiro)	2,01	0	0	0	100	0	0
<i>Pterospartum tridentatum</i> L. (Carqueja)	2,00	0	0	0	100	0	0
<i>Satureja montana</i> L. (Seg.-de-inverno)	1,84	99	0	0	1	0	0
<i>Origanum majorana</i> L. (Manjerona)	1,56	54	3	0	14	28	1
<i>Apium graveolens</i> (Aipo)	1,29	0	1	0	3	96	0
<i>Mentha spicata</i> L. (Hortelã-comum)	1,23	26	0	1	2	70	2
<i>Petroselinum sativum</i> (Salsa)	1,10	4	1	6	10	77	2
<i>Satureja hortensis</i> L. (Segurelha)	1,04	29	1	0	24	46	0
<i>Helychrisum italicum</i> (Erva caril)	1,00	0	0	0	0	100	0

Fonte: IPAM,GPP

4.6. Outras informações

Relativamente à posse das máquinas e outros equipamentos utilizados, o inquérito mostra-nos que ainda é dominante a utilização de máquinas da própria exploração, e que só no caso da preparação do solo é que o aluguer tem peso (quadro 27).

A necessidade ou a opção pela compra de equipamento poderá estar ligada quer às dificuldades de aluguer dos mesmos, pela não existência de um mercado de aluguer deste tipo de serviços, quer porque o tipo de utilização torna difícil a sua partilha. O inquérito não aprofundou esta situação, mas os contactos com produtores mostraram a existência de uma vontade de associação para que, entre outros objetivos, possam diminuir custos através de soluções conjuntas e partilhadas de utilização de equipamentos.

Quadro 27. Explorações com equipamento próprio ou alugado

Atividades	Equipamento da exploração		Equipamento alugado		Total (Nº)
	Nº	%	Nº	%	
Preparação de solo	38	58	27	42	65
Sementeira/Plantação	25	83	5	17	30
Pulverização	31	91	3	9	34
Colheita	40	98	1	2	41
Preparação do produto	42	91	4	9	46

Fonte: IPAM, GPP

O inquérito debruçou-se igualmente sobre o tipo de apoios públicos obtidos ao longo dos últimos anos, com particular ênfase sobre o último quadro comunitário de apoio através do ProDer.

Dos total dos inquiridos, 10 declaram ter recebido ajudas do programa de apoio ao investimento do quadro comunitário de apoio 2000-2006 através do programa AGRO, enquanto 43 produtores, isto é, 41% do total, afirmaram ter recorrido ao programa ProDer: 31 como jovens agricultores, 23 à ação de apoio à modernização e capacitação das empresas e 4 a outras ações do ProDer. A seguir às ajudas ao investimento, os apoios mais importantes mencionados referem-se ao benefício fiscal ao gasóleo agrícola. Este aspeto está mais desenvolvido no ponto 4 relativo à tipologia dos produtores de PAM, bem como no capítulo 5 dedicado ao investimento no setor.

Quanto à origem dos rendimentos provenientes da exploração, 61 produtores, ou 58% do total, obtêm rendimento da atividade PAM, dos quais 33 declaram que estes representam mais de 50% do seu rendimento total e, de entre estes produtores, 22 declaram que o rendimento da exploração provém exclusivamente da atividade PAM.

No que respeita à caracterização da comercialização de PAM, 10 produtores declaram comprar a terceiros para posterior comercialização juntamente com a produção própria, sendo o produto adquirido de origem nacional em 5 casos e nos outros 5 de origem não nacional.

Quanto aos destinatários das vendas (quadro 28), verifica-se que o canal de escoamento mais importante é a venda direta ao consumidor para 34 dos produtores ativos (47%) dos quais 16 vendem mais de 50% desta forma. A seguir vem a exportação para 39% do total dos

produtores, com 27 a exportarem para o mercado comunitário e o restante para país terceiro. Segue-se o pequeno comércio, importante para um terço dos produtores.

Os intermediários compram a 29% dos produtores, mas 9 dos 21 que declararam vender a estes agentes, vendem mais de 95% da sua produção. As grandes superfícies têm relativamente pouco peso, mas para 3 dos 6 produtores que escoam por esta via, estas vendas representam mais de 75% do seu volume de negócio.

Quadro 28. Destino da produção comercializada

	Nº de produtores	%
Consumidor direto	34	47
Pequeno comércio	24	33
Intermediários	21	29
Grandes superfícies	6	8
Exportação	28	39
Total de produtores ativos	72	100

Fonte: IPAM, GPP

5. Tipologia de produtores de PAM

Os produtores de PAM diferenciam-se, em geral, pelo destino da produção: os que se especializam para o consumo em fresco e os que se dedicam à produção para secar. Em simultâneo, constata-se que estes últimos optam pelo MPB na quase totalidade, enquanto na tipologia para consumo em verde coexistem os dois modos de produção, com dominância do convencional.

Constata-se, pois, uma ligação muito estreita entre modos de produção e destino da mesma, ou seja, normalmente o produtor de seco produz em MPB, e o convencional produz para consumo em verde.

Esta perceção global foi aprofundada através de uma análise detalhada das características destes quatro grandes grupos de produtores, que se apresenta seguidamente.

5.1. Os produtores de PAM em modo de produção convencional

Dos 106 inquiridos, 17 produtores estão em modo de produção convencional, espalhados por todo o território continental, mas com maior importância em LVT e no Alentejo. A grande maioria, 15, são sociedades em nome individual.

Destes 17 produtores, 13 produzem exclusivamente em convencional. Relativamente ao destino da produção, 10 produzem para consumo em verde e 3 em seco; 3 produzem simultaneamente verde e seco; 7 são também viveiristas e também se constata a extração de óleos neste modo de produção.

Relativamente à idade, 5 têm até 40 anos; 5 têm mais de 40 e até 50 anos, e 7 têm mais de 50 anos. Relativamente ao tempo de trabalho, 14 estão a tempo completo e 3 a tempo parcial.

Sobre a escolaridade, 3 têm ensino básico; 3 têm o ensino secundário com dominância de formação agrícola e sem formação PAM; 11 têm ensino superior, dos quais só 4 com formação agrícola.

Relativamente às ajudas públicas, 6 declararam ter recebido ajudas do ProDer, quer sob a forma de prémio à instalação dos jovens agricultores, quer à modernização da exploração; 3 recebem as ajudas do Regime de Pagamento Único (RPU); nenhum produtor recebe ajudas relativas à manutenção da atividade agrícola em zonas desfavorecidas (MZD); as ajudas Agro Silvo Ambientais (AA) têm muito pouco peso, e nenhum recebe ajudas nem ao MPB, nem ao Modo de Produção Integrado (PRODI). O benefício de isenção fiscal ao gasóleo destinado a fins agrícolas (denominado “gasóleo verde”) é declarado por 7 produtores.

No que respeita às características da comercialização, 4 produtores compram parte do total comercializado a terceiros, de origem não nacional. No que respeita ao destino da produção, 10 vendem para o mercado interno, dos quais 7 a 100 %, e 4 vendem para o mercado externo, dos quais 3 vendem mais de 70% da produção. Dos que vendem para o mercado interno, 4 vendem diretamente ao consumidor e 3 ao pequeno comércio, acontecendo este ser, por vezes, o único canal de escoamento. As vendas a intermediários foram declaradas por 7 produtores, 3 a 100%. As vendas às grandes superfícies foram declaradas por 4 produtores,

para alguns representando 100%. Para os que exportam, 4 vedem para o território comunitário, mas também já se verifica a venda para países terceiros.

Relativamente à origem do rendimento das explorações, 13 declaram terem rendimentos das PAM, dos quais 3 a 100%. Finalmente, as áreas de produção destes 17 produtores (quadro 29) estão repartidas da seguinte forma.

Quadro 29. Áreas dos produtores convencionais segundo a técnica de produção

Ar livre Convencional (ha)	MPB (ha)	Estufa Convencional (m ²)	Estufa MPB (m ²)
69	7,56	80 505	1 036

Fonte: IPAM, GPP

Pode-se caracterizar os **produtores de PAM em modo convencional** como estando preferencialmente localizados no centro e no sul, 65 % do total em LVT e no Alentejo; que uma parte importante, mais de 40 %, também é viveirista; são relativamente jovens, 59% têm menos de 50 anos; para mais de 82% esta é a sua atividade exclusiva. Têm um nível de escolaridade muito elevado, 65% têm curso superior, mas mais de 40% não é agrícola. O mercado interno é o seu principal destino, onde os intermediários são o cliente mais importante, mas as grandes superfícies e as vendas diretas têm peso igual e representam o segundo mercado mais relevante. Finalmente, trata-se de uma atividade que garante exclusivamente a sua sustentabilidade para mais de 76% dos inquiridos, que declaram não obter rendimentos de outras origens.

5.2. Os produtores de PAM em modo de produção biológico

Responderam ao inquérito 93 produtores em MPB, cuja localização (quadro 30) mostra uma dispersão por todo o território, com maior concentração na faixa litoral.

Quadro 30. Localização dos produtores em MPB

	Nº	%
Minho	22	24
Trás-os-Montes	3	3
Beira Litoral e Interior	18	19
LVT	17	18
Alentejo	28	30
Algarve	5	5
Total	93	100

Fonte: IPAM, GPP

Sobre a natureza jurídica destes produtores, 19 são autónomos, 25 são empresários em nome individual, 43 são sociedades e 6 constituem-se noutras formas jurídicas.

Relativamente ao tempo de trabalho, 52 declaram trabalhar a tempo parcial e 41 a tempo completo. Sobre a escolaridade, 3 têm o ensino básico, dos quais 2 têm formação agrícola e também PAM; 18 têm formação secundária, metade com formação agrícola e, destes, 4 têm formação PAM; 72 têm formação superior, dos quais 40 com formação agrícola e 8 ainda formação PAM; os restantes 32 sem formação agrícola mas 5 com formação PAM. Relativamente à idade, 53 têm 40 anos ou menos; 25 têm mais de 40 e no máximo 50 anos; 10 mais de 50 e até 60 anos e 6 têm mais de 60 anos.

No que respeita às ajudas públicas recebidas, 38 foram financiados pelo ProDer, dos quais 31 como jovens agricultores e 7 por outras medidas; 18 recebem RPU; 14 recebem MZD; 8 recebem AA e 11 têm ajudas MPB; 16 beneficiam da isenção fiscal ao gasóleo agrícola.

Sobre a origem da produção, só 7 produtores compram produtos a terceiros, dos quais alguns de origem não nacional. Sobre o destino da produção, 40 vendem no mercado nacional, dos quais 29 vendem mais de 50% e destes 23 a 100%; e 25 vendem para o mercado externo, dos quais 20 vendem mais de 50% da produção, e destes 9 vendem 100%.

Para os 40 que vendem no mercado interno, 32 vendem diretamente ao consumidor, dos quais 15 vendem mais de 50%, e destes 7 vendem a totalidade; 22 vendem ao pequeno comércio, 15 vendem mais de 50% e, destes, 5 vendem 100%; 16 vendem a intermediários, dos quais 7 mais de 50% e 6 vendem a totalidade; 2 vendem às grandes superfícies menos de 50%. Sobre os 25 que vendem ao exterior, 22 vendem mais de 80% para o mercado comunitário, e destes 9 vendem a totalidade.

Sobre a origem do rendimento da exploração, 51 produtores afirmaram terem rendimentos PAM, para 29 dos quais este representa mais de 50%, e para 19 representa a totalidade.

As áreas de produção destes produtores estão repartidas da seguinte forma (quadro 31).

Quadro 31. Áreas de PAM em MPB segundo a técnica de produção

Ar livre Convencional (ha)	MPB (ha)	Estufa Convencional (m ²)	Estufa MPB (m ²)
36,5	106,08	600	18 381

Fonte: IPAM, GPP

Os produtores de PAM em MPB estão localizados predominantemente (90%) na orla costeira norte/centro e no Alentejo, e a atividade agrícola é exercida, para metade dos produtores, a tempo parcial. Trata-se de produtores muito jovens, mais do que na produção convencional, 57% têm menos de 40 anos, e com menos de 50 anos esta percentagem é de 80%. Também o nível de instrução é muito elevado, 77% têm formação superior, mas só pouco mais de metade tem formação agrícola. A produção comercializada, na quase totalidade, é proveniente da exploração agrícola. O peso dos que vendem para o exterior é mais importante do que no convencional: mais de 38% declararam exportar e, destes, 88% com destino ao mercado comunitário. A venda direta ao consumidor é utilizada por 80% e 55% utiliza também o pequeno comércio. Um terço dos produtores é jovem agricultor, no convencional esta percentagem é de 12%. Pouco mais de metade, 55%, declarou obter rendimentos provenientes desta atividade e 20% disseram que estes representam a totalidade dos proventos da sua exploração, que compara com 76% no caso de PAM convencionais.

5.3. Os produtores de PAM para consumo em verde

Os produtores de PAM em verde são 32, caracterizados da seguinte forma. No Norte estão localizados 4, 10 na Beira Litoral, 5 em LVT, 10 no Alentejo e 3 no Algarve. A forma jurídica: 5 são produtores autónomos, 7 são empresários e 20 são sociedades. Sobre o tempo de trabalho, 23 estão a tempo completo, enquanto 9 estão a tempo parcial. Relativamente ao nível etário, 13 têm menos de 40 anos, 11 têm mais de 40 e até 50 anos, 6 têm mais de 50 e até 60 anos e 2 têm mais de 60 anos. Sobre a formação, 3 têm formação básica, 6 têm o ensino secundário, dos quais 3 têm formação agrícola e PAM e 23 têm formação superior, destes 10 têm formação agrícola e 4 têm formação em PAM.

Relativamente às ajudas públicas, 13 receberam ajudas do ProDer, 12 enquanto jovens agricultores; 5 recebem RPU, 3 recebem MZD, 2 recebem AA, 2 recebem ajudas relativas ao MPB e 7 beneficiam da isenção fiscal ao gasóleo agrícola.

No que respeita à comercialização, em particular ao destino da produção, 20 produtores vendem para mercado interno e 7 produtores para mercado externo, todos com destino à EU (não há exportação para países terceiros).

Em particular sobre o mercado interno, 16 vendem mais de 50% da produção e 13 vendem a totalidade; 14 vendem diretamente ao consumidor e destes, 5 vendem mais de 50%; 12 produtores vendem aos intermediários, 4 vendem mais de 50% e 3 vendem 100%; 9 produtores vendem ao pequeno comércio, 5 mais de 50%; 5 produtores declararam vender às grandes superfícies, 3 com mais de 50% e, destes, 2 vendem a totalidade.

Sobre o mercado externo, 2 vendem mais de 50 % da sua produção e 5 vendem a totalidade. Há 5 produtores que compram a terceiros, dos quais 3 compram fora de Portugal.

Sobre a origem do rendimento, 25 produtores declararam terem receitas provenientes de PAM, 10 com mais de 50% e 4 com 100%. Finalmente, as áreas ocupadas por este tipo de produção constam do quadro 32.

Quadro 32. Áreas de PAM em verde segundo a técnica de produção

Ar livre Convencional (ha)	MPB (ha)	Estufa Convencional (m ²)	Estufa MPB (m ²)
34,94	25,35	79 205	10 482

Fonte: IPAM, GPP

Os produtores de PAM para consumo em verde estão localizados (78%) na orla costeira norte, centro e no Alentejo, e 72% trabalha a tempo inteiro na exploração. Constituem, igualmente, um grupo relativamente jovem, 40% tem menos de 40 anos e 75% tem menos de 50 anos, predominando a formação superior, 72% do total, dos quais menos de metade tem formação agrícola. Há 16% de produtores que compram fora da exploração e 10% importam produção para vender. No destino das vendas o comércio externo já tem peso, representando 22%, enquanto 63% dizem vender para o mercado interno, dos quais 65% diretamente ao consumidor. Os jovens agricultores representam 38% do total dos inquiridos. Num universo onde 72 % afirmaram obter rendimentos da exploração, um terço obtém mais de 50% e 13% afirmou obter rendimentos exclusivamente da atividade.

5.4. Os produtores de PAM para seco

Do universo inquirido, 73 produtores afirmaram produzir para secar. Estão geograficamente bem distribuídos por todo o território, quadro 33, com dominância do Alentejo e menor expressão no Algarve.

Quadro 33. Localização dos produtores de PAM em seco

	Nº	%
Minho e Trás-os-Montes	21	29
Beira Litoral	11	15
LVT	13	18
Alentejo	24	33
Algarve	4	5
Total	73	100

Fonte: IPAM, GPP

Sobre a natureza jurídica, 15 são produtores autónomos, 20 empresários; 32 são sociedades e 6 têm outras formas jurídicas. No que respeita ao tempo de trabalho dedicado à atividade, 40 declararam trabalhar a tempo parcial e 33 a tempo inteiro.

Relativamente à formação, novamente o elevado padrão já constatado se repete aqui, com 56 dos inquiridos com formação de nível superior, 15 no secundário e somente 2 com formação base. Em geral, cerca de metade não têm formação agrícola, e a formação adicional em PAM foi seguida por 9 produtores, quer do básico, quer do secundário mas sobretudo dos que têm superior.

Sobre as ajudas públicas, dos 30 produtores que declararam ter recebido ajudas do ProDer, 27 são jovens agricultores; 37 recebem RPU; 11 recebem ajudas para as MZD; 8 recebem AA e 10 de MPB, e 9 beneficiam da isenção fiscal agrícola para o gasóleo.

No que respeita à comercialização, 6 produtores compram a terceiros e, destes, 2 importam. Sobre o destino da produção comercializável, 30 vendem para o mercado interno, dos quais 19 vendem mais de 50% e 15 vendem a totalidade, e 23 para o mercado externo, dos quais 20 vendem mais de 50% e 9 vendem a totalidade.

Dos que vendem para o mercado interno, 22 vendem diretamente aos consumidores, dos quais 10 vendem mais de 50%, e 4 vendem a totalidade; 17 vendem ao pequeno comércio, 12 vendem mais de 50% e 4 vendem 100%; 11 vendem a intermediários, dos quais 5 vendem a totalidade; 2 vendem às grandes superfícies, e 1 vende a totalidade. Dos 23 que vendem para o mercado externo, todos vendem mais de 50% da sua produção, 20 têm como destino o mercado comunitário e 3 vão para mercados de países terceiros.

Sobre a origem dos rendimentos, 40 declararam ter rendimentos da sua atividade de PAM, dos quais 28 declararam representar mais de 50% e 20 que representava 100%. As áreas dedicadas às diversas formas de produção constam do quadro 34.

Quadro 34. Áreas de PAM para secar segundo a técnica de produção

Ar livre Convencional (ha)	MPB (ha)	Estufa Convencional (m ²)	Estufa MPB (m ²)
30,29	77,81	1 200	5 715

Fonte: IPAM, GPP

Os produtores de PAM para secar apresentam algumas características comuns às outras tipologias, com particular realce para o MPB. A localização dominante coincide com a destas explorações, isto é, 93% estão na zona costeira centro, norte e Alentejo. A dedicação em tempo parcial e total está relativamente equilibrada, representando 55% e 45%, respetivamente. A formação dominante é a superior, que representa 77% do total, e que passa a 97% se se incluir o ensino secundário. Novamente a formação agrícola e não agrícola têm sensivelmente o mesmo peso, isto é, cerca de 50%, tendo sido completada com formação PAM, que tem um peso de 21%. Os jovens agricultores representam 37% do total dos produtores e 90% dos que receberam ajudas ProDer. Vendem quer para o mercado interno quer para o externo, com a particularidade de dominar, no primeiro caso, a venda direta ao consumidor e, nas vendas ao exterior, a UE. Quanto à origem do rendimento, 55% têm rendimentos da atividade, e destes 28% têm mais de 50% e 20% obtêm a totalidade.

5.5. Os produtores de óleos essenciais

São 9 os produtores de PAM que declararam extrair óleo, disseminados por todo o território mas com maior importância no Alentejo. Relativamente à natureza jurídica, 3 são produtores autónomos e 4 são sociedades. Quase metade, 44%, dedica-se à atividade a tempo inteiro, os restantes só parcialmente.

No que respeita à educação, a quase totalidade tem formação superior, mas menos de metade têm formação agrícola. Sobre as ajudas públicas, 3 são jovens agricultores; 2 recebem RPU; as ajudas MZD, MPB e PRODI são muito pouco representativas, enquanto 3 produtores têm acesso às isenções fiscais do gasóleo agrícola.

Relativamente à comercialização, constatou-se a existência de compras a terceiros, quer a outros produtores nacionais quer de países terceiros. Quanto ao destino dos óleos, 4 vendem no mercado interno, dos quais 3 vendem mais de 50% da produção e 2 vendem a totalidade. Dos que vendem para o mercado interno, 4 vendem diretamente ao consumidor, metade vende a totalidade da produção. O pequeno comércio absorve mais de 50% da produção para um número reduzido de produtores. Dos 3 produtores que exportam, o destino mais importante é o mercado comunitário, embora a venda de uma pequena percentagem para país terceiro tenha sido mencionada. As áreas declaradas constam do quadro 35.

Quadro 35. Áreas de PAM para óleos essenciais segundo a técnica de produção

Ar livre Convencional (ha)	MPB (ha)	Estufa Convencional (m ²)	Estufa MPB (m ²)
30	23,71	0	550

Fonte: IPAM, GPP

6. O apoio ao investimento

6.1. Os pedidos de apoio ao investimento

O número elevado de novos produtores de PAM instalados nos últimos anos resulta de vários fatores, um dos mais importantes sendo o apoio público ao investimento concedido pelo ProDer. Os dados fornecidos pelo ProDer constituem, pois, uma importante fonte de informação.

Os quadros e gráficos seguintes reportam-se aos apoios aprovados pelo ProDer desde o início do programa e até 31 de março de 2013. A informação refere-se exclusivamente às candidaturas com áreas de plantas aromáticas, para as três medidas que apoiam o investimento na exploração agrícola, com a seguinte designação: ação 1.1.1.c1, relativa à modernização e capacitação das empresas, componente agrícola (111); ação 1.1.2. que apoia o investimento de pequena dimensão (112); e ação 1.1.3. que apoia a instalação de jovens agricultores (113)².

A informação apresentada refere-se a projetos já aprovados, ou seja, com garantia de financiamento público e com data limite para início depois da aprovação, após o que poderão ser cancelados. Estamos, pois, perante valores correspondendo a projetos já concretizados e outros ainda não, isto é, valores reais e valores potenciais, todos misturados.

O regime de apoio com mais projetos aprovados e de maior impacto financeiro é o da ajuda à instalação dos jovens agricultores³, ação 113.

As regras de acesso a este regime foram alteradas durante o seu período de vigência. Assim, desde o início do programa e até fevereiro de 2011 este apoio, que consiste na concessão de um prémio sob a forma de subsídio a fundo perdido, de montante que variava entre 30 000 € e 40 000 €, não obrigava à apresentação de uma candidatura de projeto de investimento, sendo somente obrigatório a apresentação de um plano empresarial. Quem pretendesse investir com apoio teria que apresentar, adicionalmente, outra candidatura à ação 111 para o apoio ao investimento, para além daquela à ação 113 para obtenção do prémio à instalação.

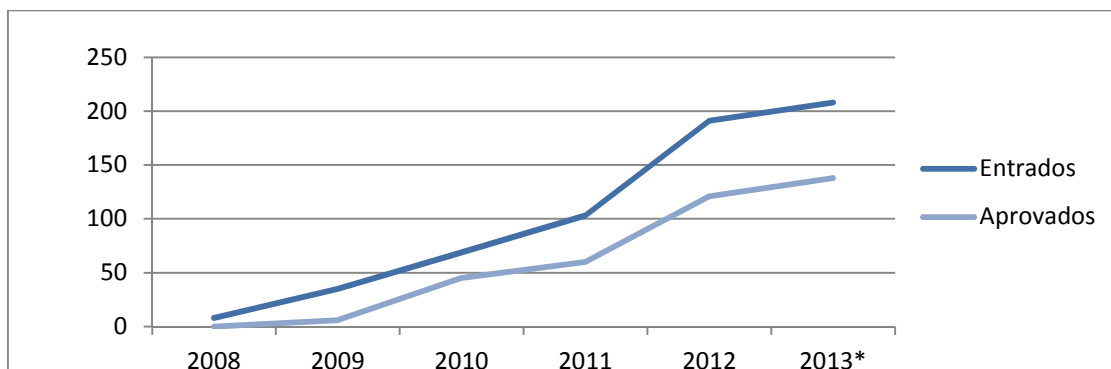
Após meados de 2011 passou a ser obrigatório juntar um projeto de investimento em simultâneo com a candidatura ao prémio à instalação, o qual passou a ser determinado em função do investimento. Em consequência desta alteração, os dados relativos aos jovens agricultores foram tratados de forma a poderem ser coerentes entre si ao longo do período em análise.

A evolução das candidaturas à instalação de jovens agricultores apresenta um crescimento anual extremamente importante (gráfico 1), cujos montantes totalizaram, durante o período em análise, mais de 200, das quais foram aprovadas 138.

² Para aprofundamento destas ações, consultar o site do ProDer: www.proder.pt

³ Para efeitos do ProDer, considera-se jovem agricultor qualquer candidato que não tenha completado 40 anos à data do pedido de apoio.

Gráfico 1. Número de pedidos de apoio entrados e aprovados de jovens agricultores de PAM



Fonte: ProDer

A repartição destes pedidos de apoio ao longo do tempo mostra um interesse crescente pelo investimento no setor (quadro 36). O ano de 2011 tem que ser interpretado à luz da transição de regras, atrás mencionadas, e que se refletiram necessariamente nas decisões dos agentes.

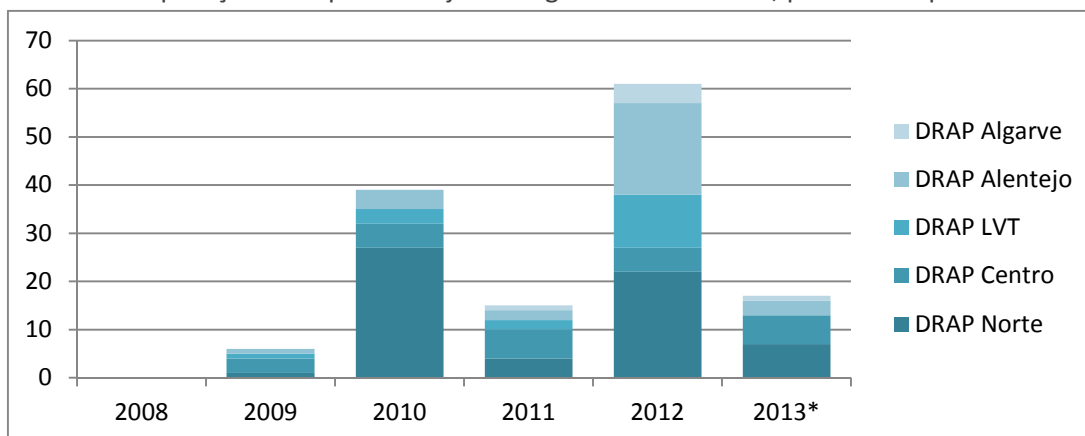
Quadro 36. Nº de pedidos de apoios de jovens agricultores de PAM aprovados, por DRAP

Ação 113	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
2008	0	0	0	0	0	0
2009	1	3	1	1	0	6
2010	27	5	3	4	0	39
2011	4	6	2	2	1	15
2012	22	5	11	19	4	61
2013	7	6	0	3	1	17
Total	61	25	17	29	6	138
% Continente	44%	18%	12%	21%	4%	100%

Fonte: ProDer

A distribuição territorial mostra o Norte dominante em número de projetos aprovados, com 44% do total e mais do dobro dos aprovados quer no Alentejo quer no Centro (gráficos 2).

Gráfico 2. Repartição dos apoios aos jovens agricultores de PAM, por DRAP e por ano



Fonte: ProDer

O número de pedidos de apoio aprovados para a modernização das explorações agrícolas com PAM, ação 111, foi de 57 (quadro 37). Destes 57 aprovados, 35 correspondem a jovens agricultores, pelo que só 12 foram apresentados por escalões etários superiores. O ano de 2012, sem aprovações, significa que não houve nenhum pedido, nesse ano, de produtores já instalados. Também na ação 111 a região Norte domina pelo número, representando sozinha metade dos apoios concedidos.

Quadro 37. Nº de pedidos de apoios PAM aprovados na ação 111, por DRAP

Ação 111	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
2008	0	0	0	0	0	0
2009	1	2	0	2	0	5
2010	25	4	4	5	0	38
2011	2	4	2	4	1	13
2012	0	0	0	0	0	0
2013	0	1	0	0	0	1
Total	28	11	6	11	1	57
% Continente	49%	19%	11%	19%	2%	100%

Fonte: ProDer

Os pedidos de apoio relativos a **investimentos de pequena dimensão**, ação 112, são em número mais reduzido, e mais de metade provieram do Alentejo (quadro 38).

Quadro 38. Número de pedidos de apoio de PAM aprovados na ação 112, por DRAP

Ação 112	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
2008 a 2010	0	0	0	0	0	0
2011	1	1	0	2	0	4
2012	0	1	1	5	0	7
2013	2	1	0	1	0	4
Total	3	3	1	8	0	15
% Continente	20%	20%	7%	53%	0%	100%

Fonte: ProDer

O quadro 39 dá-nos, em síntese, o número de agricultores de PAM que foram apoiados pelo ProDer. Este número representa 2,3% do número total de apoios concedidos a nível nacional.

Quadro 39. Número total de pedido de apoio para PAM aprovados, por ação

Ação	Jovens agricultores	Não jovens agricultores	Total
113	138	0	138
111	35	12	57
112	14	1	15

Fonte: ProDer

6.2. Os níveis de investimento e de apoio

Até ao primeiro trimestre de 2013 tinham sido aprovados níveis de investimento aos jovens agricultores no montante global de cerca de 16,5 milhões (quadro 40). A região Norte, em coerência com o número de projetos já atrás identificados, apresenta os maiores valores e quase metade do total do investimento previsto. Este valor representa 1,7 % do montante total de investimento dos jovens agricultores apoiados pelo ProDer, incluindo os montantes do prémio à instalação.

Quadro 40. Investimento de jovens agricultores de PAM por DRAP (mil euros)

Ação 113	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
2008	0	0	0	0	0	0
2009	95	254	23	34	0	406
2010	2 694	106	167	483	0	3 451
2011	442	561	247	127	2	1 379
2012	3 479	505	1 782	2 173	392	8 332
2013	1 372	1 012	0	393	103	2 879
Total	8 082	2 438	2 219	3 211	497	16 447
% Continente	49%	15%	13%	20%	3%	100%

Fonte: ProDer

No que respeita ao apoio público aprovado com base nestas candidaturas ao investimento, os montantes para os jovens agricultores constam no quadro 41. Devido à alteração do regime, como atrás explicado, estes foram calculados adicionando aos apoios concedidos na ação 113 a parte relativa aos jovens agricultores de PAM da ação 111 até 2011, ano de alteração das regras de acesso.

Os valores do quadro 41 representam, assim, o montante total de apoio concedido durante o período, ou seja, parte do prémio à instalação e apoio ao investimento⁴. Com estes valores obteve-se uma taxa média de apoio aos jovens de 41,8%.

Quadro 41. Apoio total aprovado aos jovens agricultores de PAM por DRAP (mil euros)

Ações 111 e 113	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
2008	0	0	0	0	0	0
2009	2	88	0	0	0	90
2010	545	53	72	221	0	891
2011	173	212	106	22	1	514
2012	1636	265	887	1174	194	4156
2013	578	400	0	189	58	1225
Total	2934	1018	1065	1606	254	6877
% do Continente	43%	15%	15%	23%	4%	100%

Fonte: ProDer

Os montantes de investimento para a modernização das explorações agrícolas, ação 111, somam mais de 5 milhões de euros (quadro 42). A sua evolução ao longo do tempo foi muito heterogénea, apresentando um pico em 2010, que representa 68 % do total do período considerado.

Recordando que dos 57 produtores aqui representados 35 são jovens, retira-se que estes contribuíram maioritariamente para esta evolução. Constatou-se a ausência de candidaturas em 2012, ano em que os jovens já não precisam de se candidatar a esta ação, e onde também não há candidaturas de agricultores de classe etária superior. Relativamente à distribuição regional, o Norte domina no ano de 2010, com uma concentração superior a 90%.

Quadro 42. Investimento aprovado às explorações agrícolas de PAM por DRAP (mil euros)

Ação 111	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
2008	0	0	0	0	0	0
2009	4	211	0	159	0	374
2010	2 519	283	190	506	0	3 498
2011	239	19	247	598	2	1 104
2012	0	0	0	0	0	0
2013	0	164	0	0	0	164
Total	2 762	676	437	1 262	2	5 139
% Continente	54%	13%	9%	25%	0%	100%

Fonte: ProDer

Conjugando os níveis de apoio à modernização das explorações agrícolas, quadro 43, com os níveis de investimento do quadro 42, obtém-se uma taxa média de apoio de 36,9%.

⁴ De referir que quer o prémio à instalação quer os apoios ao investimento são pagos por fases, ao longo do período da duração do investimento.

Quadro 43. Apoio aprovado às explorações agrícolas de PAM por DRAP (mil euros)

Ação 111	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
2008	0	0	0	0	0	0
2009	2	88	0	61	0	151
2010	1 002	124	72	216	0	1 414
2011	98	9	106	203	1	416
2012	0	0	0	0	0	0
2013	0	54	0	0	0	54
Total	1 102	275	178	480	1	2 036
% Continente	54%	14%	9%	24%	0%	100%

Fonte: ProDer

No que se refere aos pedidos de apoio para investimentos de pequena dimensão, ação 112, os montantes envolvidos, pela sua natureza e pelo número de candidaturas, são relativamente modestos comparativamente com outros regimes de apoio, na ordem dos 299 000 euros (quadro 44). Do ponto de vista do território, a região Alentejo é a que apresenta maior dinâmica, concentrando metade dos pedidos. Novamente para este regime de apoio, os jovens agricultores foram a quase totalidade dos candidatos, 14 em 15, (quadro 39).

Quadro 44. Investimento aprovado de pequena dimensão por DRAP (mil euros)

Ação 112	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
2008 a 2010	0	0	0	0	0	0
2011	2	25	0	35	0	62
2012	0	31	30	98	0	159
2013	54	9	0	16	0	78
Total	56	65	30	149	0	299
% Continente	19%	22%	10%	50%	0%	100%

Fonte: ProDer

Os montantes aprovados (quadro 45) correspondem a uma taxa média de apoio global de 41,5%.

Quadro 45. Apoio aos investimentos de pequena dimensão por DRAP (mil euros)

Ação 112	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
2008 a 2010	0	0	0	0	0	0
2011	1	12	0	17	0	30
2012	0	12	10	44	0	66
2013	19	3	0	7	0	28
Total	19	28	10	67	0	124
% Continente	16%	22%	8%	54%	0%	100%

Fonte: ProDer

6.3. Áreas de PAM segundo os pedidos de investimento

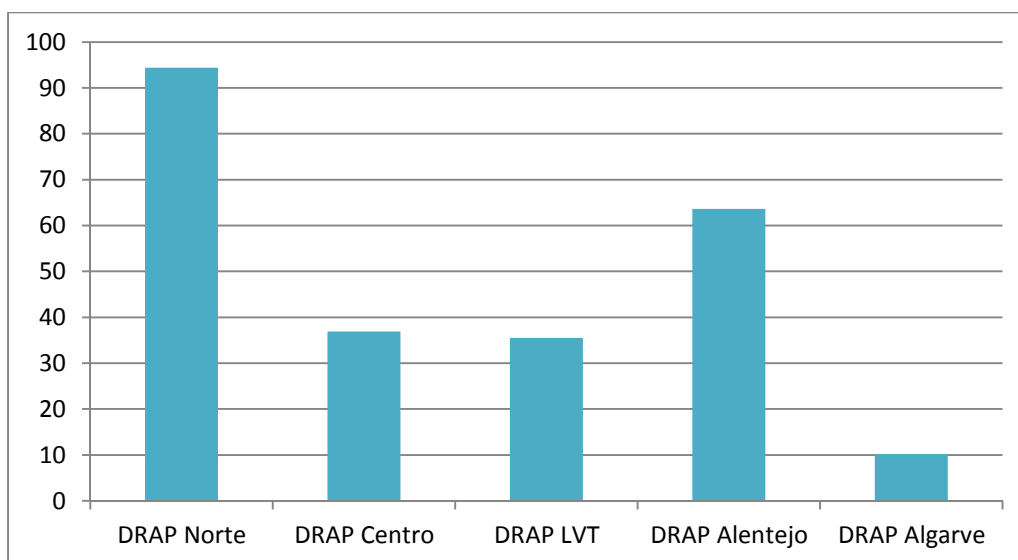
O montante total das áreas aprovadas nos projetos de investimentos dos jovens agricultores, até finais de março 2013, eleva-se a 240,61 hectares (quadro 46). Destes, foram aprovados mais de metade em 2012, continuando a dominância da região Norte, seguida do Alentejo. Estas duas regiões representam, juntas, dois terços da área apoiada no território continental (gráfico 3).

Quadro 46. Área total de apoios a jovens agricultores de PAM aprovados, por DRAP (ha)

Ação 113	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
2009	2,00	2,01	0,25	0,87	-	5,13
2010	34,86	11,43	0,73	10,57	-	57,59
2011	6,64	7,70	7,72	2,00	1,98	26,04
2012	38,46	10,49	26,81	41,29	6,34	123,39
2013	12,41	5,27	-	8,91	1,87	28,46
Total	94,37	36,90	35,51	63,64	10,19	240,61
% Continente	39%	15%	15%	26%	4%	100%

Fonte: ProDer

Gráfico 3. Área total dos investimentos de jovens agricultores de PAM, por DRAP

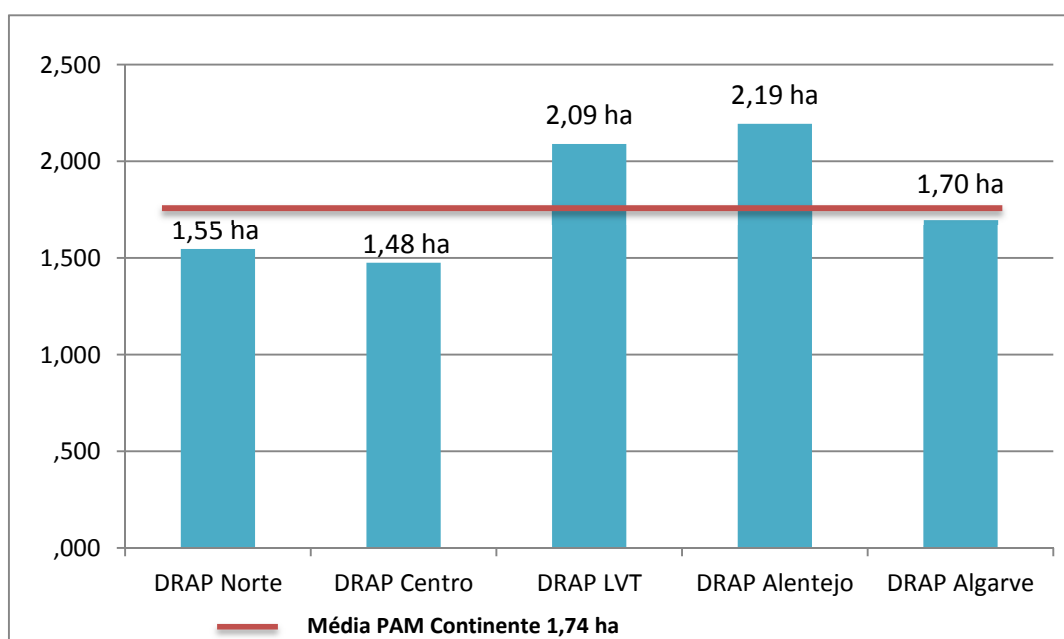


Fonte: ProDer

Se compararmos a área média de projeto de cada região com a média do Continente, 1,74 ha (gráfico 4), verifica-se que a média mais elevada se encontra no Alentejo e em LVT, refletindo uma maior dimensão das explorações nesta região.

Tratando-se de valores médios relativamente pequenos, as diferenças entre os valores médios do Alentejo, 2,09 ha e do Centro, 1,48 ha, são relativamente importantes, cerca de 50%.

Gráfico 4. Área média dos investimentos dos jovens agricultores de PAM aprovados, por DRAP



Fonte: ProDer

Relativamente à área declarada nos pedidos de apoio para a modernização das explorações agrícolas, ação 111, o seu montante é de 86,82 hectares, quadro 47. O Norte e o Alentejo são as regiões que, de longe, tiveram as maiores áreas aprovadas. Novamente convém chamar a atenção para o facto de que, dos 57 projetos aprovados ao abrigo desta ação, 35 corresponderem a jovens agricultores e só 12 a produtores já instalados na atividade agrícola. Tal significa que só a área destes 12 últimos produtores poderá corresponder a novas áreas de PAM, a acrescentar aos 240,61 ha dos jovens agricultores, que já contém a área destes 35 projetos.

Quadro 47. Área total dos pedidos de apoio aprovados às explorações agrícolas de PAM por DRAP (ha)

Ação 111	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
2009	0,20	2,42	-	2,78	-	5,40
2010	35,23	3,69	0,98	11,44	-	51,34
2011	2,83	2,94	7,72	14,31	1,98	29,78
2012	-	-	-	-	-	-
2013	-	0,30	-	-	-	0,30
Total	38,26	9,35	8,70	28,53	1,98	86,82
% Continente	44%	11%	10%	33%	2%	100%

Fonte: ProDer

As áreas relativas aos pedidos de apoio para pequenos investimentos, ação 112, são relativamente mais modestas, 36,22 hectares (quadro 48), tendo sido o Alentejo a região que apresentou mais projetos. Também aqui se relembra que dos 15 projetos aprovados, 14 foram identificados como sendo de jovens agricultores, o que significa que a quase totalidade destes hectares não correspondem a novas áreas em produção.

Quadro 48. Área de pedidos de apoio aprovados para pequenos investimentos de PAM por DRAP (ha)

Ação 112	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
2009	-	-	-	-	-	-
2010	-	-	-	-	-	-
2011	2,00	0,96	-	6,90	-	9,86
2012	-	1,02	5,18	14,24	-	20,44
2013	4,80	0,44	-	0,68	-	5,92
Total	6,80	2,42	5,18	21,82	-	36,22
% Continente	19%	7%	14%	60%	0%	100%

Fonte: ProDer

6.4. Análise do investimento dos jovens agricultores

Dada a importância dos apoios aos jovens agricultores face aos restantes, no quadro 49 apresentam-se alguns indicadores calculados a partir de dados anteriores relativos ao período 2008-2013, por região agrícola.

O investimento e apoio por produtor apresentam variações regionais importantes, com os valores do investimento mais elevados, e muito semelhantes, no Norte e LVT, mas quando se passa para o apoio aprovado por jovem agricultora situação muda: LVT continua a liderar mas seguida do Alentejo.

Estas diferenças poderão resultar quer de projetos apoiados de natureza ou características diferentes, quer de valores diferentes para a mesma tipologia de investimentos, o que não pôde ser aprofundado.

Analisando estes montantes por ha, constata-se que a região Norte apresenta os valores mais elevados no que respeita ao investimento. Contudo, no que diz respeito ao montante do apoio, última linha, constata-se uma maior harmonização dos valores médios.

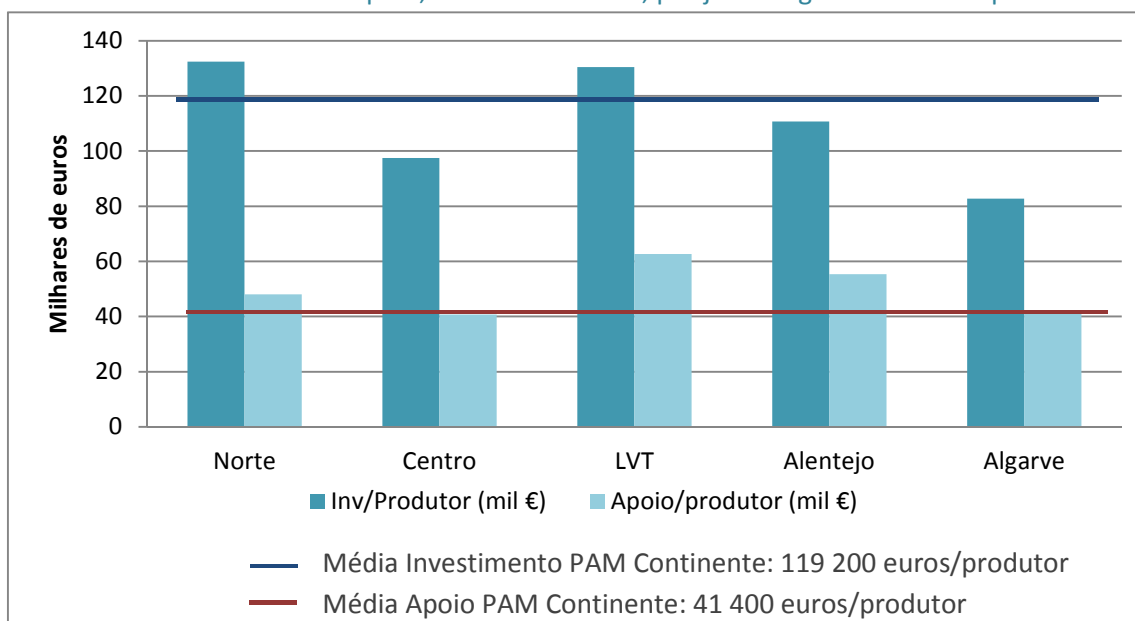
Quadro 49. Investimento, apoios e áreas aprovadas para jovens agricultores PAM por DRAP média 2008-2013

	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
Nº projetos	61	25	17	29	6	138
Inv. aprovado (mil €)	8082	2438	2219	3211	497	16447
Apoio aprovado (mil €)	2934	1018	1065	1606	254	6877
Área aprovada (ha)	94,4	36,9	35,5	63,6	10,2	240,6
Investimento/JA (mil €)	132,5	97,5	130,5	110,7	82,8	119,2
Apoio/JA (mil €)	48	41	63	55	42	50
Taxa de apoio (%)	36	42	48	50	51	42
Investimento/ha (mil €)	85,6	66,1	62,5	50,5	48,8	68,4
Apoio/ha (mil €)	31	28	30	25	25	29

Fonte: ProDer

O gráfico 5, onde se comparam os valores médios do investimento e do apoio por produtor, para cada região, com a média nacional do Continente, ilustra as diferenças regionais já mencionadas.

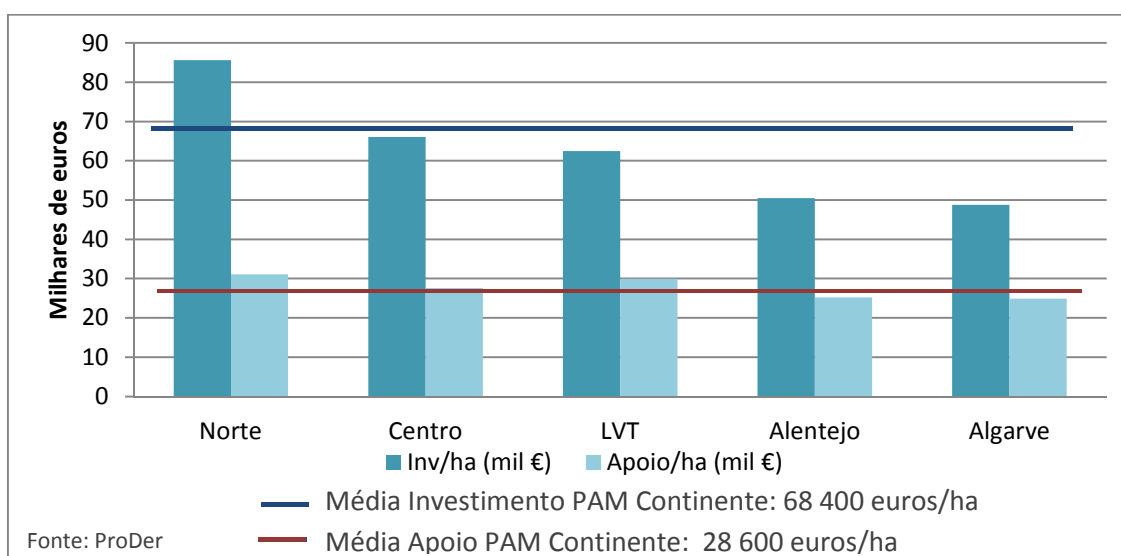
Gráfico 5. Investimento e apoio, média 2008-2013, por jovem agricultor PAM e por DRAP



Fonte: ProDer

O gráfico 6, construído igualmente a partir do quadro 49, mostra as diferenças regionais atrás referidas, agora calculadas por ha. As diferenças no que respeita ao investimento por hectare, que variam do simples para quase o dobro, entre 48 800 €/ha no Algarve e 85 600 €/ha no Norte, para uma média nacional de 68 400 €/ha, são mais esbatidas quando se analisa ao nível da taxa de apoio, de mínima de 25% no Alentejo e no Algarve para máxima de 31% no Norte. Se a dimensão mais frequente das explorações candidatas aos apoios for relativamente semelhante, isto é, pequena dimensão, como poderá deduzir-se dos resultados do IPAM, estas diferenças regionais deveriam ser aprofundadas.

Gráfico 6. Investimento e apoio dos JA de PAM, média 2008-2013 por hectare e por DRAP



Fonte: ProDer

Fonte: ProDer

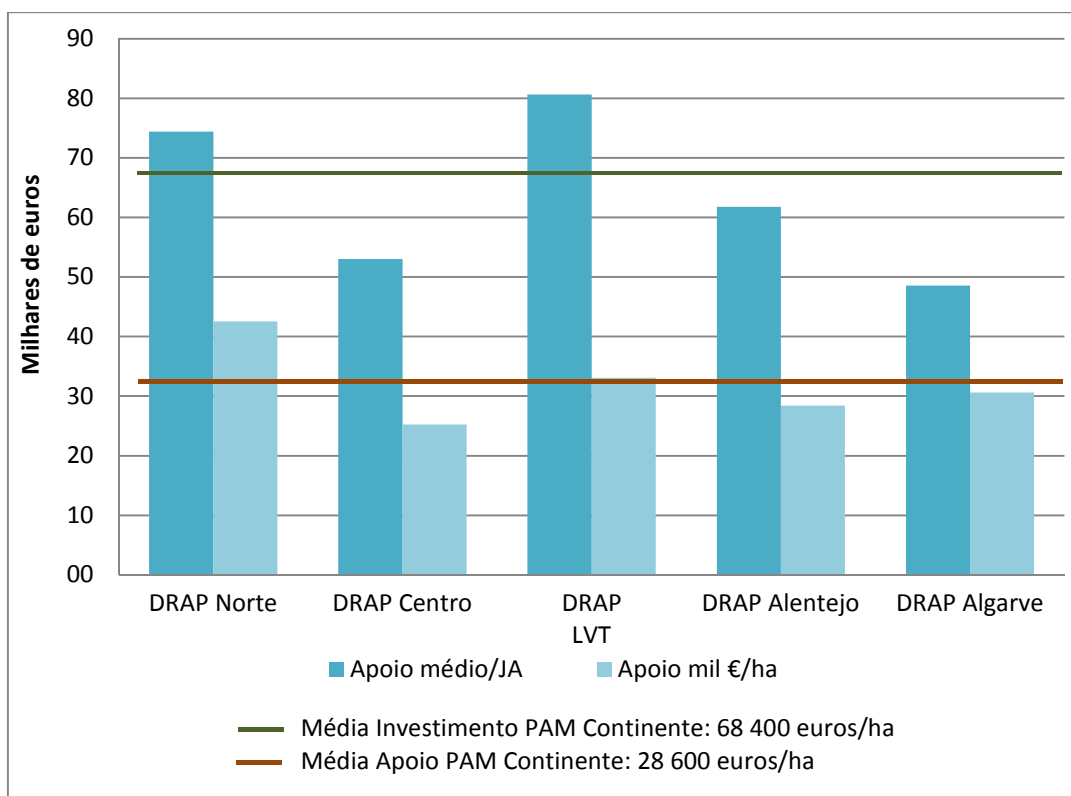
Dada a importância do investimento dos jovens agricultores, por um lado, e o facto de, como já explicado, ter existido uma alteração das regras de acesso à ação 113 em 2011, calcularam-se os mesmos indicadores só para o ano de 2012, com as novas regras de acesso já aplicadas, isto é, inclusão na ação 113 dos apoios ao investimento (ação 111), cujos resultados constam do quadro 50.

Quadro 50. Investimentos e apoios médios aos jovens agricultores PAM em 2012, por DRAP

	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
N.º Jovens agricultores	22	5	11	19	4	61
Investimento (mil €)	3 479	505	1 782	2 173	392	8 332
Apoio (mil €)	1 636	265	887	1 174	194	4 156
Área total (ha)	38,5	10,5	26,8	41,3	6,3	123,4
Área/produtor (ha)	1,8	2,1	2,4	2,2	1,6	2,0
Investimento mil €/ha	90,5	48,2	66,5	52,6	61,9	67,5
Apoio mil €/ha	42,5	25,3	33,1	28,4	30,6	33,7
Apoio médio/JA	74,4	53,0	80,6	61,8	48,5	68,1
Taxa de apoio	47%	52%	50%	54%	49%	50%

Fonte: ProDer

Gráfico 7. Apoio médio em 2012 por jovem agricultor (PAM), por ha e por DRAP



Fonte: ProDer

Os resultados para este ano em particular quando comparados com os do período em estudo mostram algumas discrepâncias (quadro 51 e gráficos 8 e 9). Por exemplo, o aumento importante da taxa de apoio média em 2012 comparado com a aplicada durante o período em análise, verificado em todas as regiões. A este aumento corresponde um aumento do investimento por hectare (exceção do Centro) e, naturalmente, a um aumento do apoio médio por agricultor, com particular relevo para o Norte e LVT.

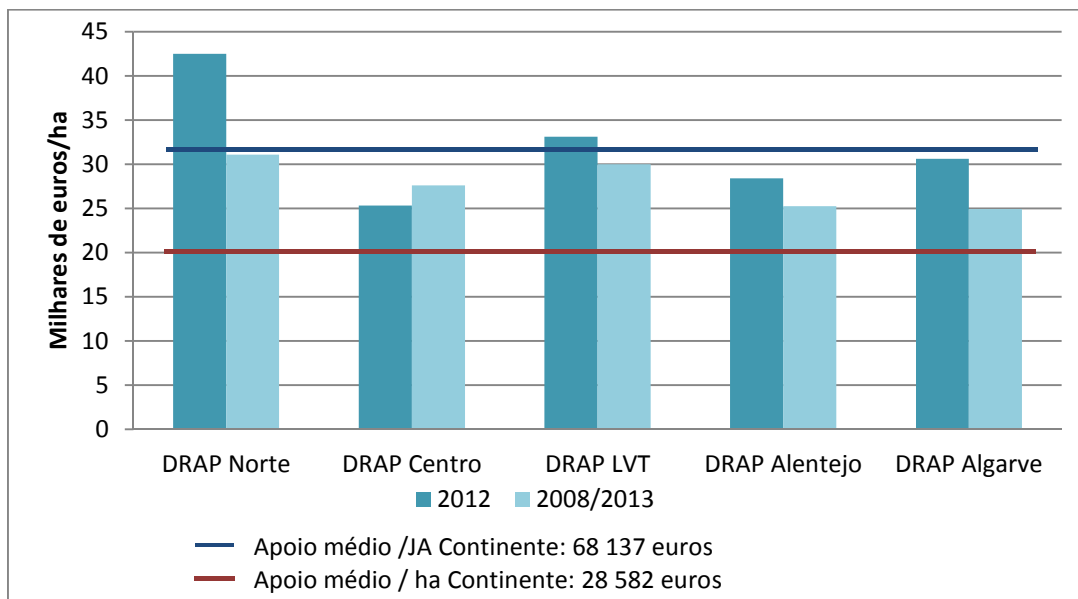
Como referido, estes projetos utilizam pouca área, como se verifica pelas médias regionais, as quais variam entre 1,6 ha no Algarve e 2,4 em LVT. O nível de investimento médio por hectare e por produtor apresenta valores diferentes, verificando-se que é mais elevado na região Norte, quase o dobro do verificado na região Centro.

Quadro 51. Indicadores relativos aos jovens agricultores em 2012 e 2008-2013

		Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve	Continente
Área/produtor (ha)		1,75	2,1	2,4	2,2	1,6	2
Investimento mil €/ha	2012	90,5	48,2	66,5	52,6	61,9	67,5
	2008/2013	85,6	66,1	62,5	50,5	48,8	68,4
Apoio mil €/ha	2012	42,5	25,3	33,1	28,4	30,6	33,7
	2008/2013	31	28	30	25	25	29
Apoio médio/JA	2012	74,4	53	80,6	61,8	48,5	68,1
	2008/2013	48	41	63	55	42	50
Taxa de apoio	2012	47%	52%	50%	54%	49%	50%
	2008/2013	36%	42%	48%	50%	51%	42%

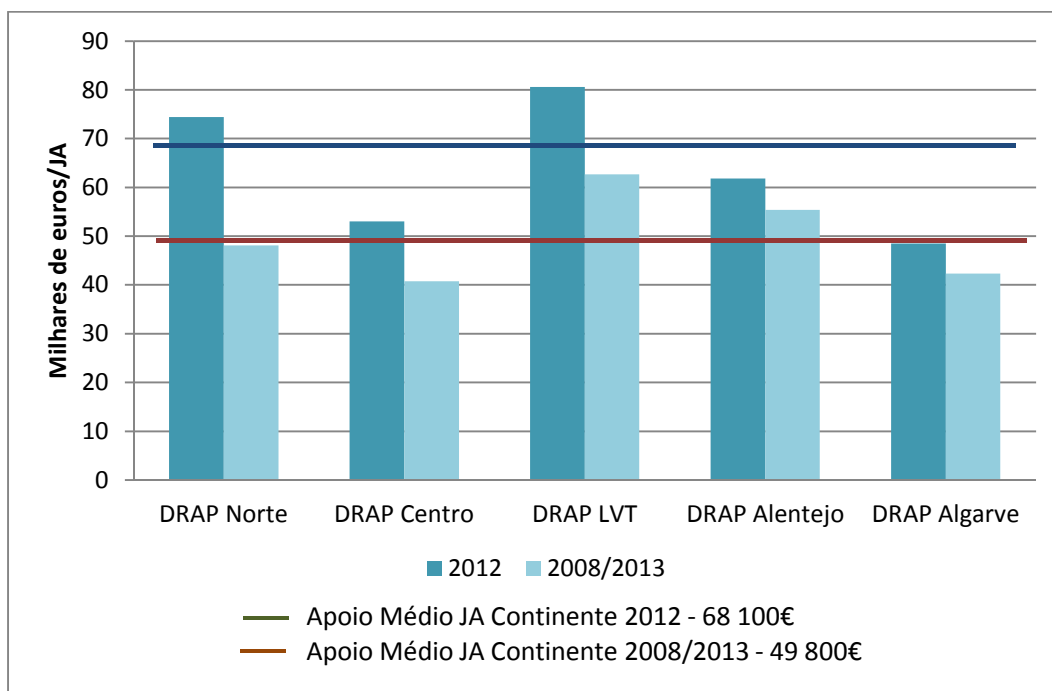
Fonte: ProDer

Gráfico 8 – Apoio aos jovens agricultores por hectare, em 2012 e 2008-2013



Fonte: ProDer

Gráfico 9 – Apoio aos jovens agricultores (PAM), por produtor, em 2012 e 2008-2013



Fonte: ProDer

6.5. Natureza jurídica dos candidatos

Se olharmos para a forma como os produtores estão organizados, cerca de 3/4 dos pedidos de apoio são feitos por produtores individuais, os restantes optaram por sociedades (quadro 52).

Quadro 52. Número de pedidos PAM com apoios aprovados segundo a natureza jurídica

Natureza Jurídica	Produtor individual			Sociedade			Outras			Continente		
	113	111 c1	112	113	111 c1	112	113	111 c1	112	113	111 c1	112
DRAP												
Norte	48	22	3	13	5	0	0	1	0	61	28	3
Centro	20	8	1	5	3	2	0	0	0	25	11	3
LVT	16	6	1	1	0	0	0	0	0	17	6	1
Alentejo	14	6	5	15	5	2	0	0	1	29	11	8
Algarve	4	1	0	2	0	0	0	0	0	6	1	0
Total	102	43	10	36	13	4	0	1	1	138	57	15
Continente	74%	75%	67%	26%	23%	27%	0%	2%	7%	100%	100%	100%

Fonte: ProDer

7. Uma abordagem económica à produção primária

Neste capítulo apresenta-se a primeira abordagem relativamente à estimativa do peso económico da produção primária das PAM em Portugal Continental. Esta abordagem foi feita de acordo com a legislação comunitária, o que permite alcançar um duplo objetivo: obter uma estimativa do valor da produção primária a nível interno e, em simultâneo, poder utilizar a informação obtida para a melhoria da informação estatística do setor a nível nacional e da UE.

O aperfeiçoamento das estimativas referidas, com introdução de um elevado grau de detalhe, só foi possível graças aos dados resultantes do inquérito realizado.

No quadro da legislação comunitária⁵, o conceito de PAM corresponde a “plantas ou partes de plantas para fins farmacêuticos, fabrico de perfumes ou consumo humano. As plantas culinárias distinguem-se dos legumes na medida em que são utilizadas em pequenas quantidades e dão aos alimentos mais sabor do que substância”. Esta definição foi completada com conceitos do “Manual sobre a aplicação das definições dos inquéritos à estrutura das explorações agrícolas”, produzido pelo Eurostat, onde foi feita a identificação das principais espécies, com o reconhecimento de que “em geral, as plantas medicinais e aromáticas não são comercializadas diretamente, uma vez que precisam de transformação industrial antes da sua utilização final; no entanto, algumas plantas culinárias podem ser utilizadas diretamente (por exemplo, a salsa) ”.

Em consequência, as plantas aromáticas, medicinais e condimentares contemplam espécies com características muito diferentes e com variedades diversas, quer em termos de ciclo de vida quer no número de produções anuais, e com destinos muito variados das suas produções.

7.1. Base metodológica

A abordagem económica baseia-se nos conceitos e metodologia da legislação comunitária, enquadrada igualmente pelo direito nacional e comunitário e utiliza os dados do IPAM.

A informação estatística acima referida, prevista no programa estatístico comunitário, consiste na determinação do Valor de Produção Padrão⁶ (VPP) de todas as atividades praticadas nas explorações agrícolas. O VPP é o valor padrão da produção bruta, isto é, o valor monetário da produção bruta de cada atividade, com preço à saída da exploração, correspondente a um sistema de produção mais representativo da região que estiver em causa

Tendo em conta que as estruturas e os sistemas de produção agrícola praticados nos vários Estados Membros da UE são muito diversos, para ser possível a sua comparabilidade foi necessário definir uma metodologia que permitisse uma classificação harmonizada das explorações, em termos de orientação técnico-económica e de dimensão económica.

⁵ Regulamento (CE) Nº 1200/2009 da Comissão, de 30 de Novembro de 2009, que aplica o Regulamento (CE) Nº 1166/2008 do Parlamento Europeu e do Conselho relativo aos inquéritos à estrutura das explorações agrícolas e ao inquérito aos métodos de produção agrícola, no que respeita aos coeficientes de cabeças normais e às definições das características, Jornal Oficial L 329 de 25.12.2009

⁶ Artigo 5º do Regulamento (CE) Nº 1242/2008 da Comissão, de 8 de Dezembro de 2008, que estabelece uma tipologia comunitária das explorações agrícolas, Jornal Oficial L 335 de 13.12.2008

Esta classificação baseia-se na afetação de cada atividade com o respetivo VPP, conduzindo ao apuramento de um VPP total para a exploração (dimensão económica) e na verificação do peso relativo dos VPP das atividades existentes a fim de determinar qual a orientação produtiva da exploração (orientação técnico económica).

A análise feita neste capítulo é limitada à dimensão económica. A metodologia de cálculo dos VPP pode sintetizar-se no seguinte:

- É elaborada a partir da produção bruta por hectare, isto é, a produtividade, recolhida em kg/ha, que é multiplicada pelo preço de venda à porta da exploração;
- A produtividade refere-se ao período de um ano, quer para culturas temporárias, de ciclo muito curto, com várias sementeiras, colheitas e cortes no ano, quer para as culturas permanentes, cuja plantação pode dar origem a diversos cortes ao longo do ano e durante vários anos, conforme o tempo de vida útil da espécie;
- O produto considerado é sem transformação, o preço de venda, ou a valorização do produto reflete o destino da produção; a secagem não é considerada transformação.

7.2. As espécies cultivadas mais representativas

As PAM integram/contemplam um número muito elevado de espécies e variedades, de acordo com a definição atrás apresentada que, para simplificação, se designará por espécies.

Este conjunto é composto por plantas herbáceas e lenhosas, com ciclo vegetativo temporário ou permanente, com produções utilizadas para consumo em fresco, seco ou em óleos essenciais, cujos preços e quantidades variam conforme o tipo de produto final.

Esta diversidade de espécies, com as suas características específicas, leva a que tenham que ser agregadas em subgrupos, com base em critérios estabelecidos, para viabilizar o cálculo do VPP final das PAM, o qual terá que ser calculado de forma faseada, procedendo a agregações e ponderações sucessivas. Os critérios para a subdivisão do grupo das PAM foram os seguintes:

- Modo de produção: convencional ou biológico;
- Tipo de instalação: ao ar livre ou em estufa/abrigos altos;
- Destino do produto final: fresco, secado/seco, planta verde, óleo essencial;
- Consistência: plantas herbáceas ou plantas lenhosas;
- Ocupação do solo: culturas temporárias ou culturas permanentes;
- Modo de comercialização: embalado ou a granel;
- Parte da planta comercializada: inteira, caules e folhas, folhas, frutos;
- Utilização de água: sequeiro ou regadio;
- Regime de exploração: extensivo ou intensivo;
- Cobertura do solo: nu ou coberto com tela;
- Tipo de embalagem: em molho, envolvido, ensacado, enlatado, encaixado, enfrascado, envasado ou em tabuleiro.

Da combinação destes fatores resultam sistemas de produção diferenciados, com produtividades físicas dependentes do respetivo modo de produção e com preços variáveis em função de vários fatores, como o tipo de organização para a comercialização.

A metodologia adotada para a agregação das PAM em subgrupos teve em conta estes critérios, ponderados conforme a sua importância no contexto da produção nacional atual deste setor e os valores registados no IPAM. A impossibilidade de tratamento global das espécies, dada a sua enorme diversidade, foi ultrapassada pela ordenação das mesmas dentro de cada subgrupo definido, por ordem decrescente da respetiva área cultivada, limitando o cálculo dos VPP às 5 primeiras espécies. Determinadas as atividades mais representativas, obtidos os respetivos VPP e aplicados às áreas de produção do IPAM, calculou-se o valor económico do setor, o real, relativo às áreas em produção, e o potencial, tendo em conta as áreas declaradas no inquérito que ainda não entraram em produção.

Apresentam-se a seguir os subgrupos de culturas selecionados, bem como as respetivas espécies escolhidas, as suas produtividades e as áreas correspondentes.

7.2.1. PAM em fresco

As PAM em fresco, produzidas ao ar livre, temporárias ou permanentes, em modo de produção convencional, representam cerca de 78% da área total para fresco, viveiros incluídos (quadro 53). As 5 principais culturas por área ocupada são: coentro (71%), aipo (5%), salsa (4%), manjeriço (3%) e hortelã (2%).

Quadro 53. PAM em fresco em modo de produção convencional

Espécies	Área (ares)	Produção (kg)	Produtiv. Mínima (kg/ha)	Produtiv. Máxima (kg/ha)	Produtiv. mais frequente (kg/ha)
<i>Coriandrum sativum</i> L. (Coentro)	1705	219181	963	20000	12855
<i>Apium graveolens</i> (Aipo)	123	66320	n.d.	n.d.	n.d.
<i>Petroselinum sativum</i> (Salsa)	98	11495	5000	12750	11730
<i>Ocimum basilicum</i> L. (Manjeriço, basílico)	74	7832	n.d.	n.d.	n.d.
<i>Mentha spicata</i> L. (Hortelã-comum)	57	12365	2500	22391	21693
Subtotal	2050	317193			
Outros	333	19962			
Total	2390	337155			

Fonte: IPAM, GPP; n.d.: não definido

As PAM em fresco produzidas em MPB são apresentadas no quadro 54. A área utilizada é muito reduzida comparativamente ao modo convencional, representando sendo apenas 14,5% da área utilizada por este segmento. As 5 culturas principais ocupam uma área correspondente a 10% do total: acelga (3%), coentro, cebolinho e manjeriço (2% cada) e salsa (1%).

A restante e maior parte da área (90%) está ocupada por múltiplas espécies, com áreas inferiores a 5 ares por exploração agrícola, ou seja, cultivadas em áreas de muito pequena dimensão e com reduzidas produções, normalmente escoando para nichos de mercado.

Quadro 54. PAM em fresco em modo de produção biológico

Espécies	Área (ares)	Produção (kg)	Produtiv. Mínima (kg/ha)	Produtiv. Máxima (kg/ha)	Produtiv. mais frequente (kg/ha)
<i>Beta vulgaris</i> (Acelga)	10	21	11	6667	206
<i>Coriandrum sativum</i> L. (Coentro)	9	646	25	22500	6946
<i>Allium schoenoprasum</i> (Cebolinho)	9	29	n.d.	n.d.	n.d.
<i>Ocimum basilicum</i> L. (Manjerição, basílico)	8	251	25	6000	2988
<i>Petroselinum sativum</i> (Salsa)	5	236	100	6000	4720
Subtotal	42	1183	11	22500	2757
Outros	365	6927			
Total	406	8110			

Fonte: IPAM, GPP; n.d. : não definido

7.2.2. PAM secas

A área das PAM secas, produzidas ao ar livre, com tela, temporárias ou permanentes, em modo de produção convencional e biológico, representa 44,52 ha, valor muito superior (60%) ao das PAM para fresco. Como neste grupo domina fortemente o MPB, não foram consideradas as PAM secas em produção convencional.

O quadro 55 apresenta as PAM secas em MPB, agrupadas por género. Constata-se que duas únicas espécies, as lúcias-lima, com 27%, e os tomilhos, com 18%, ocupam quase metade da área total deste grupo. Seguem-se as mentas, as ervas cidreira e as segurelhas, que apresentam valores de 12%, 8% e 7%, respetivamente. As cinco primeiras espécies representam 72% da área total, ou seja, uma concentração das opções de produção num conjunto limitado de espécies.

Quadro 55. PAM secas em MPB agrupadas por género

Espécies	Área (ares)	Produção (kg)	Produtiv. Mínima (kg/ha)	Produtiv. Máxima (kg/ha)	Produtiv. mais frequente (kg/ha)
<i>Aloysia</i> (Lúcias- Lima)	1189	22363	63	3333	1881
<i>Thymus</i> (T.limão, vulgar, bela-luz, serpão)	782	10718	100	1000	1371
<i>Mentha</i> (Hortelã-pimenta, comum e poejo)	535	8713	78	10750	1630
<i>Melissa officinalis</i> (Erva-cidreira)	341	4767	29	16667	1398
<i>Satureja</i> (Segurelha e de-inverno)	290	4722	67	1240	1628
<i>Origanum</i> (Manjerona e orégãos)	184	1407	50	5000	765
<i>Salvia officinalis</i> L. (Salva)	165	4085	200	3750	2476
<i>Artemisia dracuncululus</i> L. (Estragão)	128	800	33	6667	625
Subtotal	3614	57575			
Outros	751	9066			
Total	4364	66641			

Fonte: IPAM, GPP

7.2.3. PAM produzidas em estufas e viveiros

A produção em estufas e viveiros ocupa cerca de 10 ha, dos quais 1,8 ha em MPB e 8,2 ha em modo convencional.

Neste grupo incluíram-se os produtos em fresco para corte, plantas envasadas para consumo direto em fresco e em vaso ou em tabuleiro para propagação.

As instalações onde os produtos se desenvolvem podem ser estufas dedicadas à produção de PAM, viveiros para venda de plantas envasadas ou em tabuleiros, e ainda algumas estruturas apropriadas (“viveiros”) para produção de material vegetativo para auto utilização.

As PAM produzidas em estufa, quando cortadas, são comercializadas de igual modo que as produzidas ao ar livre, sendo a totalidade da sua produção vendida em fresco. Como a comercialização não diferencia o tipo de instalação em que a produção foi obtida, isto é, se em estufa se em ar livre, optou-se por juntá-las, independentemente também do modo de produção, convencional ou MPB, sendo este último pouco significativo.

Como algumas estufas vendem produtos envasados para consumo em fresco, a sua produção foi agregada à dos viveiros que vendem plantas em vasos e em tabuleiros para propagação vegetativa. Existe ainda um reforço a justificar esta agregação que é o facto de não se constatar diferenciação de preço entre os produtos resultantes dos dois modos de produção, convencional e MPB

Os resultados do agregado de PAM produzidas em estufa e em viveiros, nos modos de produção convencional e biológico, constam do quadro 56.

Quadro 56. PAM em estufas e viveiros (plantas e vasos) por espécies

Espécies	Área Total (m ²)	Área Conv. (m ²)	Área MPB (m ²)	Nº Plantas	Nº Vasos
<i>Ocimum basilicum</i> L. (Manjeriço, basílico)	6514	6400	114	15510	674751
<i>Petroselinum sativum</i> (Salsa)	3300	3200	100	125330	325342
<i>Coriandrum sativum</i> L. (Coentro)	2850	2800	50	72200	311214
<i>Allium schoenoprasum</i> (Cebolinho)	1800	1700	100	2050	195867
<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Alecrim)	1733	1300	433	128630	219407
<i>Mentha spicata</i> L. (Hortelã-comum)	1670	1600	70	53174	161514
<i>Thymus vulgaris</i> L. (Tomilho, t-vulgar)	1625	1500	125	142970	145656
<i>Mentha pulegium</i> L. (Poejo)	1614	1600	14	15000	164204
<i>Ocimum minimum</i> L. (Manjerico)	1500	1500	0	26890	121274
<i>Lavandula angustifolia</i> (Alfazema)	900	800	100	15000	60500
<i>Origanum vulgare</i> (Orégão-grego)	600	600	0	15000	59717
<i>Aloysia triphylla</i> (Lúcia-lima)	574	200	374	228280	54975
<i>Salvia officinalis</i> L. (Salva)	543	200	343	110710	46262
<i>Santolina chamaecyparissus</i> (Santolina)	500	500	0	15000	18000
Subtotal	25723	23900	1823	965744	2558683
Outras	3617	1040	2577	1334113	525536
Total	29340	24940	4400	2299857	3084219

Fonte: IPAM, GPP

Os dados relativos ao número de plantas revelam que a lúcia-lima (7%) e o alecrim (7%) são os mais importantes, seguidos pela salsa (6%) e pela sálvia (6%), os tomilhos (5%), perfazendo estas espécies no seu conjunto 31% do total.

Considerando o número de vasos vendidos, o manjeriço apresenta o maior peso (22%), seguido da salsa e do coentro (11% e 10% respetivamente), o alecrim (7%), e o cebolinho (6%). Estas cinco espécies representam mais de metade (56%) da produção em vaso.

A área total de produção declarada pelos produtores foi de 29 340 m². Dividindo o número total de plantas e de vasos por esta área, que ocupam conjuntamente, obteve-se uma densidade de 78 plantas e 105 vasos por metro quadrado. Tendo em conta que à área base tem que se retirar 30% para circulação, a área efetivamente utilizada é de 20 538 m² (70% de 29 340 m²).

Com base nos seguintes pressupostos:

- a área de um tabuleiro de 0,30 m x 0,50 m, com 100 plantas, é de 0,15 m²;
- a área de um vaso é de 0,01 m²;
- a uma área base tem que se retirar 30% para circulação

e multiplicando estas áreas unitárias pelo número total de plantas e de vasos, obtemos um valor de área total de 34 291 m², superior ao declarado (29 340 m²), que significa a existência de uma certa rotatividade de culturas.

Essa sucessão de culturas equivale a um coeficiente de 1,67 ($34\,291\text{ m}^2/20538\text{ m}^2 = 1,67$). Para efeitos do cálculo do VPP, assume-se como produtividade destas culturas, que se apresentam em vasos e em tabuleiros, 78 plantas e 105 vasos por metro quadrado.

7.2.4. PAM para produção de óleos essenciais

No inquérito foram registados 7 produtores que, após a colheita do material vegetativo, transformam a sua produção em óleos essenciais. Alguns produtores de PAM que produzem óleos também importam matéria-prima e/ou procedem à colheita de plantas espontâneas, são recolectores.

A transformação é feita na própria exploração, não sendo o processamento considerado para efeito da estimativa dos VPP, conforme os critérios metodológicos estipulados, ficando apenas a nível do produto primário. No entanto, a secagem é um processo não inserido na transformação, pois apenas provoca a diminuição do teor de humidade. As espécies utilizadas são, grosso modo, as mesmas que as das PAM secas.

Dado o número diminuto de explorações com esta atividade e a diversidade de óleos isolados, não é possível analisar em detalhe este segmento, em cumprimento do princípio do segredo estatístico aplicável e com que nos comprometemos perante os prestadores de dados.

7.3. Determinação do Valor da Produção Padrão - VPP

Está previsto na legislação comunitária que os VPP sejam determinados para os níveis geográficos de NUTS⁷. Contudo, no caso das PAM, devido à multiplicidade de espécies existentes e às suas especificidades, procedeu-se a uma estimativa para todo o território continental.

Os VPP são estimados a partir das produtividades obtidas pelos produtores, considerando as situações mais frequentes e que se encontram em plena produção, com as devidas operações culturais feitas anualmente, ou por ciclo vegetativo quando inferior a um ano. O preço do produto reflete o destino da produção e é considerado no estágio “à saída da exploração”.

Os dados de base para o cálculo dos VPP foram obtidos no inquérito e complementados com recolha de informação feita por auscultação direta e presencial junto de 32 agricultores, que garantiram a representatividade necessária do sector. Por fim, recorda-se que, para viabilizar o cálculo do VPP das PAM, para cada subgrupo atrás identificado, utilizaram-se as 5 culturas com maior área e com produção efetiva.

⁷ NUTS, abreviação de “*Nomenclature des unités territoriales statistiques*”, é um sistema hierárquico que permite dividir o território económico da UE, e que serve de referência para a colheita, desenvolvimento e harmonização das estatísticas regionais e para a análise socioeconómica das regiões.

7.3.1. VPP das PAM frescas

De acordo com a agregação atrás apresentada, calcularam-se 2 VPP: para as PAM frescas convencionais e PAM frescas em MPB. Nos dois casos procedeu-se à agregação das culturas produzidas ao ar livre com aquelas produzidas em abrigo por não se verificar qualquer diferenciação pelo preço, pois o mercado procura produto durante todo o ano e a estufa serve para complementar a produção ao ar livre.

O quadro 57 apresenta o cálculo do VPP das PAM frescas convencionais, que foi ponderado pelas respetivas áreas registadas no IPAM para efeitos de cálculo do VPP final.

Quadro 57. VPP das PAM frescas em modo de produção convencional

Espécies	Produtiv. (t/ha) (1)	Preço (€/kg) (2)	VPP (mil€/ha) [3=(1*2)]	Ponderador Área IPAM (4)	% da área total (5)	VPP [6=(3*5)/100]
<i>Coriandrum sativum L.</i> (Coentro)	34	3,5	117,83	1 705	83	97,67
<i>Apium graveolens</i> (Aipo)	53	1,0	53,00	123	6	3,17
<i>Petroselinum sativum</i> (Salsa)	26	3,8	98,23	98	5	4,68
<i>Ocimum basilicum L.</i> (Manjericão)	12	3,5	40,25	74	4	1,45
<i>Mentha spicata L.</i> (Hortelã-comum)	22	3,5	76,13	57	3	2,11
VPP final (mil€/ha)					100	109,08

Fonte: GPP

A produção de PAM frescas em modo biológico ocupa cerca de 4,06 ha e está pulverizada por um número muito elevado de espécies. Por este motivo restringimos o cálculo dos VPP às cinco espécies mais relevantes em termos de área, apesar de representarem apenas 10% da área efetivamente em produção. Os valores obtidos para o VPP final constam do quadro 58.

Quadro 58. VPP das PAM frescas em modo de produção biológico

Espécies	Produtiv. (t/ha) (1)	Preço (€/kg) (2)	VPP (mil€/ha) [3=(1*2)]	Ponderador Área IPAM (4)	% da área total (5)	VPP [6=(3*5)/100]
<i>Beta vulgaris</i> (Acelga)	24,2	1,6	38,64	10	24	9,4
<i>Coriandrum sativum L.</i> (Coentro)	40,4	14,9	600,21	9	22	131,8
<i>Allium schoenoprasum</i> (Cebolinho)	38,3	5,5	210,65	9	22	46,2
<i>Ocimum basilicum L.</i> (Manjericão)	9,3	14,9	137,59	8	20	26,8
<i>Petroselinum sativum</i> (Salsa)	20	14,9	291,55	5	12	35,6
VPP final (mil€/ha)					100	249,82

Fonte: GPP

7.3.2. VPP das PAM secas

A área das culturas para produção de PAM secas no modo convencional é muito reduzida, cerca de 0,86 ha, pelo que não se elaborou o VPP convencional mas apenas o VPP em MPB, com cerca de 44 ha, que se apresenta no quadro 59.

Quadro 59. VPP das PAM secas em MPB

Espécies	Produtiv. (t/ha) (1)	Preço (€/kg) (2)	VPP (mil€/ha) [3=(1*2)]	Ponderador Área IPAM (4)	% da área total (5)	VPP [6=(3*5)/100]
<i>Aloysia triphylla</i> e <i>Palau</i> (Lúcia-lima)	5,5	4,4	24,20	1 189	45	10,83
<i>Mentha x piperita</i> L. (Hortelã-pimenta)	3,2	3,6	11,52	495	19	2,15
<i>Thymus x citriodorus</i> (Tomilho-limão)	3,2	4,8	15,36	344	13	1,99
<i>Melissa officinalis</i> (Erva-cidreira)	3,0	3,8	11,40	341	13	1,46
<i>Thymus vulgaris</i> L. (Tomilho, t. vulgar)	3,0	4,0	12,00	288	11	1,30
VPP final (1000€/ha)					100	17,73

Fonte: GPP

7.3.3. VPP das PAM em viveiros

No caso dos viveiros procedeu-se à agregação dos modos de produção e dos tipos de multiplicação, por semente e por material vegetativo.

Utilizou-se a informação retirada do IPAM no que se refere ao número de vasos e plantas em alvéolos e em vasos, dados que foram confirmados na sondagem a um painel de produtores, a partir dos quais se construiu o quadro 60.

Quadro 60. VPP das PAM em viveiro

Espécies	Nº. Vasos (1)	Nº. Plantas (2)	Preço €/Vaso (3)	Preço €/Planta (4)	VPP (1000€/ha) [5=(1*3+2*4)/6]	Ponderador (Área IPAM) (6)	% da área total (7)	VPP [8=(7*5/100)]
<i>Ocimum basilicum</i> L. (Manjericão)	674 751	15 510	0,7	0,28	731,8	6 514	40	29,27
<i>Petroselinum sativum</i> (Salsa)	325 342	125 330	0,7	0,28	796,4	3 300	20	15,92
<i>Coriandrum sativum</i> L. (Coentro)	311 214	72 200	0,7	0,28	835,4	2 850	18	15,03
<i>Allium schoenoprasum</i> (Cebolinho)	195 867	2 050	0,7	0,28	765,0	1 800	11	8,41
<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Alecrim)	219 407	128 630	0,7	0,28	1 094,1	1 733	11	12,04
VPP final (1000€/ha)							100	80,69

Fonte: GPP

7.3.4. VPP final para as PAM

O valor estimado do VPP agregado consta do quadro 61, obtido através de ponderações sucessivas, resultando de valores para as tipologias frescas, secas e em viveiro. O valor do VPP final para aplicar às PAM em geral é de 61 600 € por ha.

Quadro 61. Cálculo do VPP final para as PAM

VPP	VPP total (1000€/ha) (1=3*4+5*6)	% (2)	VPP total MPB (1000€/ha) (3)	% (4)	VPP total Modo Conv. (1000€/ha) (5)	% (6)
VPP das PAM em fresco	129,51	39	249,82	15	109,08	85
VPP das PAM secas	17,73	61	17,73	98	17,73	2
VPP Subtotal	60,80	96				
VPP viveiros	80,69	4	80,69		80,69	
VPP final	61,60					

Fonte: GPP

7.4. Os valores económicos da produção primária

Tendo-se obtido os VPP (valor/ha) determinados para cada tipologia, associou-se-lhes as respetivas áreas, quer as efetivas (em produção) quer as declaradas (incluindo as que ainda não entraram em produção), por modo de produção.

O quadro 62 apresenta os valores obtidos a partir das áreas efetivamente em produção. De realçar a utilização do MPB para as culturas direcionadas para produto seco, apesar do valor de produção muito mais importante obtido pela produção em fresco.

Quadro 62. VPP por modo de produção em área efetiva

VPP	VPP MPB			VPP Convencional		
	VPP (1000€/ha)	Área efetiva (ha)	VPP total (1000€)	VPP (1000€/ha)	Área efetiva (ha)	VPP total (1000€)
PAM em fresco	249,82	4,06	1 014,27	109,80	23,90	2 624,22
PAM secas	17,73	43,64	773,74	17,73	0,97	17,20
Viveiros	80,69	0,44	35,50	80,69	2,49	200,92
VPP total		48,14	1 823,51		27,36	2 842,34

Fonte: GPP

O quadro 63 apresenta os resultados obtidos, para as áreas declaradas, do valor da produção padrão para a totalidade das PAM e também para os seus subsectores: em fresco e secas, nos dois modos de produção, convencional e biológico, e ainda para viveiros de PAM. De realçar que o valor praticamente duplica no setor do MPB e triplica para o setor convencional.

Quadro 63. VPP por modo de produção em área declarada

VPP	VPP MPB	VPP Convencional
-----	---------	------------------

	VPP (1000€/ha)	Área declarada	VPP total (1000€)	VPP (1000€/ha)	Área declarada	VPP total (1000€)
PAM em fresco	249,82	8,86	2 213,75	109,8	75,37	8 275,58
PAM secadas	17,73	89,60	1 588,58	17,73	3,14	55,68
Viveiros	80,69	0,44	142,00	80,69	2,49	200,92
VPP total		98,90	3 837,83		81,00	8 532,18

Fonte: GPP

7.5. O valor real e o valor potencial da produção total de PAM

Tendo em conta a existência de áreas em produção efetiva e de áreas que ainda não entraram em produção, calculou-se os VPP para as duas situações. No primeiro caso temos o Valor Real/Atual da Produção Bruta de PAM e, no segundo, um valor que poderá ser atingido quando toda a área declarada no inquérito estiver em produção, o qual designámos por Valor Potencial da Produção Bruta de PAM.

A partir da produção atual de PAM, correspondente a 75,5 ha de área em produção efetiva, obteve-se o VPP para a totalidade das PAM de **4 666 mil euros**.

Com base na área declarada para produção de PAM, de 179,9 ha, que se espera vir a entrar em produção, o VPP total é de **12 370 mil euros**. Constata-se, pois, uma variação de 165%, ou seja, o valor real de produção do setor está muito aquém do seu potencial, à data do inquérito.

Os valores unitários apurados para o Valor da Produção Padrão dos subsectores considerados são os seguintes:

- PAM para consumo em fresco e em modo convencional - 109 mil €/ha
- PAM para consumo em fresco e em modo biológico - 249 mil €/ha
- PAM em seco e em modo de produção biológico - 18 mil €/ha
- Viveiros - 81 mil €/ha

Os valores globais da Produção Bruta Padrão estimados são os seguintes:

- Produção Atual, correspondente à área declarada no inquérito como estando em produção - 4 666 mil €
- Produção Potencial, correspondente à área total declarada no inquérito, a que se encontra em produção e a que ainda não deu produção - 12 370 mil €

A entrada em produção da área registada no IPAM que não está ainda ativa significará um aumento de 165% do Valor Total da Produção Padrão de PAM

8. Enquadramento mundial e europeu

As PAM podem ser utilizadas de forma direta, no estado fresco, secadas ou preparadas; ou de forma indireta, como matéria-prima para a extração dos seus princípios ativos, através da produção de óleos essenciais e outros derivados. O mercado das PAM é, pois, bastante diverso e complexo e, na ótica dos utilizadores finais, poderíamos subdividi-lo em três segmentos: o industrial, o retalhista e a restauração.

O mais importante é o mercado para a indústria, seja a alimentar, a cosmética, a farmacêutica ou a química, que utiliza as PAM sob as formas mais diversas: como matéria-prima em bruto, tais como raízes, rizomas, folhas, frutos, sementes e cascas; ou como matéria-prima para isolar substâncias ativas ou extratos, isto é, bálsamos, óleos essenciais, resinas, gomas, amidos, óleos e gorduras, ceras; corantes, agentes espessantes e outros aditivos, vitaminas e proteínas, óleos de perfumaria, conservantes.

Este mercado é, também, o mais difícil e diferenciado nos seus vários segmentos. A indústria farmacêutica é a mais conservadora, ou menos inovadora, embora seja a mais importante em termos de mercado. A indústria alimentar e a da cosmética, incluindo a aromatologia, são as mais inovadoras e dinâmicas, aquelas onde a possibilidade de novas espécies ou formas de cultivo particulares, como o biológico, encontram maiores possibilidades de escoamento.

Do ponto de vista da matéria-prima, a indústria está dependente da recolha de cerca de 500 espécies selvagens dado a sua produção controlada ainda ser feita a um ritmo muito baixo.

8.1. O mercado comunitário

O mercado comunitário é o segundo mercado a nível mundial, a seguir aos EUA, e é ainda um mercado em crescimento, quer na cosmética, quer na alimentação.

Em termos de valores, e tendo como base exclusivamente o mercado comunitário para as especiarias e ervas aromáticas, o setor industrial europeu, considerado o mais inovador, absorve 55-60% do total, o retalho absorve 35-40% e a restauração 10-15%⁸.

O aumento da procura de produtos naturais, por oposição aos produtos sintéticos, tem-se alavancado na tendência crescente dos cidadãos para um estilo de vida mais natural, mais sustentável e amigo do ambiente, em paralelo com um aumento da tomada de consciência dos problemas sociais nos países em desenvolvimento, importantes exportadores.

A esta alteração de perceção e atitude do consumidor alia-se o aumento dos custos de saúde para uma população europeia cada vez mais envelhecida, levando a que a utilização dos produtos naturais se apresente como uma alternativa interessante. No caso da alimentação, a esta evolução das tendências dos consumidores junta-se ainda uma visão muito positiva de produto natural com propriedades contra o envelhecimento, antioxidantes, medicinais, anti-inflamatórias e outras.

⁸ CBI Market Survey: the Spices and Herbs Market in the EU, March 2010

O mercado da cosmética está igualmente em crescimento a nível mundial, e embora seja extremamente competitivo, a procura por produtos europeus ainda é dominante. A utilização de ingredientes naturais por esta indústria, convencional ou natural, tem igualmente vindo a aumentar pelas mesmas razões, isto é, em resposta às tendências e preocupações dos consumidores, que, como referido, se mostram mais exigentes no que respeita à origem e à forma como os produtos são feitos.

No mercado de ingredientes naturais para a indústria farmacêutica, a tendência parece ser menos evidente, pois, em resultado da crise, aumenta a pressão para a diminuição dos gastos com a saúde pública, a consequente diminuição das despesas em inovação, nomeadamente a utilização de ingredientes naturais nesta indústria.

Em contrapartida, o mercado dos suplementos alimentares apresenta uma dinâmica que resulta igualmente da perceção do produto natural, a que acresce um adicional no caso dos produtos biológicos. Para além do seu mercado interno, estudos recentes mostram que existem também boas perspectivas de exportação para outros mercados como a Rússia, Japão e China.

Finalmente, um outro mercado importante para as PAM é o dos óleos essenciais. A UE é um dos maiores importadores mas é um pequeno produtor, e tal como para os restantes produtos, este mercado também tem vindo a apresentar taxas de crescimento positivas e importantes nos últimos anos.

De notar ainda que o crescimento destes vários segmentos de mercado tem sido acompanhado de um aumento das suas regras de funcionamento, que se têm vindo a tornar mais rigorosas e exigentes, quer quanto à qualidade da matéria-prima quer ao longo de toda a fileira, exigindo sistemas de controlo e traçabilidade ao longo da cadeia de produção.

8.2. O comércio mundial e europeu

A informação estatística a nível europeu e mundial sobre as PAM também não é nem abundante nem atualizada. As bases utilizadas são, para além das estatísticas oficiais, algumas apresentadas neste capítulo, estudos de entidades e gabinetes especializados. Segundo alguns destes estudos⁹, o mercado mundial de PAM vale cerca de 83 000 milhões de dólares, e apresenta um crescimento constante, que pode variar entre 3% e 12% ao ano, dependendo do mercado.

Não sendo fácil separar os diferentes mercados, este mesmo estudo apresenta alguns valores para os diversos segmentos: para os suplementos alimentares para dieta, 11 000 milhões de dólares, e para os alimentos funcionais à base de plantas, 14 000 milhões de dólares; para o mercado mundial da indústria farmacêutica, incluindo medicamentos a partir de precursores à base de plantas e registados como plantas medicinais, calculou 44 000 milhões de dólares, com a indústria da cosmética a absorver os restantes 14 000 milhões de dólares.

O mercado europeu é o segundo maior mercado mundial de consumo de especiarias e condimentos, com a pimenta, o colorau e a pimenta da Jamaica dominando as especiarias; a

⁹ The Global Herbs & Botanicals Market, Dr. Joer Gruenwald (2010)

salsa, o tomilho e os orégãos dominando nas ervas aromáticas. É um mercado que representava 1,2 mil milhões de euros em 2009¹⁰, com o RU, a Alemanha, a Roménia e a Hungria representando 58% do consumo. Os países da Europa de Leste têm, nos últimos anos, demonstrado uma dinâmica, que levou ao aumento da sua participação neste mercado.

A quase totalidade deste consumo é alimentada por importações, que atingiram 1,131 milhões de € ou 420 000 toneladas em 2008, e que são lideradas pela Alemanha, seguindo-se o RU, os PB, Espanha e França¹¹.

A produção comunitária de especiarias e outras ervas aromáticas é, pois, muito reduzida, e segundo a FAOSTAT, em 2008 o total não ultrapassaria as 120 000 toneladas.

A informação sobre os principais produtores europeus consta do quadro 64 no que respeita à área, e do quadro 65 relativamente à produção.

Relativamente às áreas em produção, os dados apresentam algumas deficiências como seja a não existência de produção para Itália, mas confirma o maior produtor como sendo a Bulgária, embora com variações anuais importantes, seguindo-se a França, cujas áreas se têm mantido estáveis.

Segue-se um grupo de países com dimensão semelhante, acima dos 10 000 ha, a Polónia, a Roménia, a Finlândia e a República Checa, esta última com acentuada diminuição, seguida de um grupo de Estados membros com produções inferiores mas ainda assim importantes. De notar o aparecimento de informação sobre a Turquia, pela primeira vez em 2012, com um valor muito elevado de área para a dimensão europeia.

Portugal não apresenta valores até 2009, e partir deste ano zero por serem inferiores a 1000 ha, a unidade mínima de base.

¹⁰ CBI Market Survey: the Spices and Herbs Market in the EU, March 2010

¹¹ Idem

Quadro 64. Área de produção de PAM na Europa (1000 ha)

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Bélgica	0,2	0,2	0,1	0,2	0,2	0,2	0,1	0,1	-
Bulgária	83,5	39,1	30,6	35,1	45,9	58,5	65,8	51,5	36,8
República Checa	11,7	8,4	5,9	5,2	4,0	5,7	9,4	8,6	7,2
Alemanha	6,7	6,3	6,0	6,1	5,7	5,7	6,8	7,4	7,0
Estónia	0,1	0,3	0,1	0,4	0,1	0,2	0,9	0,9	0,0
Grécia	1,2	2,4	3,2	3,5	1,6	1,6	5,2	5,1	-
Espanha	5,6	5,6	6,4	6,7	7,3	8,8	9,8	13,6	-
França	35,9	36,1	32,9	-	29,5	35,3	36,5	33,9	34,7
Itália	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Letónia	0,4	0,9	0,0	0,3	0,0	0,0	0,5	0,5	0,4
Lituânia	6,0	4,2	2,5	2,0	2,1	2,7	7,4	25,6	5,4
Hungria	2,9	2,1	1,6	4,3	3,1	4,0	3,4	4,5	4,3
Países Baixos	0,2	0,1	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0	0,4	0,3
Áustria	3,6	3,9	3,8	3,8	4,0	3,3	4,0	4,2	3,7
Polónia	15,0	20,3	21,6	14,7	14,0	14,3	14,0	14,5	-
Portugal	-	-	-	-	-	-	0,0	0,0	0,0
Roménia	9,1	4,6	23,7	7,4	7,3	10,1	14,6	11,5	5,4
Eslovénia	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Eslováquia	1,4	1,4	1,0	1,2	1,0	0,9	1,3	1,4	1,5
Finlândia	10,6	13,5	22,5	21,8	17,4	16,9	12,8	16,8	14,0
Reino Unido	-	-	-	-	-	-	2,0	2,0	-
Suíça	-	-	-	0,3	0,3	-	0,3	0,3	0,3
Croácia	2,2	4,0	3,2	3,1	2,8	2,8	2,5	3,2	3,2
Turquia	-	-	-	-	-	-	-	-	122,0

Fonte: EUROSTAT Legenda: - Informação não disponível; 0 Dados inferiores a 1000 ha / toneladas

O quadro 65 dá-nos a informação relativa às quantidades produzidas para os mesmos países, verificando-se que a ordem entre os países não se altera.

A informação sobre as quantidades produzidas é ainda mais reduzida, com alguns países referenciados como produtores a partir das áreas mas sem dados sobre as quantidades produzidas (Bélgica, Alemanha, Estónia, Eslovénia, RU), ou com informação não conforme (França, Hungria, Áustria, Finlândia).

Quadro 65. A produção de PAM na Europa (1000 toneladas)

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Bulgária	97,6	41,9	32,9	37,4	57,0	48,3	65,1	49,4	40,4
República Checa	7,7	7,7	4,7	3,9	3,8	3,9	5,6	7,0	6,1
Grécia	-	-	-	-	0,0	0,0	-	4,6	-
Espanha	16,9	16,9	14,0	17,7	18,4	18,2	18,8	22,2	-
França	-	-	-	-	0,0	0,0	115,0	124,5	-
Itália	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Letónia	0,1	0,3	0,0	-	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0
Lituânia	1,9	1,9	0,4	0,5	1,1	0,7	-	-	2,9
Hungria	5,5	3,2	3,2	16,9	16,4	25,0	15,1	27,0	-
Países Baixos	0,2	0,2	0,1	0,1	0,1	1,5	-	-	-
Áustria	-	-	-	-	-	-	-	0,0	0,0
Polónia	14,2	15,9	20,4	20,1	17,6	17,4	19,3	-	-
Portugal	-	-	-	-	-	0,0	0,0	0,0	0,0
Roménia	9,2	3,3	17,0	2,9	7,5	7,1	16,1	-	-
Eslováquia	1,8	0,8	0,5	2,1	1,4	1,5	1,0	4,2	5,4
Finlândia	-	-	-	-	4,7	3,3	-	-	-
Suíça	-	-	-	0,3	0,3	-	0,3	0,3	-
Croácia	1,5	3,0	2,3	2,2	1,5	1,6	1,3	2,6	-
Turquia	-	-	-	-	-	-	-	-	122,0

Fonte- EUROSTAT

8.3. O comércio internacional de Portugal

Embora o mercado interno seja determinante para as PAM, a importância das vendas para o exterior é importante para todas tipologias de PAM, variando o seu peso entre 22% no caso dos produtores de verde, até 32% para os produtores de secas, e o mercado comunitário é, quase naturalmente, o dominante.

Conhecer um pouco melhor o que se passa a nível do comércio internacional é, assim, importante para o setor, e a razão para inclusão deste capítulo.

A primeira questão a resolver foi a de identificar que produtos ou códigos da Nomenclatura Combinada (NC)¹² deveriam ser considerados como PAM para efeitos da recolha estatística. O resultado consta do quadro 66, onde as PAM foram classificadas em 3 grupos, frescos, especiarias e sementes, correspondendo, cada um, a um capítulo da NC, com as individualizações de produtos existentes nesta data. As plantas do grupo “Frescos” fazem parte do capítulo 7 da NC, as do grupo “Especiarias” do capítulo 9 e, por último, as do grupo “Sementes” pertencem ao capítulo 12.

¹² A NC é a nomenclatura das mercadorias da UE que satisfaz as exigências das estatísticas do comércio internacional, intra e extracomunitário, e da pauta aduaneira.

Quadro 66. Identificação das PAM do ponto de vista da NC

Grupo "Frescos"	Aipo
	Funcho
	Gombôs, abóboras, ruibarbo, azedas, oxálidas, cherivias, agriões, salsa, cerefólio, estragão, manjerona, cebolas selvagens
Grupo "Especiarias"	Pimentos não doces (géneros <i>Capsicum</i> ou <i>Pimenta</i>) secos
	Sementes de coentro
	Sementes de cominho
	Sementes de anis (erva-doce), badiana (anis-estrelado), funcho, alcaravia e bagas de zimbro
	Açafrão
	Tomilho (serpão)
	Tomilho
Grupo "Sementes"	Louro
	Raízes de ginseng
	Palha de dormideira ou papoula
	Orégãos, salva, manjeriço, hortelã (menta), verbena, arruda, hissopo, borragem, alecrim, absinto, alcaçuz, dente-de-leão, azedas, chagas
	Piretro (<i>Crysanthemum</i>)

Fonte: Nomenclatura Combinada EUROSTAT

8.3.1. Importação total de PAM

A partir do cabaz de PAM definido no quadro 66, construiu-se o quadro 67 que nos dá os valores globais das importações portuguesas de todos os produtos, no período 2000-2012. Os montantes para 2011 e 2012, em especial este último, têm que ser relativizados uma vez que ainda não estão consolidados.

A partir do “cabaz de PAM” atrás identificado, ou seja, um conjunto de produtos muito diversos embora da mesma natureza, logo com valores unitários muito diferentes entre si, é possível constatar que as importações quase triplicaram ao longo da última década, com um salto superior ao dobro no ano de 2005, em quantidades, salto este que, embora se tenha repetido em 2008, regrediu nos anos seguintes em quantidades mas manteve uma certa estabilidade em valor. Neste crescendo das importações, a origem comunitária é sempre predominante, e sempre acima dos 90%.

Quadro 67. Importações portuguesas de PAM por origem UE ou Países terceiros, de 2000 a 2012

	intra-UE		extra-UE		TOTAL	
	1000 kg	1000 EUR	1000 kg	1000 EUR	1000 kg	1000 EUR
2000	5 590	5 260	354	632	5 944	5 892
2001	5 209	6 136	463	1 029	5 671	7 165
2002	8 508	7 230	459	877	8 967	8 107
2003	7 300	7 253	759	1 031	8 059	8 284
2004	7 220	6 714	460	1 090	7 680	7 803
2005	16 269	7 980	788	859	17 057	8 839
2006	16 084	9 858	569	864	16 653	10 722
2007	24 454	11 041	583	946	25 036	11 987
2008	31 187	15 144	855	1 428	32 042	16 572
2008	10 643	12 083	1 181	1 568	11 824	13 651
2010	8 212	14 892	1 170	1 315	9 382	16 207
2011	13 697	15 407	1 231	1 473	14 928	16 880
2012	8 224	11 358	454	741	8 678	12 099

Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

8.3.2. Exportação total de PAM

Relativamente às exportações portuguesas¹³ (quadro 68), verifica-se que as saídas para o território comunitário mais do que duplicaram em 2002 e quadruplicaram em 2003, mantendo nos anos seguintes o mesmo nível. Para fora do mercado comunitário, o salto deu-se em 2008 em termos de valor, ano em que também septuplicaram face aos anos anteriores, tendo em 2010 sido multiplicado por 13. Contudo, em termos de quantidade os aumentos foram muito inferiores, menos do dobro, significando que a composição dos produtos exportados foi alterada, com a entrada de mercadorias com forte valor unitário. O peso do mercado comunitário face a países terceiros manteve-se ao longo da década, com o mercado da UE a dominar, representando 97% do seu destino

¹³ Embora não seja tecnicamente correto, iremos chamar às saídas de produtos portugueses para a UE exportações para simplificação de linguagem.

Quadro 68. Exportações portuguesas de PAM por destino UE ou países terceiros, de 2000 a 2012

	intra-UE		extra-UE		TOTAL	
	1000 kg	1000 EUR	1000 kg	1000 EUR	1000 kg	1000 EUR
2000	841	1 803	74	225	916	2 028
2001	714	2 801	71	238	785	3 039
2002	1 820	4 172	77	290	1 898	4 463
2003	3 287	5 694	97	306	3 383	6 000
2004	3 017	5 618	106	346	3 123	5 964
2005	2 462	5 933	103	268	2 565	6 202
2006	3 086	8 466	139	471	3 224	8 936
2007	2 791	7 885	101	444	2 892	8 329
2008	3 314	7 058	113	1 549	3 427	8 607
2008	3 127	8 112	106	2 704	3 233	10 816
2010	4 132	8 919	128	2 953	4 260	11 873
2011	16 663	12 165	114	1 872	16 777	14 037
2012	5 352	10 133	120	2 392	5 472	12 524

Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

8.4. A balança comercial das PAM

O quadro 69 e o gráfico 10 apresentam a evolução da balança comercial, em valor, para a década em estudo, podendo constatar-se que é sempre negativa, e que esta tendência se mantém, mais acentuada em 2008, ano em que o saldo mais do que quadruplicou.

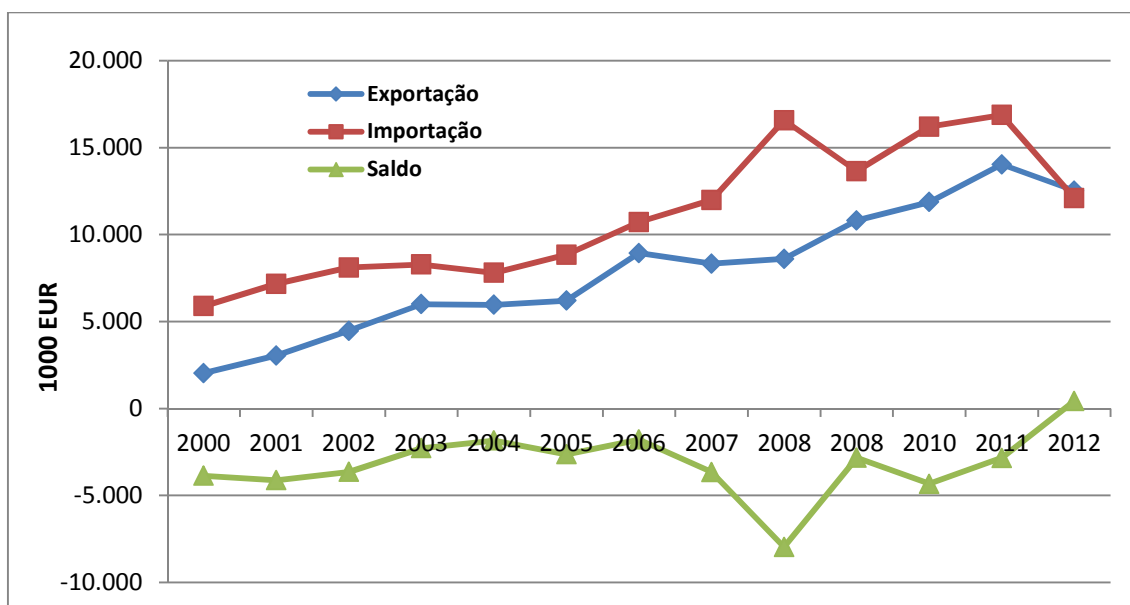
Quadro 69. Balança comercial das PAM, de 2000 a 2012

	Exportação	Importação	Saldo
2000	2 028	5 892	-3 864
2001	3 039	7 165	-4 126
2002	4 463	8 107	-3 644
2003	6 000	8 284	-2 284
2004	5 964	7 803	-1 839
2005	6 202	8 839	-2 637
2006	8 936	10 722	-1 786
2007	8 329	11 987	-3 657
2008	8 607	16 572	-7 965
2008	10 816	13 651	-2 835
2010	11 873	16 207	-4 334
2011	14 037	16 880	-2 843
2012	12 524	12 099	425

Unidade: 1000 EUR

Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

Gráfico 10. Balança Comercial das PAM, de 2000 a 2012

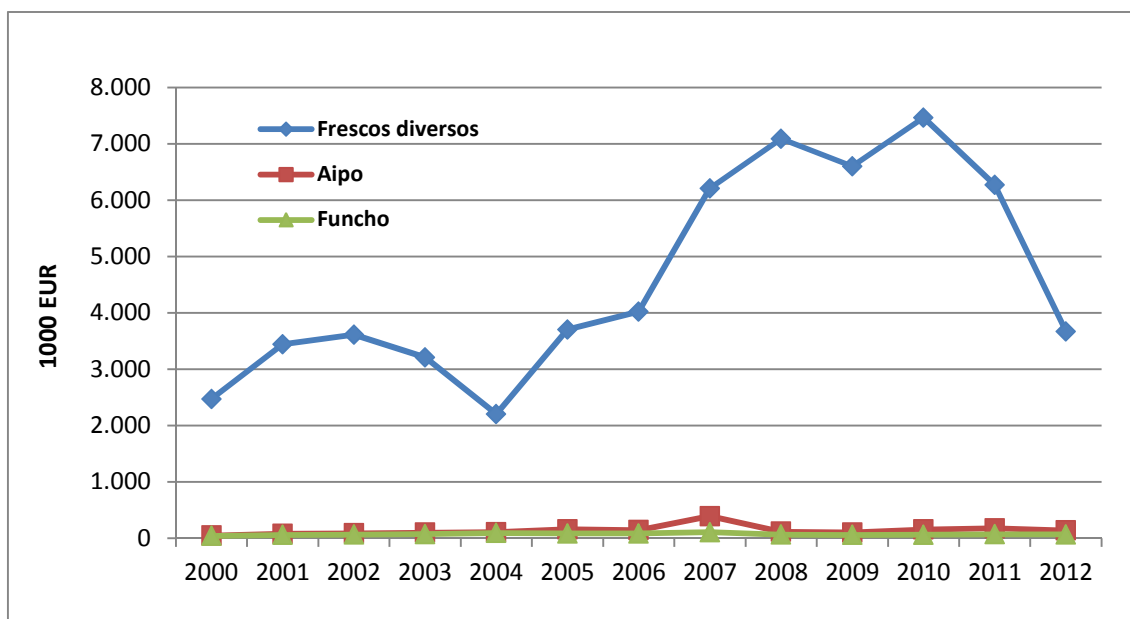


Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

8.4.1. Importação de PAM por grupo de produtos

Para melhor compreender as trocas, apresenta-se, nos gráficos seguintes, a evolução para cada um dos grupos do cabaz de produtos PAM, salientando aqueles que são mais importantes. Assim, no grupo dos “frescos”, constata-se que é dentro dos “frescos diversos” que se assiste a um aumento das importações, sem que seja possível, estatisticamente, individualizar qual o ou os produtos que para tal contribuíram.

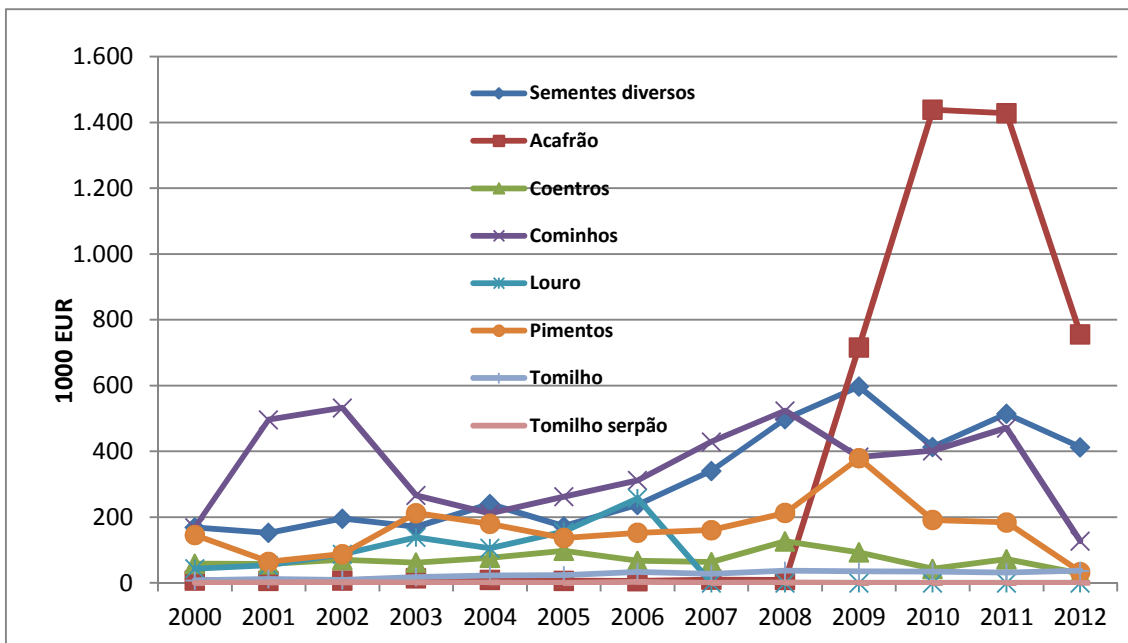
Gráfico 11. Importação de PAM Grupo “Frescos”, de 2000 a 2012



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

No grupo das especiarias, gráfico 12, o açafrão é o produto que contribui para o aumento das mesmas a partir de 2008, como atrás constatado, e que igualmente vai ser o responsável pelas exportações durante este ano e seguintes, como consta do gráfico 15.

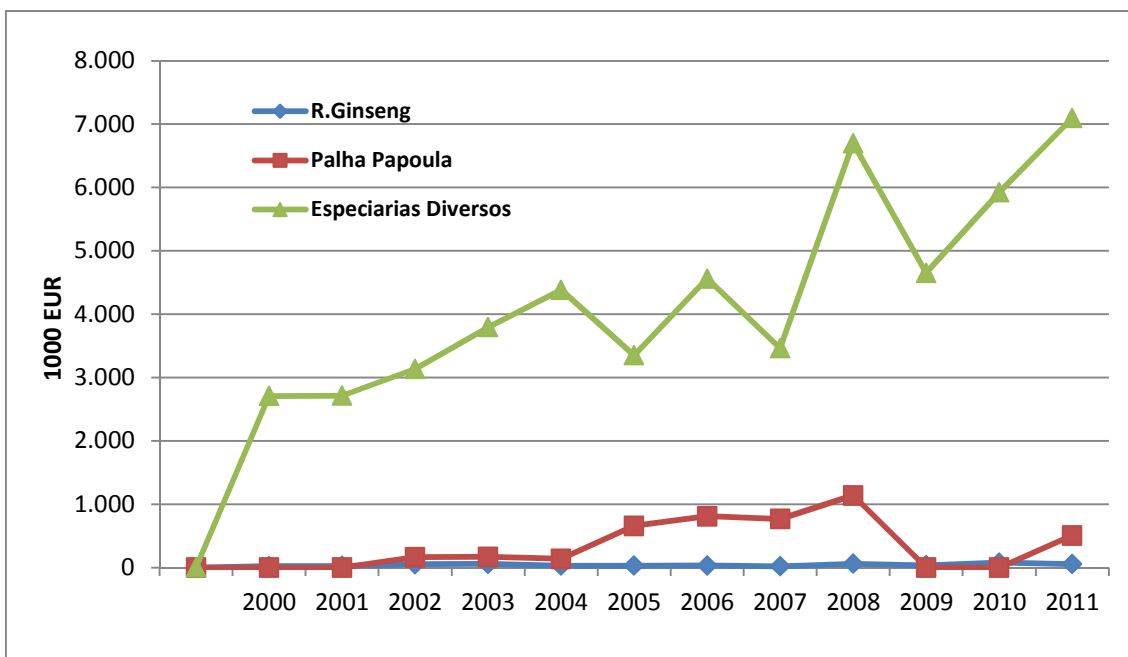
Gráfico 12. Importação de PAM Grupo “Especiarias”, de 2000 a 2012



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

No grupo das sementes, novamente são as especiarias diversas, que não se consegue individualizar, que contribuem para este aumento (gráfico 13).

Gráfico 13. Importação de PAM Grupo “Sementes”, de 2000 a 2012

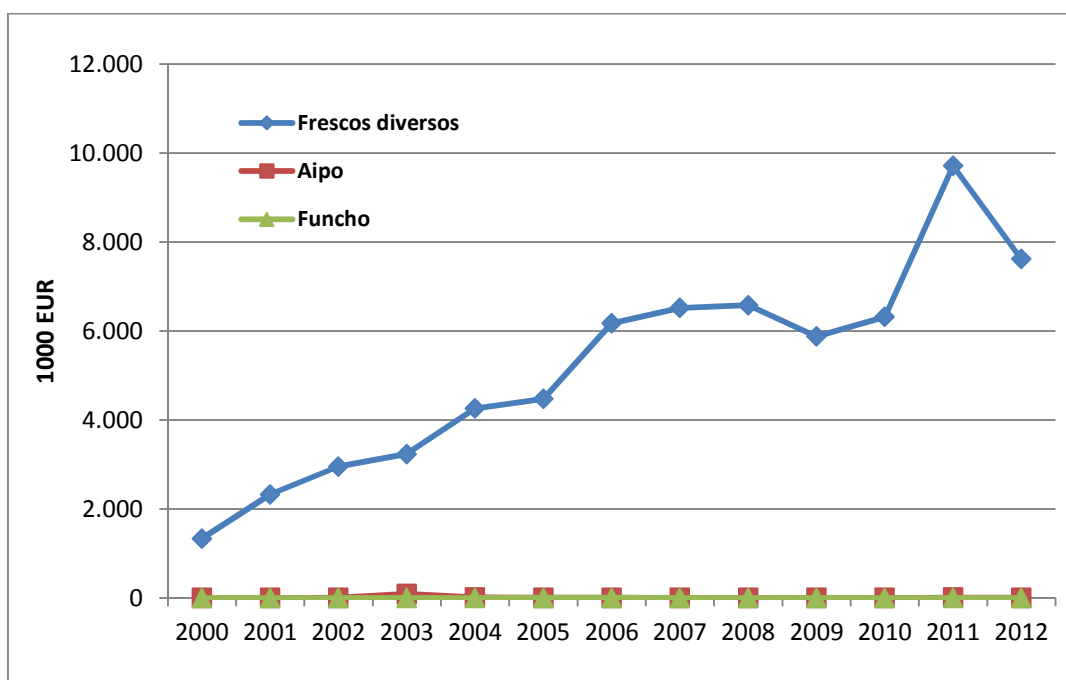


Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

8.4.2. Exportação de PAM por grupo de produtos

Nas exportações por grupo, e começando pelos frescos, constata-se a estabilidade das exportações de aipo e funcho, sendo os outros frescos que, novamente, contribuem para o aumento das exportações, gráfico 14.

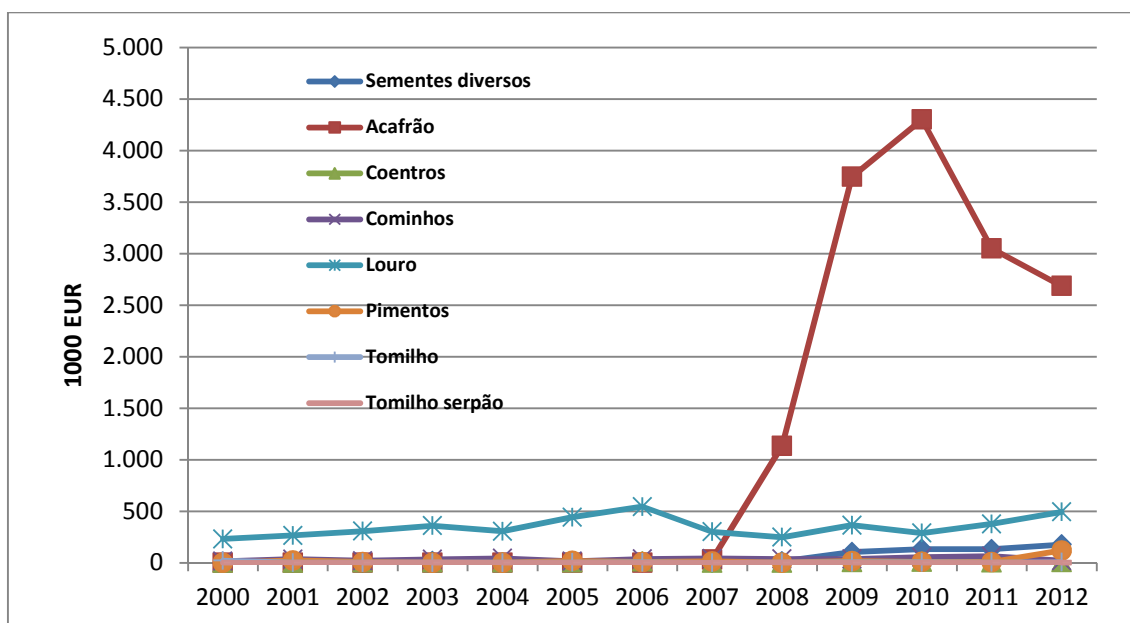
Gráfico 14. Exportação de PAM Grupo “Frescos”, de 2000 a 2012



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

No grupo das especiarias, verifica-se uma grande estabilidade em quase todos os produtos, com exceção do açafrão, gráfico 15.

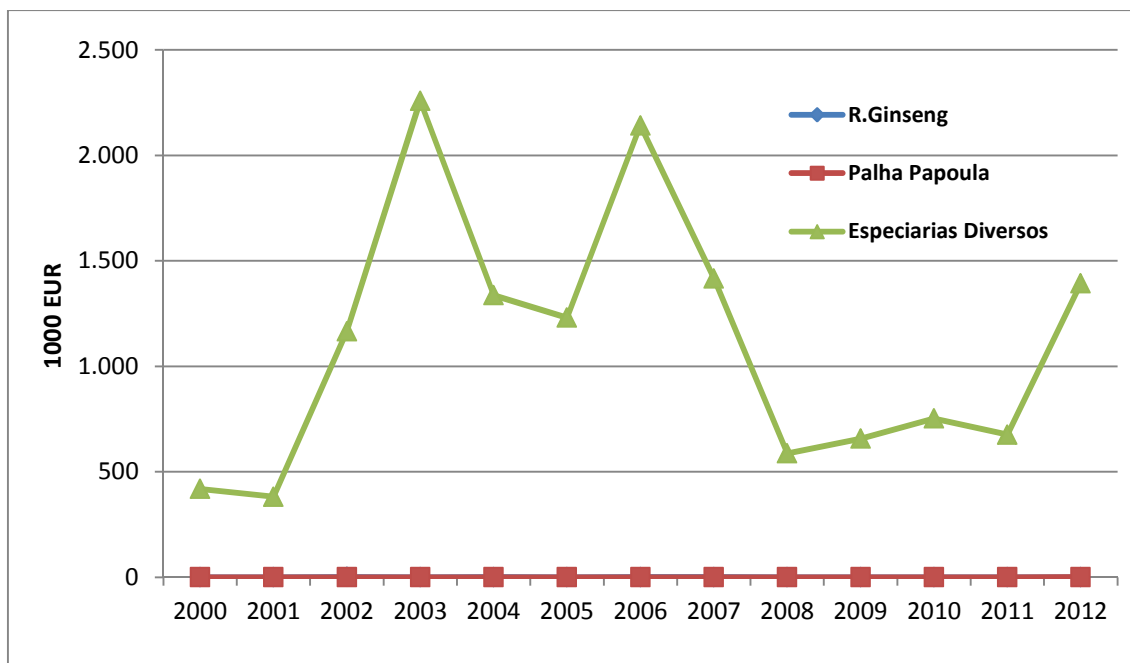
Gráfico 15 . Exportação de PAM Grupo “Especiarias”, de 2000 a 2012



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

Finalmente, no grupo sementes (gráfico 16), são os produtos dentro das especiarias diversas que são responsáveis pelos movimentos de aumentos e diminuições ocorridas, com fortes oscilações.

Gráfico 16 . Exportação de PAM Grupo “Sementes”, de 2000 a 2012

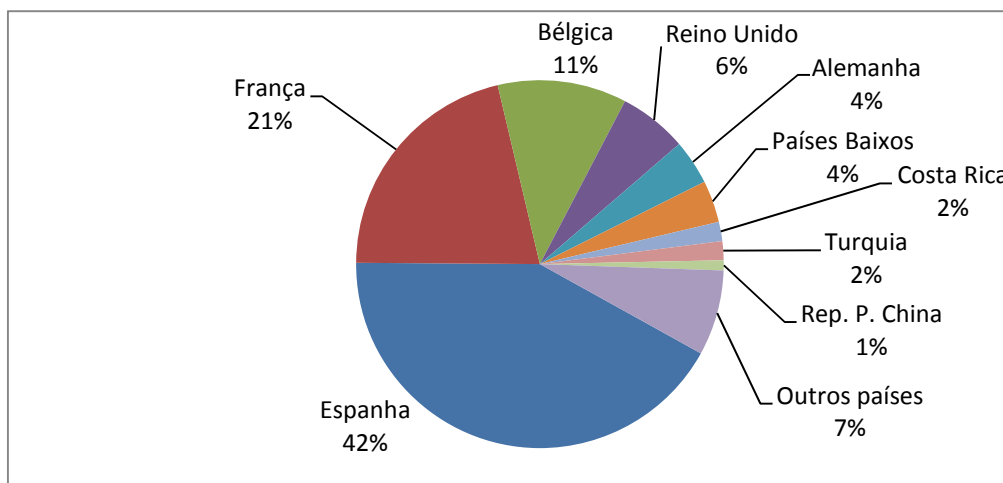


Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

8.4.3. Importação de PAM por país

Analisando os dados por origem do país de importação, gráfico 17, constata-se que a Espanha domina, sendo de imediato seguida pela França e Bélgica. Estes três Estados Membros representam, sozinhos, 73% do total, que passa a 87% se contabilizarmos só os países da UE.

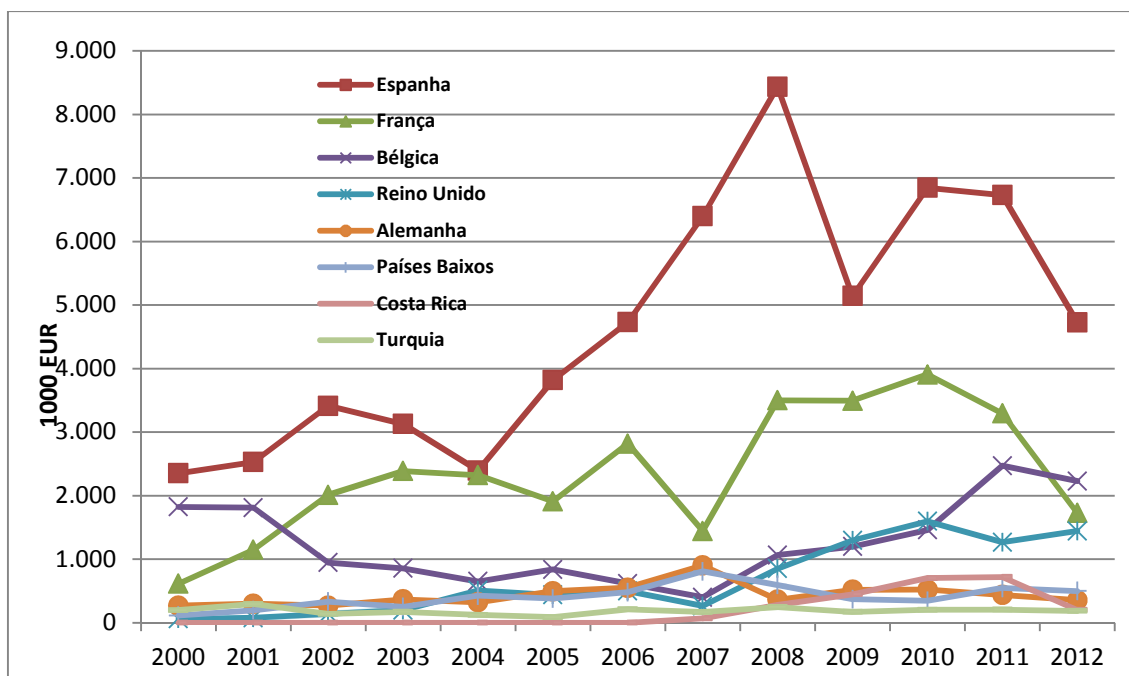
Gráfico 17. Importação total de PAM por país – EUR (média 2000-2012)



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

Se analisarmos estas importações ao longo do tempo, gráfico 18, Espanha e França mantêm sempre a sua liderança, embora com evoluções acentuadas e semelhantes nas tendências.

Gráfico 18 . Evolução da Importação total de PAM por país, de 2000 a 2012

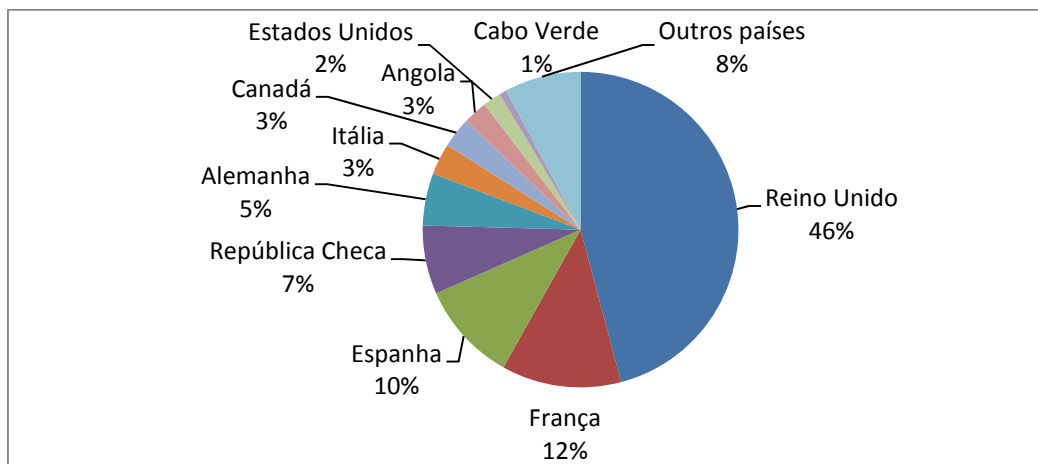


Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

8.4.4. Exportação de PAM por país

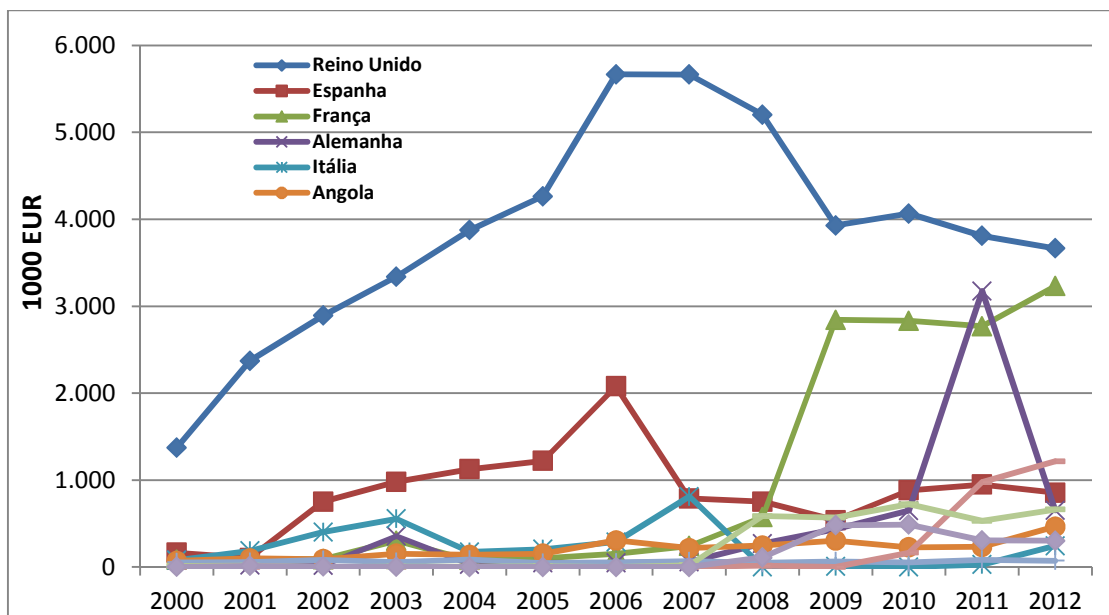
Relativamente às exportações, o Reino Unido tem sido o nosso principal cliente, com uma posição dominante, e que tem mantido ao longo dos últimos anos, quadro 63 e gráfico 19. Segue-se a Espanha e a França, e a Alemanha vem em 5º lugar, em termos históricos. Contudo, os últimos anos mostram que esta situação se modificou, com o forte crescimento das exportações para França a partir de 2008, e para a Alemanha a partir de 2010.

Gráfico 19. Exportação total de PAM por país – EUR (média 2000-2012)



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

Gráfico 20. Evolução da exportação total de PAM por país, de 2000 a 2012



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

8.4.5. Balança comercial com os principais parceiros comerciais

Procura-se, seguidamente, analisar a situação das trocas com os nossos principais parceiros, quadro 70 e gráficos 21 a 24. Verifica-se que o nosso saldo é sempre positivo com o RU, com a Alemanha a partir de 2010 e com a França em 2012. Com a Espanha é sempre negativo.

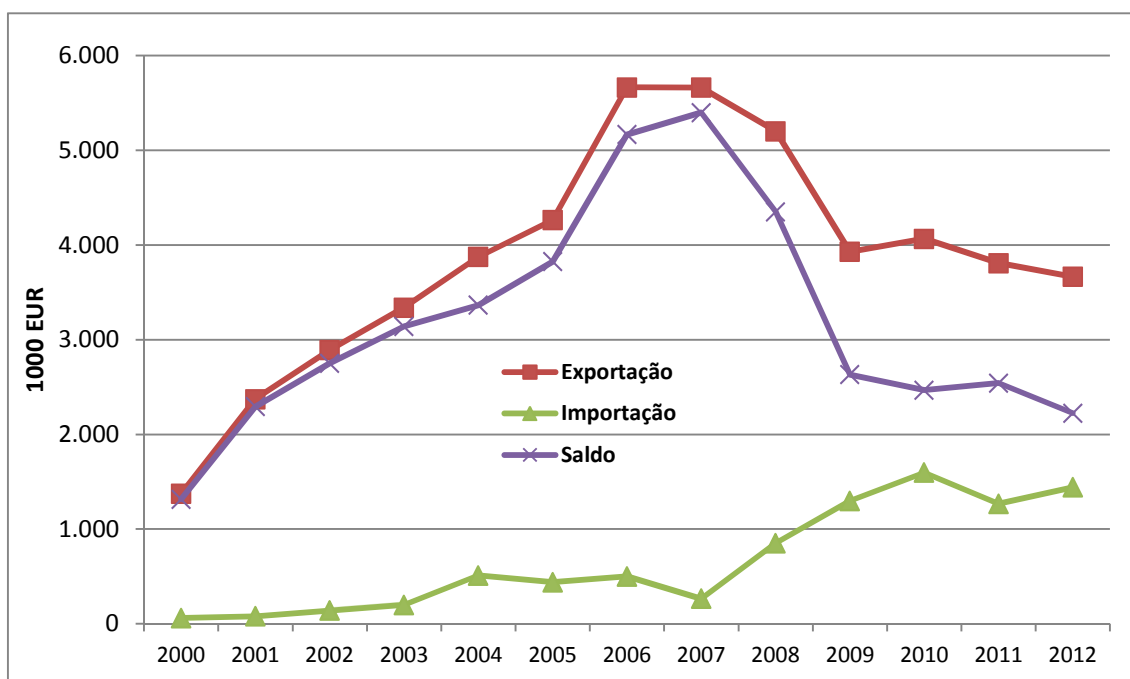
Quadro 70. Saldo do comércio internacional das PAM para os principais países, de 2000 a 2012

	Reino Unido	Espanha	França	Alemanha
2000	1 314	-2 188	-531	-187
2001	2 294	-2 425	-1 055	-281
2002	2 752	-2 660	-1 922	-251
2003	3 141	-2 149	-2 084	-12
2004	3 366	-1 270	-2 242	-292
2005	3 826	-2 598	-1 811	-448
2006	5 167	-2 650	-2 668	-503
2007	5 399	-5 611	-1 202	-842
2008	4 351	-7 684	-2 927	-94
2009	2 631	-4 603	-650	-85
2010	2 468	-5 962	-1 076	127
2011	2 541	-5 781	-526	2 736
2012	2 223	-3 872	1 502	297

Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares) Unidade: 1000 EUR

O saldo com o RU diminui devido das exportações e aumento das importações (gráfico21).

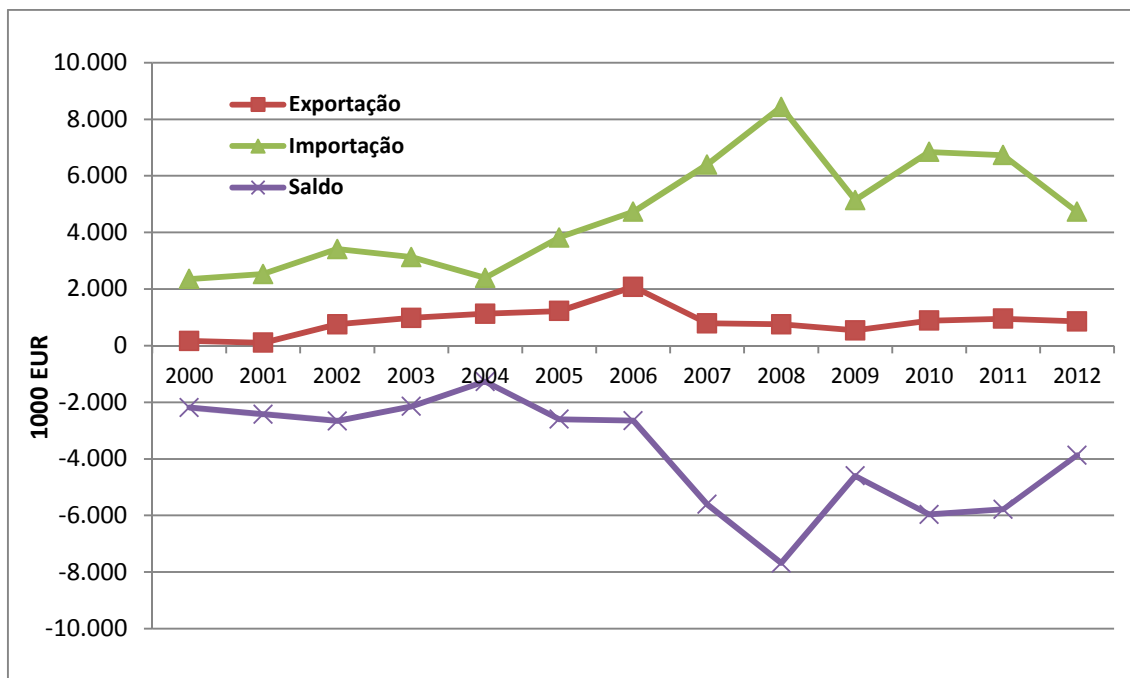
Gráfico 21. Balança comercial das PAM - Portugal versus Reino Unido



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

O nosso comércio com a Espanha (gráfico 22) mostra uma evolução negativa do saldo devido ao aumento das importações, já que as exportações se mostram estáveis.

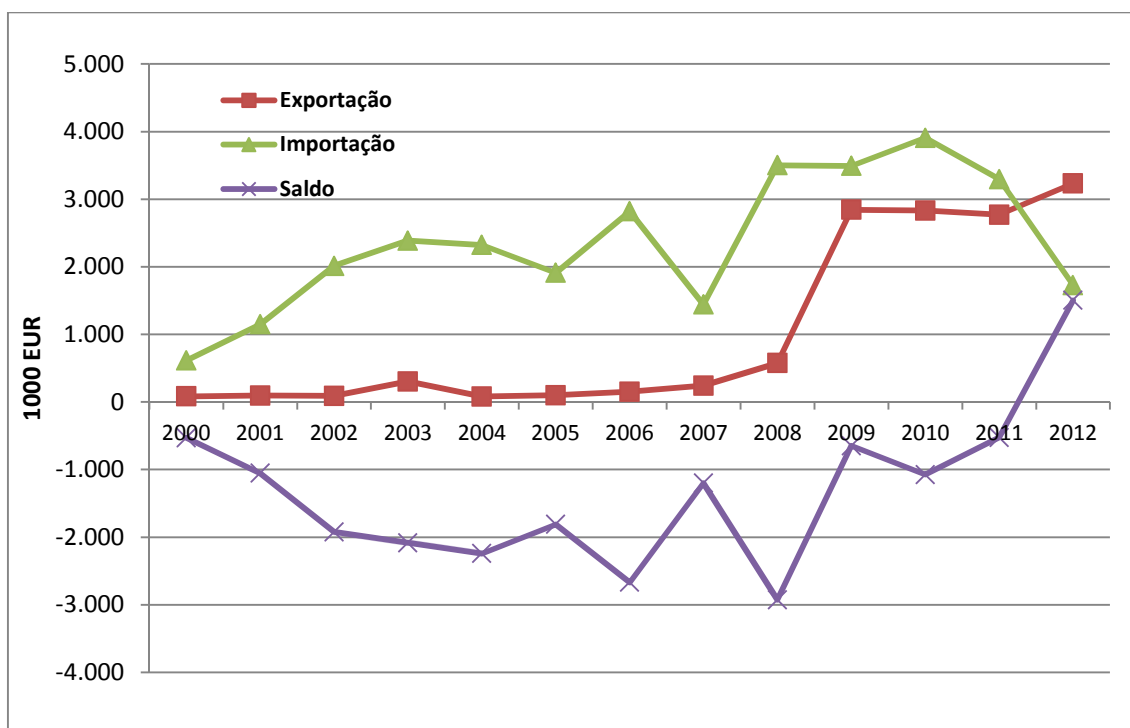
Gráfico 22. Balança comercial das PAM - Portugal versus Espanha



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

As trocas com França mostram um aumento acentuado em 2008 e mantido após esta data, com o conseqüente aparecimento de um saldo positivo, pela primeira vez, em 2012 (gráfico 23).

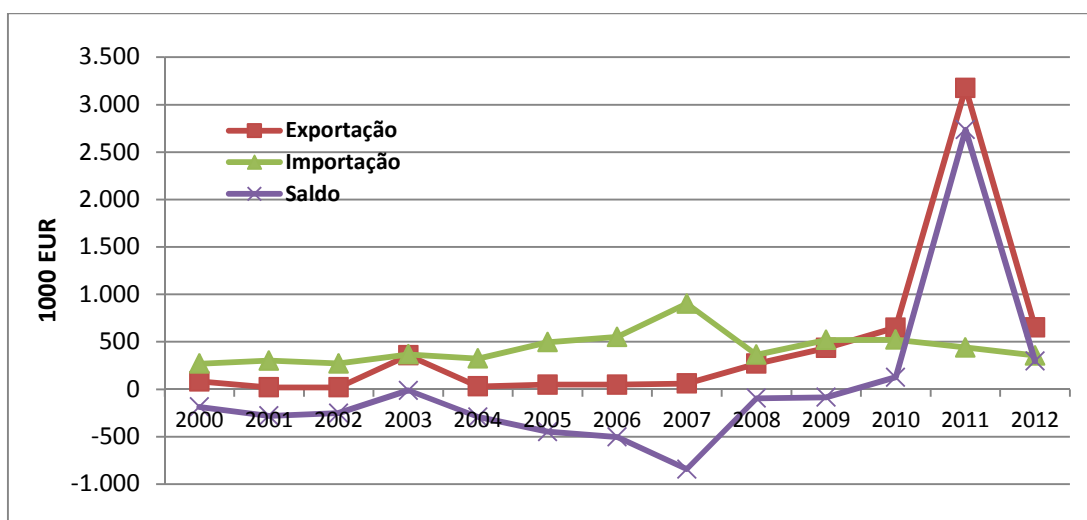
Gráfico 23. Balança comercial das PAM - Portugal versus França



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

Finalmente, a evolução das trocas com a Alemanha (gráfico 24), mostra um salto no ritmo das exportações em 2011, de grande importância, pois arrastou a balança comercial para uma zona positiva, mas os dados, preliminares, de 2012 mostram um retrocesso aos anos anteriores.

Gráfico 24. Balança comercial das PAM - Portugal versus Alemanha



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

8.4.6. Balança comercial por grupo de produtos

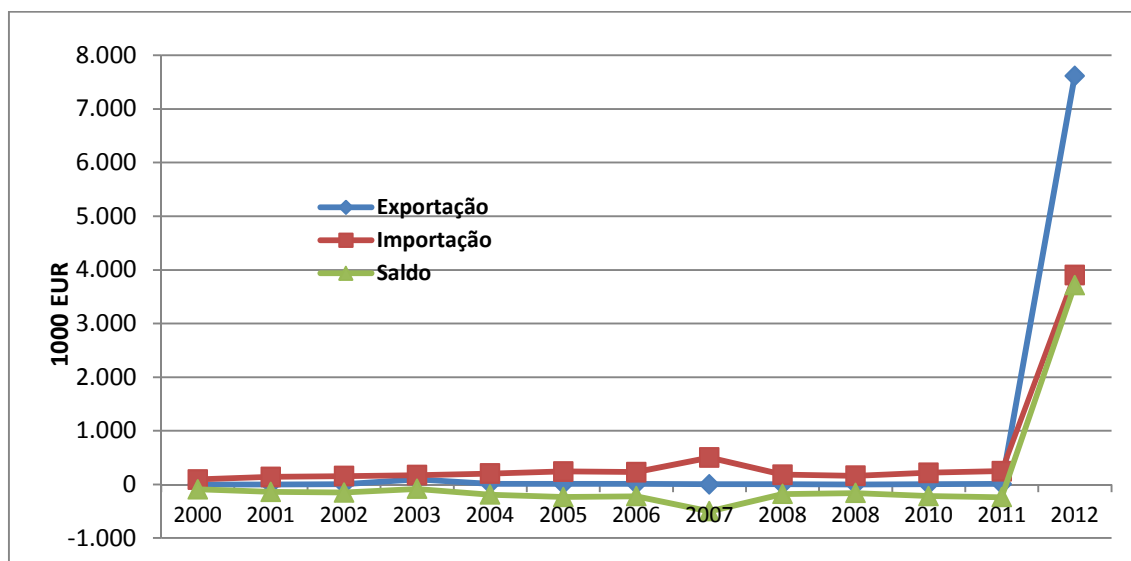
Analisando a balança comercial por grupos de produtos, começando pelos frescos (quadro 71 e gráfico 25), verifica-se uma constância no saldo negativo, com grande desproporção entre as importações e exportações, grande estabilidade ao longo dos anos, com exceção de 2012. Neste ano as exportações e as importações aumentaram exponencialmente, mas com um crescimento extraordinário das exportações do subgrupo “outros frescos”, que contém 12 produtos, ver quadro 66, e para os quais não temos dados individualizados.

Quadro 71. Comércio internacional das PAM – Grupo “Frescos”, de 2000 a 2012

	Exportação	Importação	Saldo
2000	2	93	-92
2001	2	142	-140
2002	3	154	-151
2003	92	174	-82
2004	13	203	-190
2005	9	243	-234
2006	8	230	-222
2007	2	502	-501
2008	2	181	-179
2008	1	161	-160
2010	2	219	-217
2011	8	248	-240
2012	7 617	3 904	3 713

Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares) Unidade: 1000 EUR

Gráfico 25. Balança comercial das PAM – Grupo “Frescos”



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

No grupo das especiarias, quadro 72 e gráfico 26, constata-se uma alteração de tendência em 2008, com o aparecimento, pela primeira vez, de um saldo positivo ainda pouco significativo,

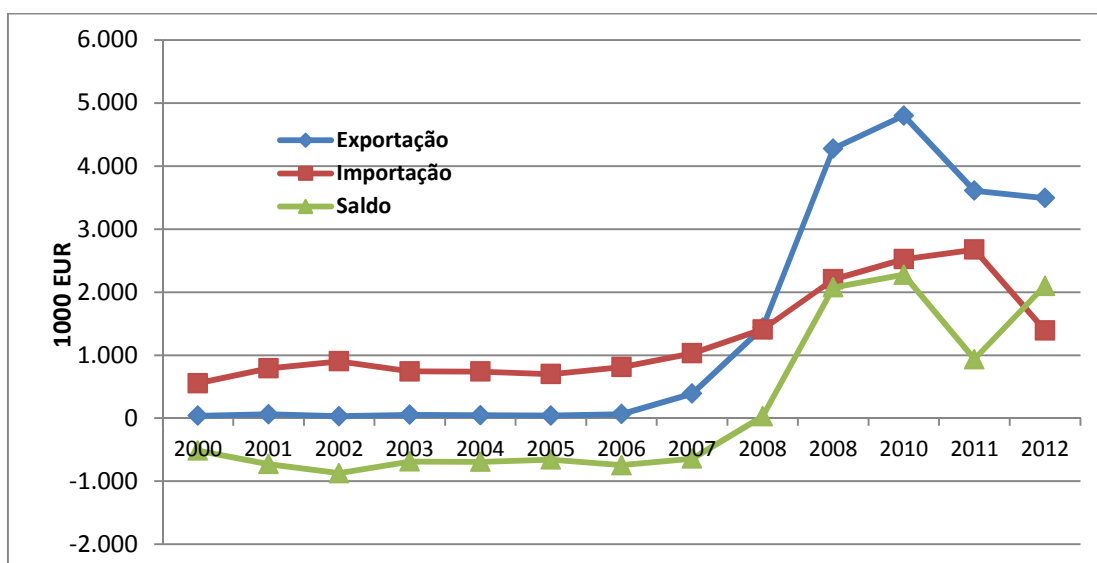
mas que nos anos seguintes dispara para valores de níveis idênticos aos da importação, graças ao aumento extraordinário das exportações, das quais pode-se identificar o açafraão como determinante. A partir dos dados para esta especiaria, sabe-se que a partir de 2009 se dá um salto nas importações para atingir um pico em 2010 e de volta aos níveis de 2009 em 2012. Nestes anos as exportações igualmente atingiram um pico em 2010, seguindo-se uma diminuição nos anos seguintes. Estes movimentos são coerentes com a evolução referida (quadro 72) e podem explicar, parcialmente, a situação.

Quadro 72. Comércio internacional das PAM – Grupo “Especiarias”, de 2000 a 2012

	Exportação	Importação	Saldo
2000	40	556	-516
2001	61	790	-728
2002	31	903	-872
2003	55	743	-688
2004	48	740	-692
2005	42	699	-656
2006	65	810	-745
2007	390	1 030	-641
2008	1 436	1 407	29
2008	4 277	2 203	2 075
2010	4 800	2 523	2 277
2011	3 610	2 675	936
2012	3 493	1 394	2 100

Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares) Unidade: 1000 EUR

Gráfico 26. Balança comercial das PAM – Grupo “Especiarias”



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

O grupo sementes, quadro 73, apresenta uma constância nas exportações com alguns anos de picos, mas uma tendência crescente nas importações, gráfico 27, e o consequente saldo comercial negativo, de valor quase idêntico dado o peso relativamente pequeno das exportações deste grupo.

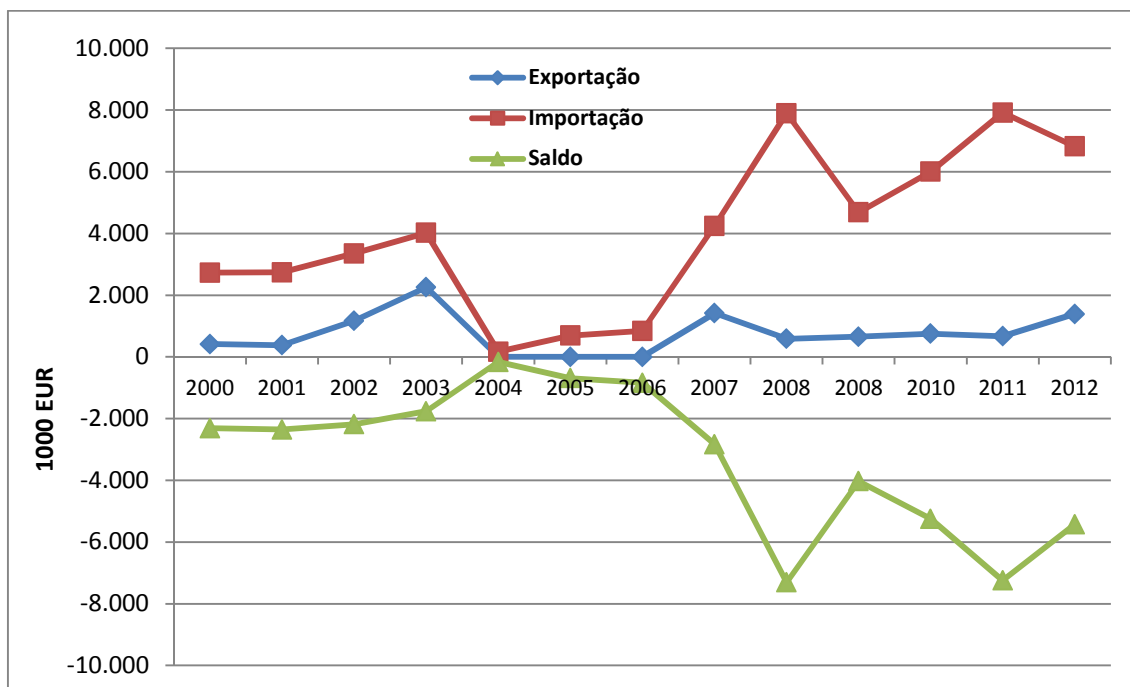
Quadro 73. Comércio internacional das PAM – Grupo “Sementes”, de 2000 a 2012

	Exportação	Importação	Saldo
2000	418	2 730	-2 311
2001	382	2 737	-2 356
2002	1 167	3 351	-2 184
2003	2 259	4 019	-1 760
2004	1	167	-166
2005	0	690	-690
2006	1	842	-841
2007	1 416	4 246	-2 829
2008	587	7 896	-7 308
2008	657	4 686	-4 029
2010	753	6 002	-5 249
2011	671	7 918	-7 247
2012	1 392	6 822	-5 430

Unidade: 1000 EUR

Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

Gráfico 27. Balança comercial das PAM – Grupo “Sementes”



Fonte: INE (2011 - dados provisórios; 2012 - dados preliminares)

9. Conclusões

As plantas aromáticas, medicinais e condimentares, PAM, são um universo complexo e vasto, abrangendo uma quantidade de espécies quase ilimitadas, com múltiplas utilizações. As PAM são utilizadas principalmente pela indústria farmacêutica, química, cosmética ou alimentar, podem ser utilizadas diretamente ou transformadas, das formas mais simples às mais elaboradas, como a da extração de substâncias ativas ou óleos essenciais.

Sempre foram conhecidas e utilizadas pelo Homem, mas só recentemente se assistiu, em Portugal Continental, ao interesse pela sua produção de forma organizada e conduzida.

O crescimento destas explorações agrícolas, sem informação estatística atualizada, levou à realização pelo GPP de um inquérito ao setor, por via eletrónica, com o apoio de produtores e associações ligadas ao setor, em 2012. A aderência ao inquérito *online* realizado pela primeira vez a produtores agrícolas foi positiva, o universo auscultado e taxa de respostas consideradas representativas: dos 147 produtores de PAM identificados com áreas a partir de 5 ares, 106 responderam ao inquérito, 72% do universo. Com os dados obtidos e informação adicional, com realce para o ProDer, foi possível elaborar um retrato atual e mais completo do setor.

As explorações de PAM terão duplicado nos últimos 3 anos: passaram de 93 segundo o Recenseamento Agrícola de 2009, RA09, para 147, identificados no inquérito do GPP às PAM, e as áreas passaram de 80 ha para 180 ha, respetivamente.

O setor é jovem e de elevada formação escolar, 80 % do total dos inquiridos tem menos de 50 anos e 76 % tem formação superior, embora só metade seja agrícola. O seu crescimento é, sobretudo, resultado da entrada de novos agricultores jovens, dos quais 138 viram os seus projetos aprovados pelo ProDer entre 2008 e 31 de março de 2013, correspondendo a mais de 240 ha, de que 150 ha foram aprovados após 2012. Até 2007 só 20% dos produtores inquiridos estava em produção, após 2010 entraram mais de dois terços e num único ano, em 2012, 29% iniciaram a sua atividade.

Um terço dos produtores vende a produção em verde e dois terços vendem a planta seca, 10% dedica-se à extração de óleos essenciais e um quarto dos inquiridos são viveiristas. No segmento dos verdes é determinante o modo de produção convencional, e no seco domina o biológico.

A dimensão média das explorações é baixa, 2,5 ha por produtor, mas triplica quando passa de 1,65 ha por produtor de "seco biológico" para 4,84 ha por produtor "verde convencional". Embora concentradas na zona costeira, as PAM estão disseminadas por todo o território.

O mercado interno, com a venda direta ao consumidor utilizada por 47% dos inquiridos, é o principal canal de escoamento, mas o mercado externo está igualmente presente, sendo mais importante para os produtores de seco biológico, por vezes o único canal de escoamento.

O setor duplicou o número de produtores e área de produção nos últimos anos, devido principalmente à entrada de recursos jovens, de fora da área agrícola e com elevado nível de escolaridade, instalados principalmente no segmento do "seco biológico", ainda em fase de instalação e com elevado potencial de produção.

Foi efetuada a primeira estimativa do **valor económico da produção primária**, calculada a partir do valor padrão de produção, VPP, para as várias tipologias de produção: o VPP do fresco convencional é de 109 mil €/hectare e o do fresco biológico de 249 mil €/há; o VPP das secas em biológico é de 18 mil €/ha, e para os viveiros de 81 mil €/ha.

Com estes VPP pôde-se estimar dois valores económicos para a produção bruta total do setor: o valor real/atuado a partir da produção efetiva declarada (75,5 ha), e o valor que poderá ser atingido quando toda a área declarada no inquérito estiver em produção (180 ha), designado valor potencial, respetivamente de 4,7 e 13 milhões €. Ou seja, quando as áreas declaradas em 2012 estiverem em produção, poderemos estar perante um aumento da produção de 165%.

O valor real da produção bruta atual foi estimado em 4,7 milhões de €, mas poderá passar para 13 milhões de € se a área declarada em 2012 entrar em produção.

Aprofundando cada uma das tipologias estudadas verifica-se que, nas **PAM frescas** dominam as espécies temporárias, de ciclo muito curto, proporcionando flexibilidade da oferta em resposta às flutuações da procura. O ajustamento da produção pode ser feito de forma rápida e eficaz, por mudança de cultura ou pela diminuição ou aumento de área, com as mesmas ou com novas sementeiras. Se se tratar duma cultura de espécie lenhosa e permanente, a falta de procura pode levar à não colheita/corte de material fresco, ou apenas do necessário, ou, no caso inverso, a intensificar os cortes.

Com os excedentes da produção em fresco pode-se produzir conservas ou secar, que, com embalagem própria, permite a venda ao retalho ou diretamente ao consumidor. Esta flexibilidade poderá explicar as grandes variações constatadas nas produtividades físicas.

No grupo das **PAM frescas em produção convencional**, a área dedicada à atividade está subutilizada, com a produção a ser feita em cerca de 32% da área declarada. A produtividade média verificada é muito inferior ao valor padrão, o valor mais frequente. Igualmente a grande amplitude do intervalo das produtividades físicas demonstra que muitos produtores não estão em plena produção: ou só colhem de acordo com a procura, como atrás referido, ou estão condicionados na colheita por outros fatores, por exemplo, a disponibilidade de mão-de-obra.

A dimensão das parcelas ocupadas é muito pequena, com exceção da cultura dos coentros. Esta espécie em particular, além de ocupar maior área, está disseminada por quase todas as explorações, o que explica um valor elevado do VPP.

As maiores explorações, isto é, as que apresentam maior área por espécie, trabalham normalmente sob contrato, abastecendo internamente a grande distribuição e enviando produto também para o exterior. As pequenas explorações vendem, regra geral, diretamente ao consumidor, mas o pequeno comércio e os intermediários detêm igualmente um peso importante nos seus canais de escoamento.

A subutilização da área é também muito importante no que respeita às **PAM frescas biológicas**. A área em produção representa 31% da área declarada para a cultura, e a dimensão física das produções é ainda mais reduzida. Verifica-se, por vezes, uma multiplicidade de culturas/espécies, transformando a atividade num agregado de canteiros, ou

de blocos de ensaios, com produtividades algo irrisórias nalguns casos, e percebendo-se o cultivo de algumas espécies para dar resposta ao solicitado pelo comprador. As explorações procuram vender para empresas de restauração, que podem garantir encomendas a preços elevados e compensadores. Dada a pequena dimensão da produção, ela é vendida essencialmente para o mercado interno, em feiras e casas da especialidade (bio), ou em zonas demarcadas das grandes superfícies. Por vezes, nos casos de maior sucesso, com capacidade de inovação, o mercado externo já tem dimensão.

Relativamente às **PAM secas biológicas**, a maioria das espécies é lenhosa e arbustiva, com uma vida útil superior a 5-7 anos. Ocupando a maior área dentro das PAM, a maioria das explorações encontra-se, contudo, ainda em fase de instalação, sendo muito poucos aqueles que já estão em plena produção. Por vezes também se constata que a colheita só é feita quando existe comprador. Em consequência, a produtividade física observada também é menor que a tida como padrão no VPP, embora se constate a existência de produtividades muito elevadas, nalguns casos o dobro da considerada para a determinação do VPP.

A dimensão física média das empresas é baixa, a maioria varia entre 1-1,5 ha, concentrando-se em cerca de 3 a 4 espécies, com uma dimensão média por cultura de 0,3-0,4 ha. Na maioria dos casos o solo é coberto com tela, a qual se mantém alguns anos. A tela, sobretudo em cobertura total, evita o desenvolvimento de infestantes mas não permite incorporações intermédias de matéria orgânica sólida, só possíveis na forma líquida, e dificulta uma boa gestão do arejamento do solo. Esta opção, discutível do ponto de vista dos conceitos de base do modo de produção biológico, pode provocar carências e traduzir-se numa curva de produção atípica, com quebras de produtividade superiores ao normal para a idade da planta.

Por outro lado, tendo em conta que, na maioria dos casos, são jovens agricultores, muitos de fora do setor agrícola e/ou sem experiência, é possível que se encontrem em fase de observação e decisão, cultivando em parcelas pequenas, ou ensaios grandes. A aprovação ou eliminação de uma determinada espécie é feita pelos próprios, de acordo com vários fatores: o conhecimento adquirido relativamente à adaptabilidade das culturas às condições edafoclimáticas; as condições de oferta de mão-de-obra; a maior ou menor facilidade na aquisição de equipamentos para colheita, secagem, separação das folhas ou outras operações culturais; a existência de comprador e o conhecimento do mercado.

A implantação das culturas é, normalmente, feita com material de propagação vegetativa, proveniente de viveiristas conhecidos. Para a retanchar de plantas e novas áreas a serem implantadas numa exploração já existente, o material vegetativo já é criado dentro da própria exploração que mantém, com essa finalidade, um “viveiro” adequado às suas necessidades, constituindo uma extensão da empresa.

Os preços observados podem apresentar grandes amplitudes, de acordo com a forma de venda, a granel ou embalado, planta inteira ou apenas a folha, a um intermediário ou diretamente ao consumidor, para o mercado interno ou para o externo. Algumas formas de escoamento como o embalamento e venda na exploração podem criar um valor acrescentado importante para a empresa mas para tal é necessário ter cliente. O setor também dá resposta à procura de PAM para ornamentação, ou para a culinária caseira, normalmente sob a forma de vasos.

O retrato elaborado mostra um setor com potencial de crescimento elevado, quer pelas explorações já criadas mas ainda em fase de instalação ou início de produção, quer pelos projetos de investimento aprovados e ainda não concretizados, centrado no segmento das PAM biológicas para secar.

A situação apresenta-se, contudo, algo complexa para este segmento. A avaliação do ponto de vista económico mostra fragilidades que se podem tornar insustentáveis.

As explorações de PAM são, no geral, mão-de-obra e capital-intensivas, e exigentes do ponto de vista técnico. Se a pequena dimensão e a existência de apoios públicos facilitaram a entrada no setor, as exigências técnicas, a necessidade de utilização de mão-de-obra, os custos financeiros aliados às necessidades de gestão, a que se adicionam as dificuldades de escoamento, podem constituir-se como fatores limitantes ou adversos. Se a pequena dimensão foi fator de atração, esta pode constituir-se como uma forte limitação quando se trata de colocar o produto no mercado, de forma individualizada.

As PAM estão num mercado em desenvolvimento a nível comunitário e mundial, para quase todos os tipos de utilização. A necessidade de criar dimensão para poder aceder a este mercado é, pois, fundamental, para que o potencial existente possa ser uma realidade.

Por outro lado, se os números do setor são “pequenos”, o seu impacto pode ser substancialmente maior do que os valores em questão induzem, não mensurável pelos números. A capacidade de criação de emprego em meio rural é da maior importância, e o setor foi uma porta aberta para a entrada de jovens agricultores, de fora do setor, com um nível de formação elevado, introduzindo um fator de mudança no panorama do setor agrícola português, extremamente envelhecido e com fraco nível de formação.

As PAM são igualmente uma oportunidade para a diversificação das explorações já instaladas. O seu sucesso será também o dos territórios onde se instalam pela criação de emprego gerada.